



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ROSILDA FERREIRA DE OLIVEIRA GUILHERME

**APAGAMENTO DO RÓTICO EM VERBOS NO INFINITIVO, EM DADOS
ESCRITOS, DO 8º E 9º ANOS**

PORTO NACIONAL, TOCANTINS

2022

ROSILDA FERREIRA DE OLIVEIRA GUILHERME

**APAGAMENTO DO RÓTICO EM VERBOS NO INFINITIVO, EM DADOS
ESCRITOS, DO 8º E 9º ANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carine Haupt

PORTO NACIONAL, TOCANTINS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G956a Guilherme, Rosilda Ferreira de Oliveira.

Apagamento do rótico em verbos no infinitivo, em dados escritos, do 8º e 9º anos. / Rosilda Ferreira de Oliveira Guilherme. – Porto Nacional, TO, 2022.

123 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2022.

Orientadora : Carine Haupt

1. Apagamento. 2. Rótico. 3. Coda silábica. 4. Ensino Fundamental II. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROSILDA FERREIRA DE OLIVEIRA GUILHERME

APAGAMENTO DO RÓTICO EM VERBOS NO INFINITIVO, EM DADOS ESCRITOS, DO 8º E 9º ANOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carine Haupt

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Carine Haupt – UFT (Orientadora)

Prof.^a. Dra. Daniela Mara Oliveira Guimarães – UFMG (1^a examinadora)

Prof. Dr. José Edicarlos Aquino – UFT (2º examinador)

Porto Nacional, 2022

*Dedico este trabalho a todos os professores
de Língua Portuguesa, em especial,
aos meus professores do Ensino
Fundamental que me ensinaram a
gostar das letras.*

Tudo posso Naquele que me fortalece!

(Filipenses 4.13)

AGRADECIMENTOS

Não importam as circunstâncias e não importam as adversidades, por mais difícil que seja eu vou seguir em frente e vou reunir todas as forças para que eu me transforme cada vez mais na pessoa que eu decidir ser.

Madre Tereza de Calcutá

Gratidão a Deus por seu infinito amor e por esta realização na minha vida.

Agradeço a minha orientadora, professora Carine Haupt, pela condução nesse processo de escolhas, de caminhos a percorrer para construção desse trabalho. Obrigada, professora, por compartilhar comigo seus conhecimentos.

Agradeço a todos os professores da Universidade Federal do Tocantins que tive a oportunidade de estudar e aprender sobre Linguística em diferentes perspectivas: Carine, Dalve, Edicarlos, Greize, Karylleila e Neila.

Agradeço aos professores Daniela Mara Oliveira Guimarães e José Edicarlos de Aquino por aceitarem fazer parte da minha banca e pelas valiosas sugestões para aprimoramento do meu trabalho.

Agradeço à Universidade Federal do Tocantins por oportunizar uma pós-graduação em Letras no câmpus da nossa cidade e à coordenação do curso por nos atender prontamente.

Agradeço à Secretaria Estadual de Educação por disponibilizar a minha licença para aperfeiçoamento profissional.

Gratidão aos meus colegas de pós-graduação pelo aprendizado, companheirismo e partilha.

Gratidão aos meus familiares pelo incentivo, em especial aos meus pais Anezio e Maria por não medir esforços para que eu pudesse estudar. Gratidão a minha irmã Conceição por sempre me animar.

Gratidão a meu esposo Dílson pelo incentivo, carinho, cuidado e apoio incondicional em todos os momentos desta caminhada.

Gratidão aos meus filhos Gabriel e Eduardo pelo incentivo e por acreditarem que eu conseguiria realizar esse sonho acadêmico. Vocês são luz na minha vida.

Aos amigos e todos que torceram por mim e me ajudaram a chegar até aqui. Obrigada.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar o apagamento do rótico, de verbos no infinitivo, em dados escritos de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental II. O aporte teórico deste estudo é baseado na Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2016) e na Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2000, 2010). A frequência e o uso são fundamentais nos modelos baseados no uso e “a frequência é a responsável pelo fortalecimento ou enfraquecimento dos itens estocados.” (HUBACK, 2007, p. 143). A teoria adotada, neste estudo, possibilitou analisar a frequência tipo, de ocorrência e apagamento. O *corpus* deste estudo é formado pelo Banco de Dados Escritos - BADESC. O BADESC é constituído por produções textuais do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, de três escolas públicas do município de Porto Nacional TO. Para a realização da pesquisa, utilizamos apenas as produções do 8º e 9º anos. O levantamento de dados foi realizado com o auxílio do *software WordSmith Tools 8.0*. A partir dos dados coletados, foi possível: identificar as frequências tipo e de ocorrência, verificar a relação da frequência dos verbos com o apagamento, analisar os verbos com maior número de apagamentos e observar se a extensão do vocábulo e escolaridade são condicionantes do apagamento. Os dados revelaram que os verbos terminados em -ar apresentaram maior frequência de ocorrência e tipo, bem como de apagamento. Os resultados concernentes ao apagamento do rótico mostraram que houve a manutenção do rótico em 84,15% dos verbos e supressão em 15,85% dos verbos. A partir da análise, depreendemos que, em relação à frequência de ocorrência e o apagamento do rótico, os verbos de alta frequência não foram os que sofreram o maior número de apagamento, mas os verbos de baixa frequência. Esse dado evidencia a influência dos três verbos mais frequentes: *ser, fazer, ter*, indicando que o fato do verbo ser mais frequente não interferiu no apagamento do rótico na escrita. Analisando a extensão do vocábulo, observamos que os verbos polissílabos foram os mais produtivos ao cancelamento do rótico. Por outro lado, constatamos que os monossílabos foram os menos apagados. Quanto ao grau de escolaridade, as produções do 9º ano apresentaram um percentual maior de apagamento em relação às produções do 8º ano.

Palavras-chave: Apagamento. Rótico. Coda silábica. Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the deletion of rhotics in infinitive forms of verbs, in written data of the final grades of Elementary Education II students. The theoretical approach of this study is based on Usage-Based Phonology (Bybee, 2001, 2016) and the Exemplar Theory ((PIERREHUMBERT, 2000, 2010). The frequency and the usage are foundational in the models based on the use and “the frequency is responsible for the strengthening or weakening of the stored items” (HUBACK,2007,p.143). The assumed theory, in this study, has made it possible to analyze the type, occurrence and deletion frequencies. The *corpus* of this research is formed by the Banco de Dados Escritos – BADESC. The BADESC is made up by text productions in the Elementary Education II, from the 6th to the 9th grade, of three public schools in the city of Porto Nacional TO. To carry out the research, only the productions of the 8th and 9th grades were used. The data inventory was accomplished with the help of the *WordSmith Tools 8.0 software*. From the collected data, it was possible to identify the type and of occurrence frequencies, to verify the relationship between the frequency of the verbs and the deletion, to analyze the verbs with the largest number of deletions and to observe if the extension of the word and the schooling are the deletion constraints. The data unveiled that the verbs ending in –ar presented larger frequencies of occurrence and type, as well as of deletion. The results pertaining to the deletion of the rhotic showed that there had been the maintenance of the rhotic in 84,15% of the verbs and the omission in 15,85% of the verbs. As of the analysis, we surmised that, concerning the frequency of occurrence and the deletion of the rhotic, the verbs of high frequency were not the ones that undertook the largest number of deletion, but rather the ones of low frequency. That *datum* emphasizes the influence of the three more frequent verbs: *ser*, *fazer* and *ter*, thus suggesting that the fact of being a more frequent verb did not interfere on the deletion of the rhotic, in written form. Traversing the word extension, we remarked that the polysyllable verbs were the more productive to the deletion of the rhotic. Conversely, we realized that the monosyllable ones were the least cleared. In terms of schooling, the productions of the 9th grade presented a larger percentage of deletion with regard to the 8th grade productions.

Keywords: Deletion. Rhotic. Syllabic coda. Elementary Education II.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS:

Figura 1: Nuvem de exemplares.....	22
Figura 2: Conexões lexicais com o sufixo -dor.....	23
Figura 3: Exemplares das palavras: pinheiro e deixa.....	24
Figura 4: Periodização da história da ortografia portuguesa.....	27
Figura 5: As principais mudanças ortográficas ocorridas no Brasil.....	29
Figura 6: Apagamento em coda final em verbos e não-verbos nas capitais do Nordeste brasileiro.....	61
Figura 7: Exemplo de digitação dos textos que compõem o <i>corpus</i>	70
Figura 8: Lista gerada pelo Concord com verbos da 1ª conjugação.....	71
Figura 9: Resultado da busca da frequência de ocorrência no <i>corpus</i> NILC.....	73
Figura 10: Produção escrita com apagamento do rótico (Texto 1).....	85
Figura 11: Produção escrita com manutenção do rótico (Texto 2).....	85

QUADROS:

Quadro 1: Comparação entre a proposta tradicional e o Modelo de Exemplares.....	24
Quadro 2: Correspondências regulares.....	30
Quadro 3: Casos de regularidades contextuais.....	31
Quadro 4: Regularidades morfológico-gramaticais em substantivos, adjetivos e verbos.....	33
Quadro 5: Irregularidades do sistema ortográfico.....	34
Quadro 6: Habilidades relacionadas ao ensino de ortografia no Ensino Fundamental.....	37
Quadro 7: Emprego das relações contextuais nas produções textuais.....	40
Quadro 8: Emprego das relações irregulares nas produções textuais.....	42
Quadro 9: Distribuição do r-fraco, r-forte e arquifonema /R/.....	49
Quadro 10: Características articulatórias dos róticos e seus correlatos acústicos.....	51
Quadro 11: Estudos da variação do rótico na fala.....	56
Quadro 12: Estudos da variação do rótico na escrita.....	62

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELAS:

Tabela 1: Apagamento do rótico segundo a classe morfológica	58
Tabela 2: Frequência tipo dos verbos no infinitivo no <i>corpus</i> do BADESC	75
Tabela 3: Frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo no <i>corpus</i> do BADESC.....	75
Tabela 4: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -ar no <i>corpus</i> do BADESC ...	76
Tabela 5: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -er no <i>corpus</i> do BADESC ...	77
Tabela 6: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -ir no <i>corpus</i> do BADESC....	78
Tabela 7: Frequência tipo dos verbos no infinitivo no <i>corpus</i> do NILC.....	79
Tabela 8: Frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo no <i>corpus</i> do NILC.....	79
Tabela 9: Comparativo dos 20 verbos mais frequentes nos corpora NILC/BADESC.....	80
Tabela 10: Frequências dos verbos no infinitivo nos corpora NILC/BADESC.....	82
Tabela 11: Número de apagamento e manutenção do r nos dados BADESC.....	86
Tabela 12: Apagamento de acordo com a frequência de ocorrência dos verbos.....	87
Tabela 13: Verbos mais frequentes e o apagamento do rótico no <i>corpus</i> BADESC	88
Tabela 14: Apagamento de verbos quanto à extensão do vocábulo.....	89

GRÁFICOS:

Gráfico 1: Apagamento e manutenção do rótico no BADESC	84
Gráfico 2: Manutenção e apagamento do rótico por escolaridade	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

ALIB – Atlas Linguístico do Brasil

ALiTTETO: Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins

AC/DC - Acesso a corpos/Disponibilização de corpos

ACL – Academia de Ciências de Lisboa

BADESC - Banco de Dados Escritos

BA - Bahia

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CV – Consoante-Vogal

CVC – Consoante-Vogal-Consoante

FO – Frequência de Ocorrência

FT – Frequência Tipo

GO – Goiás

LD – Livro Didático

MG – Minas Gerais

NEL – Núcleo de Estudos Linguísticos

NILC - Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional

NURC-RJ – Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro

PI – Piauí

PB – Português Brasileiro

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

RN – Rio Grande do Norte

RO – Rondônia

SC – Santa Catarina

SP – São Paulo

TO – Tocantins

UFT – Universidade Federal do Tocantins

VARISUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERSPECTIVA TEÓRICA	18
2.1 Fonologia de Uso	19
2.2 Teoria de Exemplares	22
3 ORTOGRAFIA PORTUGUESA: ENSINO E APRENDIZAGEM	26
3.1 História da Ortografia Portuguesa	26
3.2 O funcionamento do sistema ortográfico brasileiro	30
3.3 Ensino e aprendizagem da ortografia.....	35
3.4 A abordagem da ortografia nos livros didáticos	44
4 OS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	48
4.1 Descrevendo os róticos	48
4.2 O fenômeno do apagamento do rótico em coda silábica	53
4.2.1 Estudos sobre o apagamento do rótico na fala	55
4.2.2 Estudos sobre o apagamento do rótico na escrita.....	62
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	66
5.1 Apresentação do objeto de pesquisa	66
5.2 Banco de dados utilizados.....	68
5.2.1 O <i>corpus</i> BADESC	68
5.2.2 O <i>corpus</i> NILC	72
6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	74
6.1 Apresentação dos Dados	74
6.1.1 Frequência tipo e de ocorrência no <i>corpus</i> - BADESC	74
6.1.2 Frequência tipo e de ocorrência no <i>corpus</i> - NILC.....	79
6.2 Os verbos mais frequentes nos dados NILC e BADESC	80
6.3 Análise e discussão dos dados	83
6.4 Apagamento dos verbos no <i>corpus</i> – BADESC	83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICES	100

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz como proposta a análise do apagamento¹ do rótico em coda silábica² final, de verbos no infinitivo, em dados escritos de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental II. Destacamos a importância dessa análise para entendermos como está acontecendo, na escrita, o fenômeno do cancelamento do rótico, que já é proeminente na fala em diversos dialetos do português brasileiro (PB).

Os sons dos róticos³ possuem inúmeras realizações e apresentam variações tanto na posição medial como na posição final. De acordo com Cristófaros-Silva (2019), os róticos são associados a um som de r, não só na língua portuguesa como também em outras línguas. No português, os sons de r são: o tepe [r], a vibrante [r̃], as fricativas [x, ɣ, h, fi] e retroflexa [ɻ]. A autora destaca que em posição pós-vocálica, os róticos podem ser cancelados ou omitidos em alguns dialetos do português.

Estudos sobre o rótico, na fala, já foram realizados por pesquisadores como Callou, Moraes e Leite (1998, 2002) e Monaretto (1997), dentre muitos outros. O objeto de pesquisa foi o apagamento do rótico em posição final e medial no dialeto em diferentes partes do Brasil. Os resultados das três pesquisas comprovam que o índice de apagamento é maior na sílaba final da palavra do que em posição interna. De acordo com Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento já era observado nos “falares incultos” e eram utilizados no teatro para reproduzir o linguajar dos escravos. Os autores ressaltam que hoje não há distinção entre classes, esse fenômeno está presente no dialeto de vários estratos sociais. Ressaltamos que essa mudança, na fala, foi gradual, pouco perceptível e sem impacto social.

Diante da constatação de que há inúmeros estudos da variação do rótico em dados de fala e poucos trabalhos que tratam do apagamento na escrita, optamos por pesquisar esse fenômeno em produções escritas das séries finais do Ensino Fundamental II. Entendemos que

¹ O apagamento é um fenômeno fonológico em que um segmento consonantal ou vocálico é cancelado. Utiliza-se o símbolo Ø para indicar que houve o cancelamento ou o apagamento da consoante ou vogal. (CRISTÓFARO-SILVA, 2019, p. 59/60). No decorrer da dissertação, utilizaremos as palavras cancelamento, supressão e redução como sinônimos de apagamento.

² Coda silábica é um termo adotado pela Fonologia Autossegmental para indicar a parte pós vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal. (CRISTÓFARO-SILVA, 2019, p. 75). No português brasileiro apenas o /s/, /t/ e /l/ ocupam posição de coda silábica que pode ocorrer tanto no meio quanto no final da palavra. Ex.: porta/mar.

³ Os róticos são classes de segmentos consonantais com características articulatorias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si. ((CRISTÓFARO-SILVA, 2017, p. 197).

é importante tratar da variação da língua no ensino da língua materna e analisar até que ponto a oralidade está influenciando a escrita dos estudantes. Dessa forma, esta dissertação pretende contribuir para o entendimento de que o apagamento do rótico é uma questão de variação linguística e deixe de ser tratado simplesmente como mais um desvio ortográfico na escrita de estudantes da fase inicial de escolarização até o término da educação básica.

Nesse sentido, destacamos que é imprescindível a compreensão do que são erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita e erros decorrentes da transposição dos hábitos de fala para a escrita (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54), para que a partir dessa diferenciação, possa direcionar o ensino da língua de forma que o estudante compreenda as normas ortográficas e reconheça as variações da língua.

Adotamos, em nosso estudo, a teoria baseada nos modelos multirrepresentacionais: a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2016) e a Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2000, 2010). A Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2016) elege o uso e a frequência como fatores essenciais na organização lexical e na propagação da mudança sonora no léxico. Nesse sentido, a frequência é um dos pontos essenciais desse modelo. A teoria baseada no uso leva em consideração a experiência e o uso do falante, para armazenar e acessar as palavras que fazem parte do seu léxico mental. De acordo com a referida teoria, “ a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos” (BYBEE, 2001, p.6), ou seja, entendemos que o léxico não é estático; ele vai mudando de acordo com o seu uso e a experiência do falante.

Dessa forma, a frequência com que as palavras são usadas por um falante interfere na organização do conhecimento linguístico e das representações mentais. Bybee (2001) destaca que as palavras usadas com mais frequência são acessadas com mais facilidade do que as usadas com menos frequência. Assim, a frequência e o uso são fundamentais nos modelos baseados no uso. Nessa perspectiva, a autora avalia a frequência⁴ de duas maneiras: a frequência tipo e a frequência de ocorrência. Os dois tipos de frequência foram essenciais para o levantamento de dados da nossa pesquisa, visto que pudemos identificar quantos tipos de verbos e a ocorrência de cada um deles no *corpus* em estudo, bem como no *corpus* utilizado como aporte metodológico.

A Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2000), por sua vez, postula que a memória do falante é organizada em feixes de categorias, que são representadas por uma grande nuvem de exemplares. Os exemplares contêm informações linguísticas e não linguísticas,

⁴ Especificamos os dois tipos de frequência no Capítulo 1.

organizados no léxico mental em forma de redes, sendo agrupados de acordo com identidade ou similaridade fonológica ou semântica.

Segundo (PIERREHUMBERT, 2000), cada exemplar armazena experiências do falante, e as novas palavras aprendidas são classificadas de acordo com a similaridade com outras já armazenadas na representação mental. Esses exemplares são organizados de modo que as memórias semelhantes ficam próximas umas das outras, e as memórias diferentes ficam mais distantes. A teoria assume que as memórias recentes estão mais vivas do que as remotas, ou seja, as palavras ouvidas/aprendidas ontem estão mais presentes na memória do que as ouvidas um tempo atrás.

Desse modo, como as mudanças sonoras foneticamente motivadas tendem a afetar primeiramente as palavras mais frequentes, testaremos a hipótese de que o apagamento, que é um fenômeno de redução e é foneticamente motivado, afetará em maiores proporções os verbos mais frequentes.

O objetivo geral desta dissertação é analisar o apagamento do rótico em coda silábica final, de verbos no infinitivo, na escrita do 8º e 9º anos, com o embasamento teórico da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplares.

Como objetivos específicos da pesquisa temos:

- avaliar se o fato do verbo ser mais ou menos frequente interfere no apagamento do rótico na escrita;
- identificar em qual terminação (-ar, -er, -ir, -or) é mais recorrente o número de apagamento na escrita;
- discutir o fenômeno do apagamento do r, em dados escritos, a partir da proposta teórica da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplares;
- analisar os fatores extensão do vocábulo e escolaridade no apagamento do rótico na escrita dos estudantes.

Escolhemos como público-alvo, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental II. Essa escolha se justifica pelo fato de que o 8º e 9º anos serem a etapa final do Ensino Fundamental em que os estudantes estão em processo de aquisição e consolidação da linguagem escrita e encontram dificuldades em aplicar as normas ortográficas. Em virtude dessas dificuldades, ao longo dos anos escolares, muitos estudantes ingressam no Ensino Médio com uma lacuna na aprendizagem da ortografia.

Dispusemos em nossa pesquisa como *corpus*, um banco de dados coletados em 2012, com produções textuais do Ensino Fundamental II, que compreende do 6º ao 9º anos, de três escolas públicas do município de Porto Nacional TO. Para a composição da nossa pesquisa,

fizemos o recorte e utilizamos apenas as produções das séries finais, ou seja, do 8º e 9º anos, num total de 258 produções, sendo 129 textos de cada série. O referido *corpus* é denominado BADESC e faz parte do projeto intitulado “Abordagens multirrepresentacionais em fonologia e o ensino da ortografia”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Carine Haupt (UFT). O levantamento de dados no BADESC foi realizado com o *software WordSmith Tools*, versão 8.0. O *WordSmith* é um software usado para o levantamento de dados num estudo de linguística de *corpus* e dispõe de três ferramentas: *Wordlist*, *Keywords* e *Concord*. A partir dos dados coletados no BADESC, realizamos o levantamento da frequência tipo, da frequência de ocorrência e dos dados do apagamento do rótico.

Utilizamos na pesquisa, como aporte metodológico, o *corpus* de Extratos de Textos Eletrônicos NILC/Folha de São Paulo, denominado CETENFolha⁵ que possui cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro com base nos textos do jornal Folha de São Paulo que foram compilados pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC). O levantamento de dados no *corpus* do NILC foi realizado de forma *online* no site do Linguateca. A partir dos dados coletados, extraímos as frequências tipo e de ocorrência.

Esta dissertação está organizada, além desta introdução, em cinco capítulos: o primeiro capítulo é constituído pelo referencial teórico que norteia a pesquisa, sendo os modelos multirrepresentacionais representados pela Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplos. Especificamos na primeira seção, a Fonologia de Uso e na segunda seção, a Teoria de Exemplos.

No segundo capítulo, tratamos do ensino e aprendizagem da ortografia portuguesa. O capítulo está dividido em quatro seções: a primeira seção traz um breve resumo da periodização histórica da ortografia portuguesa. A segunda seção trata do funcionamento do sistema ortográfico brasileiro. A terceira seção destaca o ensino e a aprendizagem da ortografia e a quarta seção discute a abordagem da ortografia nos livros didáticos.

No terceiro capítulo, discorremos sobre os róticos do português brasileiro. A primeira seção traz a descrição fonético-fonológica dos róticos. A segunda seção descreve o fenômeno do apagamento do rótico em coda silábica. Nas duas subseções seguintes são apresentados estudos sobre o apagamento do rótico na fala e na escrita.

No quarto capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. A primeira seção apresenta o objeto de pesquisa. A segunda seção descreve os bancos de dados utilizados e os procedimentos utilizados para o levantamento de dados em cada *corpus*.

⁵ O *corpus* está disponível em: <https://www.linguateca.pt/cetenfolha/>

No quinto capítulo, fazemos a apresentação dos dados, a análise e discussão dos resultados referentes às frequências e ao apagamento. A primeira seção apresenta os resultados obtidos em relação à frequência tipo e de ocorrência nos corpora: BADESC e NILC. A segunda seção apresenta os verbos mais frequentes nos dados NILC e BADESC. Na terceira seção, apresentamos a análise e discussão dos dados de apagamento nos verbos do infinitivo no *corpus* BADESC. Finalizando, são apresentadas as considerações finais, as referências consultadas para o embasamento da pesquisa e o apêndice com as listas de ocorrência e de apagamento dos verbos no infinitivo dos corpora pesquisados.

2 PERSPECTIVA TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar o referencial teórico da nossa pesquisa que é baseado nos modelos multirrepresentacionais. De acordo com esses modelos, a experiência e o uso contribuem com a organização e o gerenciamento do conhecimento linguístico. Dentre os modelos multirrepresentacionais, optamos pela Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2016) que elege o uso e a frequência como fatores essenciais na organização lexical e na propagação da mudança sonora no léxico. Escolhemos também a Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2000, 2010). De acordo com a teoria, o conhecimento implícito do falante é probabilisticamente gerenciado e inclui o detalhe fonético e as palavras são organizadas em nuvens de exemplares.

De acordo com Cristófar-Silva (2012) os modelos multirrepresentacionais assumem que os itens lexicais são armazenados e estão dispostos em diferentes níveis representacionais e interconectados e sua auto-organização é dinâmica e está diretamente ligada ao uso. A autora ressalta que os itens lexicais se conectam em várias redes de associações distintas e mesmo sendo interconectados entre si, eles se auto-organizam de maneira diferenciada.

Como foi demonstrado pela autora, os modelos multirrepresentacionais trazem uma nova abordagem para os estudos fonológicos. Nesse sentido, o modelo tradicional não leva em consideração a variabilidade da fala, a dinamicidade da língua, a interrelação entre os itens lexicais. O modelo tradicional postula que o falante possui apenas uma forma de armazenamento dos itens na memória, isto é, a representação mental é única e abstrata e o léxico é desassociado da gramática.

Alguns estudos que adotam os modelos multirrepresentacionais vêm sendo desenvolvidos no Brasil por pesquisadores como Cristófar-Silva e Gomes (2007), Martins e Oliveira-Guimarães (2010), Haupt (2011), Miranda e Oliveira-Guimarães (2013). Esses estudos apontam a contribuição dos modelos multirrepresentacionais “aos modelos variacionistas tradicionais ao incorporar padrões gradientes, variáveis e a probabilidade na organização do conhecimento linguístico” (MIRANDA e GUIMARÃES, 2013, p. 214)

Nessa perspectiva, adotamos as referidas teorias no entendimento de que contribui para o levantamento das frequências tipo e de ocorrência dos verbos e auxiliar na relação frequência de ocorrência e apagamento dos verbos no infinitivo, objeto da nossa pesquisa. Na primeira seção do capítulo, descrevemos a Fonologia de Uso e, na segunda seção, apresentamos a Teoria de Exemplos, especificando as características dessas teorias e suas contribuições para os

estudos da fonética e fonologia que, segundo esses modelos, não são consideradas separadamente, mas de forma interligada, com uma relação de continuidade e dependência.

2.1 Fonologia de Uso

A Fonologia de Uso (BYBEE, 2001, 2016) elege o uso e a frequência como fatores essenciais na organização lexical e na propagação da mudança sonora no léxico. Nesse sentido, a frequência é um dos pontos essenciais desse modelo.

A teoria baseada no uso leva em consideração a experiência e o uso do falante para armazenar e acessar as palavras que fazem parte do seu léxico mental⁶. De acordo com a referida teoria, “ a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos” (BYBEE, 2001, p. 6), ou seja, entendemos que o léxico não é estático, ele vai mudando de acordo com o seu uso e a experiência do falante.

Bybee (2001) aponta que a experiência do falante afeta a representação na memória no uso de formas e padrões tanto na produção quanto na percepção. Para a autora, palavras e frases usadas com mais frequência são acessadas com mais facilidade e têm menos possibilidades de sofrer mudanças analógicas, por outro lado, palavras usadas com menos frequência são mais difíceis de acessar, podendo enfraquecer e até ser esquecidas.

Desse modo, as palavras são estocadas em nossa memória de acordo com as experiências que adquirimos e, à medida que vivenciamos novas experiências, a organização mental do léxico será modificada, já que está relacionada ao uso da língua. Assim, de acordo com a autora, a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos, assim como os padrões que se aplicam a mais itens também são mais fortes e mais acessíveis e, portanto, mais produtivos do que aqueles que se aplicam a menos itens.

Para entendermos essa teoria, Bybee (2001) define como pressupostos teóricos da Fonologia de Uso:

- 1 A experiência afeta as representações.
- 2 Representações mentais de objetos linguísticos têm as mesmas propriedades de representações mentais de outros objetos.
- 3 Categorização é baseada em identidade e em similaridade.

⁶ Léxico mental consiste na representação, armazenamento e processamento das palavras na mente e cérebro dos falantes. (CRISTÓFARO-SILVA, 2017, p. 143)

- 4 Generalizações em relação às formas não são separadas de representações (*stored representations*), e sim emergem a partir de formas.
- 5 A organização lexical oferece generalizações e segmentações em vários níveis de abstração e generalização.
- 6 O conhecimento gramatical tem caráter de procedimento (*procedural knowledge*).

Com base nos princípios básicos do modelo baseado no uso proposto por Bybee (2001), concluímos que, nessa teoria, a frequência com que as palavras são usadas por um falante interfere na organização do conhecimento linguístico e das representações mentais. A autora destaca que as palavras usadas com mais frequência são acessadas com mais facilidades do que as usadas com menos frequência. A frequência e o uso são fundamentais nos modelos baseados no uso. A frequência tem papel crucial na organização lexical, já que ela é a responsável pelo fortalecimento ou enfraquecimento dos itens estocados. (HUBACK, 2007, p. 143)

Os efeitos da frequência já foram estudados por vários pesquisadores, dentre eles Fidelholtz (1975) (apud Huback, 2013, p. 80/81) que analisou a redução vocálica do inglês. O autor verificou em seu estudo que as palavras usadas com mais frequência são mais propícias à redução. Outro fator observado é que o grau de familiaridade com a palavra também determina se ela será afetada por fenômenos linguísticos, como o apagamento do *r*. O autor cita como exemplo do topônimo “Manhattan” que foi mais reduzido por falantes da própria ilha. Diante dos resultados do seu estudo, Fidelholtz (1975) concluiu que, se uma palavra é usada mais frequentemente, será mais acessível no léxico mental e, conseqüentemente, mudará mais.

Bybee (2001) avalia a frequência de duas maneiras:

1- A frequência tipo (*type frequency*) corresponde à frequência de um padrão específico no léxico – ou dicionário. Por exemplo, o português apresenta quatro tipos para a terminação dos verbos no infinitivo: -ar, -er, -ir e -or. O tipo -ar é o que apresenta maior número de verbos e tem, portanto, a mais alta frequência de tipo dentre as terminações verbais de infinitivo. (CRISTÓFARO-SILVA, 2019, p. 224).

A frequência tipo tem estreita relação com a produtividade. Padrões com alta frequência de tipo têm representação robusta e padrões com baixa frequência têm representação menos robusta e quanto mais frequente for um padrão, mais chance ele tem de se aplicar em novos itens no léxico.

2- A frequência de ocorrência corresponde ao número de vezes que um determinado exemplar ocorre em um *corpus*. Por exemplo, pesquisamos quantas vezes o verbo *ser* ocorreu no banco de dados do NILC e encontramos 73.947 ocorrências. Portanto, essa é a frequência de ocorrência do verbo *ser* nesse *corpus*.

A frequência de ocorrência tem dois efeitos distintos na mudança fonológica. A mudança com motivação fonética e a mudança sem motivação fonética. Segundo Phillips (1984), as mudanças com motivação fonética, isto é, baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios, tendem a atingir primeiro as palavras usadas com mais frequência e as mudanças sem motivação fonética atingem primeiro as menos frequentes. Dentre as mudanças baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios, podemos citar os fenômenos como assimilação, redução vocálica. Destacamos que o apagamento do rótico, nosso objeto de pesquisa, é um caso de redução em que o segmento consonantal deixa de ocorrer, neste caso, o *r* final dos verbos no infinitivo.

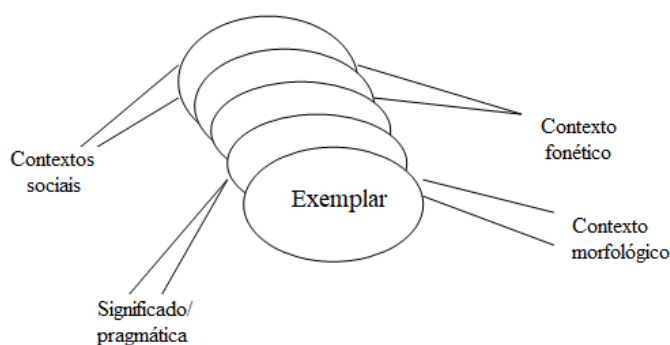
Cristófar-Silva e Gomes (2017), Pagliuca e Mowrey (1987) e Browman e Goldstein (1992) (apud Huback, 2013) reiteram que a motivação para que as palavras mais frequentes sejam afetadas inicialmente resulta da prática e repetição que consolida os padrões articulatórios inovadores mais rapidamente do que em casos que a palavra é raramente pronunciada, uma vez que parâmetros articulatórios se implementam no momento da produção, ou seja, é o resultado da automatização decorrente da repetição de tarefas neuromotoras específicas como acontece com a realização de palavras de alta frequência. A motivação para que as palavras menos frequentes sejam afetadas inicialmente resulta da representação pouco robusta dos exemplares que são escassos para as palavras infrequentes.

Huback (2013), com o intuito de entender que tipos de processos linguísticos afetam as palavras mais frequentes e as menos frequentes primeiro, realizou uma pesquisa sobre a interferência da frequência em fenômenos linguísticos como o apagamento do rótico final em formas nominais (*a partir, qualquer*), a palatalização de /s/ e apagamento de [tʃ] (*destino, castigo*), o plural das palavras terminadas em [-ão] no singular (*leão, pão*) e o plural das palavras terminadas em ditongo em [-u] no singular (*céu, museu*). A autora comparou os quatro fenômenos do português brasileiro e concluiu que os processos que afetaram as palavras menos frequentes primeiro foram os fenômenos decorrentes da analogia entre classes de plurais de palavras terminadas por ditongo em [-u], bem como das palavras terminadas em [-ão]. Por outro lado, as palavras mais frequentes foram afetadas nos fenômenos que implicam em redução fonética: o apagamento do rótico final em formas nominais, a palatalização de /s/ e apagamento de [tʃ]. Nesse sentido, os resultados da pesquisa atestam a hipótese de Philips (1984) de que as palavras mais frequentes são mais propícias ao apagamento.

2.2 Teoria de Exemplos

A Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2000) é um modelo representacional que surgiu em primeiro lugar na Psicologia como um modelo de percepção e categorização e se expandiu para os estudos dos sons da fala. De acordo com a teoria, a memória do falante é organizada em feixes de categorias que são representadas por uma grande nuvem de exemplares. Os exemplares contêm informações linguísticas e não linguísticas, organizados no léxico mental em forma de redes, sendo agrupados de acordo com identidade ou similaridade fonológica ou semântica. Na figura 1, observamos a organização de exemplares:

Figura 1: Nuvem de exemplares



Fonte: BYBEE (2001, p. 52)

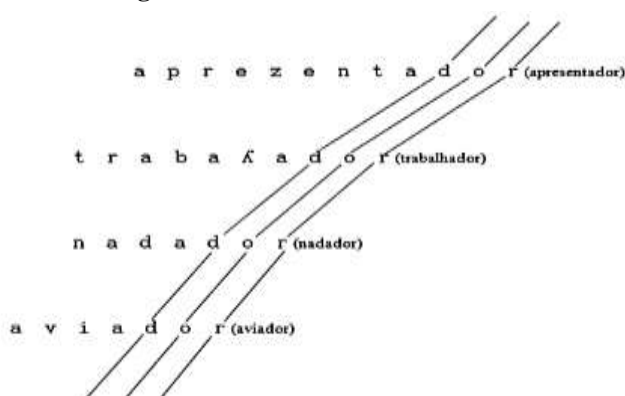
Segundo Pierrehumbert (2000), cada exemplar armazena experiências do falante e as novas palavras aprendidas são classificadas de acordo com a similaridade com outras já armazenadas na representação mental. Esses exemplares são organizados de modo que as memórias semelhantes ficam próximas umas das outras e as memórias diferentes ficam mais distantes. A teoria assume que as memórias recentes estão mais vivas do que as remotas, ou seja, as palavras ouvidas/aprendidas ontem estão mais presentes na memória do que as ouvidas um tempo atrás.

Bybee (2016) corrobora com a ideia de Pierrehumbert (2000) a respeito do armazenamento de palavras por similaridade, quando afirma que

Ocorrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares. Desse modo, um exemplar é construído a partir de um conjunto de ocorrências que são consideradas pelo organismo como as mesmas em alguma dimensão. (BYBEE, 2016, p. 43)

Nesse sentido, o armazenamento mental é feito através da palavra e não dos sons, isto é, a palavra é o lócus da representação. O modelo postula que cada categoria fonética é representada na memória por exemplares e as categorias mais frequentes apresentam maior número. Quando uma palavra nova é ouvida e possui variação, a memória perceptual é atualizada. Assim, as palavras são organizadas em redes de associações e agrupadas de acordo com a identidade ou similaridade fonológica ou semântica. Na figura 2, temos um exemplo de conexões lexicais em que as palavras da rede: *apresentador*, *trabalhador*, *nadador* e *aviador* mantêm uma relação semântica, fonética e morfológica estabelecida pelo sufixo -dor.

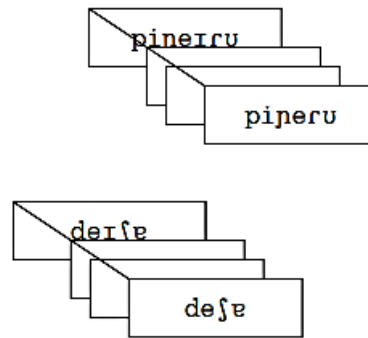
Figura 2: Conexões lexicais com o sufixo -dor



Fonte: Martins e Guimarães (2010, p. 442)

De acordo com Bybee (2001), as palavras com significados semelhantes ficam próximas umas das outras no léxico mental e, quando uma palavra é acessada, outras similares também são ativadas. As palavras mais usadas são mais fáceis de acessar na memória e os itens menos usados tendem a enfraquecer. Desse modo, as redes formadas por mais itens são mais produtivas e mais prováveis de serem utilizados em novas palavras.

A Teoria de Exemplares postula que as variantes representadas na memória como feixes de exemplares podem mudar gradualmente de acordo com a experiência com o uso da língua. Nesse sentido, a pesquisadora Haupt (2011) ilustra essa afirmação com o exemplo das palavras *pinheiro* e *deixa*. De acordo com a autora, as palavras apresentam vários exemplares que captam os detalhes fonéticos e que resultam em formas que vão desde o ditongo até o monotongo. De acordo com a figura 3 e no que sugere a Teoria de Exemplares, as palavras mais usadas ficam cada vez mais fortes, enquanto as menos usadas podem ser esquecidas e excluídas do léxico mental.

Figura 3:Exemplares das palavras: pinheiro e deixa

Fonte: Haupt (2011, p. 53)

Assim, a Teoria de Exemplares assume uma nova perspectiva para as representações mentais. Nesse modelo, a frequência desempenha um papel crucial no mapeamento fonológico, a palavra é o lócus da categorização e o léxico e a gramática estão interligados. Em oposição, a proposta tradicional exclui a variabilidade da fala, separa a fonética da fonologia e que a linguagem é organizada de forma modular.

Nessa perspectiva, Guimarães (2004) expõe no quadro abaixo o que diferencia a proposta tradicional do modelo de exemplares:

Quadro 1: Comparação entre a proposta tradicional e o Modelo de Exemplares

Proposta Tradicional	Modelo de Exemplares
Representação mental minimalista	Representação mental detalhada
Separação entre fonética e fonologia	Inter-relação da fonética e da fonologia
Visão da fonologia como uma gramática formal, com a utilização de variáveis abstratas	Consideração de que a fonologia da língua envolve a distribuição probabilística de variáveis
Efeitos da frequência refletidos na produção em curso e não armazenados na memória de longa duração	Efeitos da frequência armazenados na memória de longa duração
Julgamento fonotático categórico: uma sequência ou é considerada bem formada ou é impossível de ocorrer na língua	Efeitos gradientes nos julgamentos fonotáticos
Léxico separado da gramática fonológica	Palavra como lócus da categorização

Fonte: Guimarães (2004, p. 40)

Sumarizando, a Teoria de Exemplares postula que o falante tem conhecimento probabilístico da língua, o qual relaciona-se à frequência de ocorrência e de tipo. As palavras são armazenadas com o detalhe fonético⁷ e podem ser categorizadas mais de uma vez,

⁷ O detalhe fonético é compreendido como parte das representações fonológicas. Dessa maneira, o fenômeno do cancelamento segmental deve ser compreendido como mudanças gradientes entre categorias. (CRISTÓFARO-SILVA, 2019, p. 226)

associadas a formas fonéticas diferentes. Nesse sentido, a representação das palavras na memória é feita por uma nuvem de ocorrências (tokens) que estão organizadas em um mapa cognitivo. As ocorrências mais similares têm uma proximidade maior do que ocorrências menos similares.

Nessa perspectiva, os exemplares contêm informações linguísticas e não linguísticas, sendo organizados no léxico mental em forma de redes e agrupadas de acordo com a identidade, a similaridade fonológica ou semântica. Todas as amostras armazenadas são categorizadas, criando, assim, categorias que representam as variações encontradas no uso e no processamento da língua. Dessa forma, antes de ser armazenado, cada exemplar é comparado às propriedades das palavras já armazenadas no léxico. Por isso, pode-se afirmar que a categorização se dá com referência aos itens já existentes. (GUIMARÃES, 2004, p. 38)

De acordo com Pierrehumbert (2000), a frequência desempenha um papel importante no armazenamento de exemplares. As palavras mais frequentes são representadas por mais exemplares no léxico e, quanto mais um exemplar ocorre, mais forte ele fica na memória. Assim, categorias mais frequentes têm uma representação mais robusta do que as categorias menos frequentes.

Partindo do pressuposto de que a frequência de uso tem um papel fundamental nos modelos baseados no uso, adotados em nossa pesquisa, os verbos no infinitivo usados com mais frequência terão maior representatividade no léxico e se tornarão mais robustos com o uso e serão mais fáceis de acessar. Como as mudanças sonoras foneticamente motivadas tendem a afetar primeiramente as palavras mais frequentes, testaremos a hipótese de que o apagamento, que é um fenômeno de redução e é foneticamente motivado, afetará em maiores proporções os verbos mais frequentes.

3 ORTOGRAFIA PORTUGUESA: ENSINO E APRENDIZAGEM

Neste capítulo, trataremos da ortografia portuguesa: o seu percurso histórico, o funcionamento do sistema ortográfico brasileiro, o ensino e aprendizagem da ortografia e a ortografia no livro didático. Na primeira seção, apresentamos um breve histórico da ortografia do português, descrevendo os períodos pelos quais passou até os dias atuais. Na segunda seção, abordamos o funcionamento do sistema ortográfico brasileiro destacando as regularidades e irregularidades da língua, na terceira seção, discutimos o ensino e a aprendizagem da ortografia e na quarta seção, discorremos sobre o tratamento que o livro didático dá à ortografia.

3.1 História da Ortografia Portuguesa

As línguas não são estáticas, elas evoluem com o tempo e essa dinamicidade adquire características próprias dos falantes de cada região onde é falada. Assim como a sociedade, a língua é heterogênea, e esta sofre variações de acordo com o tempo e o espaço geográfico. Palavras que em determinada época eram usuais e na atualidade foram substituídas por outras de igual significado são exemplos de variação de acordo com o tempo. Isso acontece porque a língua é viva, enquanto novas palavras vão surgindo, outras vão desaparecendo e a transformação da língua vai acontecendo mediante os hábitos, costumes e valores da sociedade.

De acordo com Faraco (2019), a língua é uma combinação de fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais e que a junção desses elementos contribui para que os falantes identifiquem as variedades linguísticas que constituem a sua língua. O autor complementa que os falantes, por razões históricas, políticas e socioculturais, idealizam a língua como uma realidade única, quando na verdade, ela é um conjunto de variedades distribuídas no espaço geográfico e social no eixo do tempo.

Assim, as variedades linguísticas são as diferentes formas de falar, reforçando que a língua padrão falada não é homogênea. Isto se verifica na diversidade do português falado no Brasil, isto é, nos dialetos existentes em cada comunidade de fala, constituindo uma identidade linguística que é influenciada por fatores social, cultural e histórico. Neste sentido, para que haja uma hegemonia na escrita, existe a ortografia que unifica a escrita de uma língua, no nosso caso, o PB. Etimologicamente, o termo ortografia é derivado do grego: *orthos* = correto + *graphos* = escrita, que significa escrita correta. O termo pode ser definido como “um conjunto

de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras.” (HOUAISS, 2021)

Nóbrega (2013) enfatiza que a ortografia é mais do que um conjunto de normas, é sobretudo um complexo sistema que estabelece os valores que os grafemas podem assumir em função de sua posição na palavra. Faraco (2019) complementa que

A ortografia não é apenas uma questão técnica e que possa ser discutida em abstrato. É também uma questão de amplo alcance educacional, cultural, político, e econômico. Nela se emaranham costumes, valores identitários, disposições políticas, preferências de certos momentos históricos, além, claro, de referências ao sistema fonológico da língua. FARACO (2019, p. 119)

Sendo assim, a ortografia da língua portuguesa percorreu um longo caminho, desde a sua origem, até chegar na forma em que conhecemos hoje. Assim, a história da ortografia está dividida em três períodos: fonético, pseudoetimológico e simplificado, como descreve Coutinho (2011) na figura 4:

Figura 4: Periodização da história da ortografia portuguesa

Fonético	Pseudoetimológico	Simplificado
O início desse período se dá com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI.	Inicia no século XVI e vai até o ano de 1904.	Inicia com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1904.

Fonte: Elaboração própria, com informações extraídas de Coutinho (2011, p. 71-72)

O período fonético foi a fase arcaica da língua portuguesa. A preocupação dos autores deste período era escrever conforme se falava, com o intuito de facilitar a leitura dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada. (COUTINHO, 2011, p. 72). De acordo com o autor, escrevia-se mais para ouvir do que para ler. Como não havia uma escrita padronizada, a mesma palavra era transcrita de formas variadas, isso acontecia não só em documentos diferentes como também no mesmo documento. Faraco (2019) atribui essa diversidade gráfica no mesmo texto à criação de uma espécie de “ortografia” pessoal com grafias latinas tradicionais com representações fonético-fonológicas. Coutinho (2011) acredita

que essa disparidade se dava pela influência, mesmo que pequena, do latim, da grafia castelhana e até mesmo a negligência dos autores e copistas.

O período pseudoetimológico caracterizou-se pela preocupação com a etimologia das palavras, ou seja, com sua origem. O advento do Renascimento trouxe o eruditismo com a imitação dos modelos gregos e latinos. O período pseudoetimológico desconsiderou toda a evolução da língua, fato esse que fez retornar à escrita, formas que já haviam sido abandonadas pelos escritores, dentre elas, a duplicação de consoantes intervocálicas que se haviam reduzido a simples na evolução do idioma.

O período simplificado foi marcado pela tentativa de normatização da escrita ortográfica, já que até então não havia uma norma a ser seguida, cada autor escrevia de acordo com um sistema de regras próprio. Isso causava confusão porque “sem uma preocupação com a forma fixa de escrever palavras (ortografia propriamente dita), levava as pessoas a terem liberdade demais para escrever, tornando a escrita da língua um problema.” CAGLIARI (1994, pp.108-109). Sob esse mesmo ponto de vista, Coutinho (2011) destaca que:

Nunca houve padrão uniforme de ortografia entre os nossos escritores, às vezes de uma mesma época, nos últimos tempos o mal agravou-se de tal maneira que cada autor possuía uma grafia própria. Assim, Garret não escrevia como Herculano, nem Latino como Camilo. Não era possível que este estado de coisas pudesse continuar. Impunha-se a necessidade de uma reforma. (COUTINHO, 2011, p. 77)

Diante do exposto, a invenção da imprensa no século XV contribuiu para que se fixasse uma ortografia, visto que para publicação de livros, era necessário que houvesse uma norma gráfica padrão para as línguas. A partir da publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1904, deu-se início à simplificação da ortografia em Portugal que estabeleceu um modelo ortográfico usado nas publicações oficiais, assim como para o ensino, no entanto, esse modelo não foi adotado pelo Brasil, aumentando, assim as diferenças ortográficas existentes entre Brasil e Portugal.

A Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, com o intuito de reduzir essas diferenças existentes na ortografia da língua portuguesa, no início do século XX, buscaram uma grafia que pudesse ser usada pelos dois países. Muitas idas e vindas, polêmicas e discussões em torno desse processo aconteceram para que chegasse a um acordo que fosse viável para os dois países.

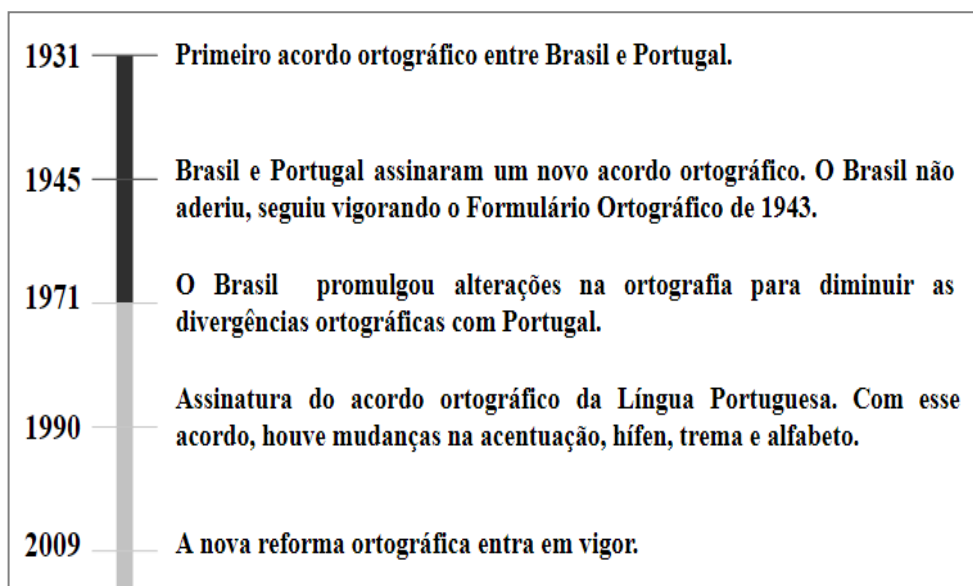
O percurso que levou a um consenso para aproximar a ortografia brasileira e portuguesa foi longo e permeado por leis e decretos. Nesse sentido, Cagliari (1999) reitera que a ortografia

tem muito a ver com os fatos básicos da linguagem humana. E uma dessas coisas é o fato de a linguagem ser fruto do uso pelos falantes e jamais se atrelar a leis ou decretos oficiais e que o mesmo deveria acontecer com a ortografia. Moraes (2007), por sua vez, defende que a ortografia precisa ser vista como fruto de uma convenção arbitrada/negociada ao longo da História, uma convenção social.

A partir desse entendimento, ficou evidente que, mesmo com a aproximação da ortografia, as particularidades da língua permaneceram, visto que as mudanças ocorreram na escrita e não na língua. A esse respeito, Fiorin (2009) explica que houve equívocos acerca das mudanças ortográficas propostas pelas academias brasileiras e portuguesas, por parte de quem entendia que as mudanças atingiriam a língua portuguesa e não somente a escrita. O autor esclarece que os acordos visavam unificar a escrita e não a língua, já que esta não é passível de uniformização, também pelo fato da variação ser um fenômeno inerente à língua e porque a sociedade em que ela é falada é heterogênea.

Não temos a pretensão de discorrer minuciosamente todas as reformas pelas quais a ortografia portuguesa passou até os dias atuais. Assim, a figura 5 mostra as principais reformas ocorridas.

Figura 5: As principais mudanças ortográficas ocorridas no Brasil



Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de KEMMLER (2009, p. 54-85)

De acordo com o que observamos na figura acima, em 1931 foi realizado o primeiro acordo ortográfico entre a Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Academia de Ciências de Lisboa (ACL) com o objetivo de unificar a ortografia da língua portuguesa, entretanto os termos do acordo foram interpretados de forma diferente pelos dois países. Em 1940, Portugal publicou o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e o Brasil, em 1943, o Pequeno Vocabulário

Ortográfico da Língua Portuguesa. Como havia divergências quanto à aplicação da ortografia, os dois países se reuniram e assinaram um novo acordo ortográfico de 1945 que foi seguido apenas por Portugal e, no Brasil, continuou a vigorar o Formulário Ortográfico de 1943.

Após várias tentativas de aproximar as duas variedades escritas, que já estavam bem distantes, o Brasil estabeleceu, em 1971, mudanças significativas nas regras de acentuação do português brasileiro. Finalmente em 1990, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Brasil, Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola assinaram o novo acordo ortográfico. Timor Leste só começou a fazer parte da comunidade após sua independência. Em 2009, o acordo ortográfico entrou em vigor e o Brasil foi o primeiro país a adotar as normas do Novo Acordo Ortográfico na acentuação, hífen, trema e alfabeto.

3.2 O funcionamento do sistema ortográfico brasileiro

A ortografia da Língua Portuguesa, como descrevemos na seção anterior, passou por várias transformações até a forma em que utilizamos atualmente. Escrever corretamente não é uma tarefa simples, visto que no sistema alfabético do PB, nem sempre a relação entre os grafemas (letras) corresponde aos fonemas (sons). Em alguns casos, podemos estabelecer essa relação grafema/fonema, como, por exemplo, nos grafemas B, D, F, P, T, V; já nos casos do R, RR, G, GU, C, QU, J, Z, S, O ou U, E ou I, M, N, NH a relação vai depender do contexto e, nos casos do S, G, Z, X, não há um parâmetro a ser seguido, assim como para o H, por não haver uma unidade sonora que permita identificar o seu uso.

Nesta seção, descrevemos a organização do sistema ortográfico do PB, baseado nos estudos de Lemle (2009), Morais (1998) e Faraco (2019). Os autores tratam das diferentes relações existentes entre os grafemas e fonemas que compõem o sistema ortográfico do PB: As correspondências fonográficas regulares e irregulares. As relações regulares se dividem em regulares diretas, regulares contextuais e regulares morfológico-gramaticais.

Quadro 2: Correspondências regulares

Fonema	Grafema	Exemplo
/b/	B	<i>bota, bule, biblioteca</i>
/d/	D	<i>dado, dedo, dança</i>
/f/	F	<i>floresta, faca, felino</i>

/p/	P	<i>perdiz, passo, porto</i>
/t/	T	<i>tatu, terreno, tipo</i>
/v/	V	<i>vaca, vulcão, vela</i>

Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de MORAIS (1998, p. 29)

De acordo com o que observamos no quadro 2, os grafemas estabelecem uma relação de um para um com os fonemas, ou seja, cada letra é representada por um som e vice-versa. A essa relação, Lemle (2009) chama de correspondências biunívocas entre fonemas e grafemas⁸. A autora acrescenta a esse grupo o grafema *a e o* fonema /a/, o que não é compartilhado pelos outros autores, já que não estabelece em todos os casos uma relação biunívoca como em situação de nasalidade, por exemplo na palavra *campo*. Morais (1998) classifica essa relação de correspondências fonográficas regulares diretas. Segundo o autor, mesmo não representando dificuldades, algumas crianças trocam o P pelo B e o T pelo D⁹ como no caso de “bato” e “dapete” no lugar de pato e tapete. Faraco (2019) nomeia a relação de uma unidade sonora a uma unidade gráfica de relações biunívocas. O autor acrescenta ao quadro acima os dígrafos *nh* e *lh*.

Quadro 3: Casos de regularidades contextuais

Fonema	Grafema	Contexto/Exemplo
/r/	R	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em posição inicial (<i>rato</i>) ▪ Em início de sílaba, precedido de N ou S (<i>honra, Israel</i>) ▪ Em final de sílaba, em posição interna ou em final de palavras, dependendo da variedade. (<i>porta, mar, prato</i>)
	RR	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em posição intervocálica, dígrafo RR (<i>terra</i>)
/g/	G	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Antes de A, O ,U (<i>garoto, gota, gula</i>)
	GU	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Antes de E, I: compõe o dígrafo GU (<i>guerra, guitarra</i>)
/k/	C	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Antes de A, O ,U (<i>casa, corda, cubo</i>)
	QU	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sempre vem seguido de U, que nem sempre representa um fonema (dígrafo QU) (<i>quadro, querer</i>)
/j/	J	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Antes de A, O ,U (<i>jabuti, jogada, caju</i>)
/z/	Z	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Palavras que começam com o som de z (<i>zabumba, zinco</i>)
/s/	S	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Início de palavras com A, O e U (<i>salada, sorte, sucesso</i>)
/u/	O	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em final de palavra com o som de U (<i>ponto, bambu</i>)
	U	
	E	

⁸ Grafema é a unidade representacional em um sistema de escrita. Além das letras, os grafemas englobam os números e os sinais de pontuação. (CRISTÓFARO-SILVA, 2017, p. 129). Utilizarei o termo grafema em vez de letra, por aquele ser mais apropriado para designar todo o sistema de escrita.

⁹ O autor atribui essa troca ao fato de que os sons são bem parecidos em sua realização no aparelho fonador, a diferenciação é que enquanto as cordas vocais vibram ao reproduzir o /b/, o mesmo não ocorre com o /p/.(p. 29)

/i/	I	▪ Em final de palavra com o som de I (<i>pente, perdi</i>) ▪ Para grafar todas as formas de nasalização. (<i>campo, canto, manhã</i>)
/m/	M	
/n/	N	
	NH	

Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de MORAIS (1998, p. 31)

Neste grupo de regularidade apresentado no quadro 3, os valores que os grafemas podem assumir dependem de sua posição, ou seja, é o contexto dentro da palavra que vai definir qual letra deverá ser usada. (Morais, 1998) define essa relação como correspondências fonográficas regulares contextuais. De acordo com o autor, além dos casos descritos no quadro, algumas dificuldades podem surgir nessa relação letra-som, como, por exemplo, a escrita das vogais nasais e dos ditongos nasais, visto que há cinco formas de marcar a nasalidade: o uso do M em posição final de sílaba (*manto*); o uso do N em posição final de sílaba (*santo*); o uso do til (*maçã*); o uso do dígrafo NH (*minha/galinha*) e quando a nasalização se dá por contiguidade, sem que se empregue nenhuma das alternativas anteriores, pois a sílaba seguinte já começa com uma consoante nasal. (*cama/cana*).

Lemle (2009) caracteriza os casos de regularidades contextuais como uma letra representando diferentes sons, e um som representado por diferentes letras, a depender da posição. No primeiro caso, temos como exemplo a letra *l* que é pronunciada com o som de uma consoante lateral, se estiver diante de uma vogal (*lata, bola*), mas em posição final de palavra ou diante de uma consoante corresponderá, no dialeto carioca, ao som da vogal *u* (*sal, anzol, alto, almoço*).

No segundo caso em que um som representa diferentes letras, temos, como exemplo, o som da vogal /i/ que será transcrito pela letra *i* se tiver numa posição de sílaba acentuada (*vida, saci, rio*), mas se a vogal estiver no final da palavra e numa sílaba átona, será transcrito com *e* (*vale, corre, morte*). O mesmo ocorre com a vogal *u* no dialeto carioca, visto que, em posição de sílaba tônica, a letra que transcreve *u* será *u*, mas se a vogal estiver no final da palavra e numa sílaba átona, será transcrito com *o* (*mato, pego*)¹⁰.

Faraco (2019) caracteriza as regularidades contextuais como uma relação cruzada em dois casos: o primeiro, em que uma unidade sonora tem mais de uma representação gráfica possível, como exemplo o /â/, que pode ser representada por *â, am e an* (*irmã – campo – canto*).

¹⁰ De acordo com a autora, essa relação de som para letra e letra para som nos exemplos acima traz problemas para a criança pelo fato de supor que o som /i/ sempre corresponde à letra *i* e o som /u/ sempre corresponde à letra *u*. O mesmo acontece com o *l* por entender que sempre terá o som de *l*. Essa dúvida levará o estudante a escrever *vali* para *vale*, *morti* para *morte*, *matu* para *mato*, *pegu* para *pego*, *sau* para *sal*, *anzou* para *anzol*.

O segundo caso, em que a unidade gráfica representa mais de uma unidade sonora, como por exemplo o grafema *r*¹¹ em (*rato – aranha*). O autor enfatiza que, mesmo sugerindo que não há regularidade nas relações cruzadas, muitas delas são previsíveis, porque é possível estabelecer regras. Em outros casos, diz o autor, a previsibilidade é determinada pelo contexto, ou seja, pela posição da unidade sonora ou da unidade gráfica na sílaba ou na palavra, ou ainda, pelo elemento que a segue.

Destacamos que, nessa fase do aprendizado, o estudante toma conhecimento das várias possibilidades de pronúncia do rótico, nosso objeto de pesquisa. Nesse caso, o *r* pode ocorrer: entre vogais (*muro*), entre consoante e vogal (*cravo*), no início da palavra (*rua*), no final da sílaba (*circo*, *amar*) ou como dígrafo entre vogais (*arrastar*). Deste modo, a pronúncia do rótico pode mudar, não só com a mudança de posição do grafema nas palavras, mas também pelos variados sotaques existentes na língua portuguesa.

Quadro 4: Regularidades morfológico-gramaticais em substantivos, adjetivos e verbos

Sufixos	Desinências	Exemplo
ESA/ÊS	▪ Adjetivos que indicam lugar de origem.	▪ <i>portuguesa, francesa, inglesa.</i> ▪ <i>português, francês, inglês</i>
EZA	▪ Substantivos derivados de adjetivos e terminam com o segmento sonoro /eza/	▪ <i>beleza, pobreza, firmeza</i>
S	▪ Formação de adjetivos	▪ <i>famoso, carinhoso, gostoso</i>
C	▪ Substantivos terminados em ICE	▪ <i>chatice, doidice, meninice</i>
C ou Ç	▪ Substantivos derivados que terminam com os sufixos ÊNCIA, ANÇA e ÂNCIA	▪ <i>ciência, esperança, importância</i>
L	▪ Substantivos coletivos	▪ <i>milharal, cafezal, canavial</i>
U	3ª pessoa singular do pretérito perfeito do indicativo	▪ <i>cantou, bebeu, partiu</i>
ÃO	3ª pessoa do plural no futuro do presente	▪ <i>cantarão, beberão, partirão</i>
M	3ª pessoa do plural de outros tempos verbais	▪ <i>cantam, beberam, partiram</i>
R	Todos os infinitivos terminados com R ¹²	▪ <i>cantar, beber, partir</i>

Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de MORAIS (1998, p. 33/34)

As regularidades morfológico-gramaticais, descritas no quadro 4, são aquelas ligadas à natureza gramatical das classes de palavras como prefixos e sufixos nos substantivos e adjetivos

¹¹ Utilizaremos o *r* para nos referirmos ao rótico como grafema.

¹² Morais (1998, p. 34) destaca que em muitas regiões do Brasil, já não se pronuncia o R em coda final, havendo, assim, o apagamento.

indicando gênero e número e as desinências nos verbos indicando tempo, modo, pessoa e número.

Morais (1998) nomeia essas regularidades de morfológico-gramaticais e destaca que, embora não haja uma regra para esses casos, a escrita dessas palavras é definida pela categoria gramatical como o emprego de *ESA* na escrita de adjetivos que indicam lugar onde alguém nasceu e *EZA* para designar substantivos derivados. O autor explica que a maioria dos casos de regularidades morfológico-gramaticais envolvem partes internas das palavras, *morfemas*, principalmente sufixos que aparecem tanto na formação de palavras como na flexão dos verbos.

Dentre as regularidades morfológico-gramaticais, destacamos o verbos no infinitivo, objeto de nossa pesquisa, que no português brasileiro, são grafados com *r* final. Embora não constitua uma dificuldade ortográfica, alguns estudos, incluindo a nossa pesquisa, constataram que os estudantes estão deixando de grafar o *r* final nos verbos do infinitivo. A esse respeito, são válidas algumas considerações: A supressão do rótico pós-vocálico, na escrita, segue o que já acontece na oralidade, o estudante utiliza a estrutura silábica padrão (CV). Nesse caso, há uma simplificação da sílaba, favorecendo, assim, o cancelamento da consoante em posição pós-vocálica. Outro fator que influencia o cancelamento é a proximidade do rótico com a vogal que o antecede. A respeito da proximidade, nos aspectos de sonoridade e força, Carvalho e Neto (2019) explicam que esta “concorre para que a vogal, mais forte, assimile os traços do rótico, mais fraco, e o elimine. A vogal ganha, assim, mais sonoridade, o que sublinha a diferença de tonicidade entre as sílabas da palavra.” (CARVALHO e NETO, 2019, p. 244).

Assim, a partir do ensino das regularidades morfológico-gramaticais, é importante que o estudante aprenda sobre o emprego do rótico, em coda silábica e tome conhecimento de que mesmo havendo o cancelamento desse segmento consonantal na fala, a consoante deve ser representada na escrita. Partimos do entendimento de que é importante o estudante tenha conhecimento de que a escrita não é a transcrição da fala e que possui características diferentes da oralidade. Nesse sentido, o aprendizado evitará o cancelamento do rótico nas suas produções escritas.

Quadro 5: Irregularidades do sistema ortográfico

Fonema	Grafema	Exemplo
/s/	S	▪ <i>seguro, cidade, auxílio, cassino, piscina, cresça, giz, força, exceto</i>
/g/	G	▪ <i>girafa, jiló</i>
/z/	Z	▪ <i>zebu, casa, exame</i>
/x/	X	▪ <i>enxada, enchente</i>

Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de MORAIS (1998, p. 35)

As irregularidades do sistema ortográfico ocorrem quando há duas ou mais possibilidades de grafemas para o mesmo fonema. Como é o caso do fonema /s/ que é representado pelos grafemas *s, c, x, ss, sc, sç, z, ç, xc*.

Morais (1998) cita, além dos casos descritos no quadro, o emprego do *H*¹³ inicial (*harpa, hora*); a disputa entre E e I, O e U em sílabas átonas no interior da palavra (*seguro/siguro, bonito/bunito*); a disputa do L com o LH diante de certos ditongos (*Júlio e julho, família, toalha*); certos ditongos que têm a pronúncia reduzida (*caixa, madeira, vassoura*).

Lemle (2009) destaca que a irregularidade do sistema ortográfico é o mais difícil porque há concorrência de duas letras representando o mesmo som no mesmo contexto, como o uso do *s* e *z* que são usadas em diferentes palavras com o mesmo som (*mesa/reza, azar/casar*). A autora exemplifica ainda os casos em que o som do /s/ é representado pelo *c-ç* e *ss* (*acento, laço, posse*) bem como a competição na representação da fricativa palatal surda (*taxa, tacha*) e a rivalidade do *g* e *j* na representação da fricativa palatal sonora (*jeito, gente, sujeira, bagageiro*).

Faraco (2019) nomeia de relações cruzadas totalmente arbitrárias os casos em que a unidade sonora tem mais de uma representação gráfica, já que a ocorrência de uma ou outra é imprevisível. O autor cita o exemplo do fonema /ʃ/ que representa a letra *x* ou *ch* (*chave, xale*) e reitera que a unidade sonora /ʃ/ em algumas variedades do PB só ocorre no início de sílaba, mas ocorre também em outras situações no final da sílaba, representada pela letra *s* ou *x* (*pasta, extra*) e no final de palavra, representada pela letra *s* ou *z* (*mês, faz*). De acordo com o autor, as eventuais dificuldades encontradas pelos alfabetizando não são decorrentes das diferentes pronúncias do *x* ou *s*; do *s* ou *z*, mas são decorrentes da arbitrariedade da representação gráfica

3.3 Ensino e aprendizagem da ortografia

O ensino e a aprendizagem da ortografia é um assunto que já foi amplamente estudado por pesquisadores como MORAIS (1998, 2007), ZORZI (1998), CAGLIARI (1996), LEMLE (2009) e ainda é objeto de pesquisa por consistir num dos desafios enfrentados pelos educadores no ensino da língua escrita. Considerando-se que “escrever segundo a norma é, assim, uma exigência que a sociedade continuará fazendo aos usuários da escrita, em suas vidas diárias, fora do espaço escolar” (MORAIS, 1998, p. 24), a escola deve tratar a ortografia como um aprendizado contínuo que se inicia na alfabetização com a apropriação do sistema ortográfico

¹³ Nesse caso, o H não representa fonema e nem modifica o valor da vogal seguinte por se tratar de um grafema de valor zero (Ø). (NÓBREGA, 2013, p. 34-35)

e se estende por toda a educação básica. De acordo com Zorzi (1998), a apropriação do sistema ortográfico significa que a criança já compreende e domina os aspectos que caracterizam a natureza alfabética da escrita.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza que:

Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. (BRASIL, 2017, p. 90)

Desse modo, a apropriação do sistema ortográfico inicia com a aprendizagem das correspondências grafema/fonema e o entendimento de que nem sempre será possível estabelecer essa relação de um para um, isto é, cada letra representando seu som e vice-versa. Esse entendimento vai acontecer na medida em que o estudante perceber que as letras podem assumir outros sons e que sua escrita vai depender do contexto, das relações morfossintáticas e, em outros casos, não haverá regras para a escrita.

Os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a BNCC preconizam o ensino da ortografia de forma reflexiva, possibilitando que o estudante possa, gradualmente, relacionar as correspondências letra/som e compreender como está organizada a norma ortográfica. No entanto, o ensino da ortografia ainda é feito por meio de ditados, cópias e exercícios repetitivos que não levam o estudante a refletir sobre o uso de determinada letra em detrimento de outra. Diante de tal realidade, os PCN reiteram que:

É possível desenvolver um trabalho que permita ao aluno descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre a fala e a escrita, as restrições que o contexto impõe ao emprego das letras, os aspectos morfossintáticos, tratando a ortografia como porta de entrada para uma reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita (alvi, 1998, p. 85).

Acreditamos também que é possível um ensino sistemático e reflexivo desde a alfabetização até o Ensino Médio, visto que muitos estudantes avançam para as séries seguintes sem compreender o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua, o que é evidenciado nas trocas de letras nas produções escritas de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nesse sentido, é importante que os desvios ortográficos presentes nos textos sejam objetos de reflexão e não de classificação de quem sabe mais ou menos e que sirvam

também de diagnóstico para que o professor possa planejar, traçar metas para que os estudantes possam apropriar dos princípios gerativos¹⁴ como também das irregularidades com exposição às palavras frequentes do seu vocabulário.

A BNCC postula o início do ensino das normas ortográficas no segundo ano. Nesse sentido, a primeira etapa consiste na leitura e escrita das regularidades diretas entre letras e fonemas e as correspondências regulares diretas contextuais *c* e *q*, *e* e *o* (em posição átona em final de palavra) e as marcas de nasalidade (*til*, *m*, *n*). No terceiro ano, o ensino da ortografia é voltado para a leitura e escrita das correspondências regulares contextuais entre grafemas e fonemas (*c/qu*, *g/gu*, *r/rr*, *s/ss*, *o/e* em sílaba átona em final de palavra e com marcas de nasalidade (*til*, *m,n*) e o estudo dos dígrafos (*nh*, *lh*, *ch*). No quarto ano, o estudante já deve ter adquirido a habilidade de grafar corretamente palavras utilizando as correspondências regulares diretas e contextuais como também ler e escrever palavras com sílabas formadas por VV e CVV em casos nos quais ocorrem o apagamento da semivogal nos ditongos (*ai*, *ei*, *ou*) na língua oral. No quinto ano, espera-se que o estudante já tenha desenvolvido as habilidades de empregar corretamente todas as regularidades e irregularidades da norma ortográfica. De acordo com a habilidade **EF35LP13**, que abrange do terceiro ao quinto ano, os estudantes devem memorizar a escrita das palavras irregulares de uso frequente e palavras iniciadas por *h* (como não representa fonema, gera dúvidas na hora de escrever).

Quadro 6: Habilidades relacionadas ao ensino de ortografia no Ensino Fundamental

SÉRIE	HABILIDADES
2º ANO	(EF02LP03) Ler e escrever palavras com correspondências regulares diretas entre letras e fonemas (f, v, t, d, p, b) e correspondências regulares contextuais (c e q; e e o, em posição átona em final de palavra).
	(EF02LP05) Ler e escrever corretamente palavras com marcas de nasalidade (til, m, n).
3º ANO	(EF03LP01) Ler e escrever palavras com correspondências regulares contextuais entre grafemas e fonemas – c/qu; g/gu; r/rr; s/ss; o (e não u) e e (e não i) em sílaba átona em final de palavra – e com marcas de nasalidade (til, m, n).
	(EF03LP03) Ler e escrever corretamente palavras com os dígrafos lh, nh, ch.
4º ANO	(EF04LP01) Grafar palavras utilizando regras de correspondência fonema - grafema regulares diretas e contextuais.

¹⁴ Princípios gerativos são as regras que se aplicam à maioria das palavras da nossa língua. Nesse caso, não há dificuldades na grafia das palavras e podemos escrevê-las mesmo sem conhecer, visto que segue um mesmo padrão de escrita por ter correspondências regulares, sem competição entre letras.

	(EF04LP02) Ler e escrever, corretamente, palavras com sílabas VV e CVV em casos nos quais a combinação VV (ditongo) é reduzida na língua oral (ai, ei, ou).
5º ANO	(EF05LP01) Grafar palavras utilizando regras de correspondência fonema- - grafema regulares, contextuais e morfológicas e palavras de uso frequente com correspondências irregulares.
	(EF35LP13) Memorizar a grafia de palavras de uso frequente nas quais as relações fonema-grafema são irregulares e com h inicial que não representa fonema.
6º/7º ANO	(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

Fonte: Elaboração própria com informações extraídas de BRASIL (2017)

Em suma, as habilidades descritas no quadro acima postulam o ensino sistemático das normas ortográficas a partir do segundo ano do Ensino Fundamental e estendendo até o quinto ano. A partir do sexto ano não há referências específicas ao ensino das regularidades e irregularidades, apenas menciona que o estudante deva escrever com correção ortográfica, obedecendo às convenções da língua escrita. Nesse sentido, subentende-se que o estudante internalizou todas as convenções da língua escrita, isto é, já sabe “distinguir o que é regular e irregular na estruturação da norma ortográfica” (MORAIS, 1998, p. 11). Assim, o estudante que não dominar a norma ortográfica nessa fase de escolarização, avançará para as séries seguintes com dificuldades ortográficas.

Salientamos ainda que a BNCC preconiza que o estudante do 3º ano leia e escreva as correspondências regulares contextuais, incluindo aí o estudo dos róticos. Verificamos que nas demais séries, o documento não faz referência a esse assunto. Acreditamos que, apenas no 3º ano, o estudante não apreende todas as variáveis relacionadas ao rótico, como, por exemplo, a sua realização e variação de acordo com a comunidade de fala. Diante da constatação de que o fenômeno do apagamento existe também na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II, destacamos a importância de ampliar esse conteúdo para todas as séries escolares, visto que é essencial o entendimento do estudante de que o cancelamento do -r é muito produtivo na fala, mas que na escrita deve seguir as normas ortográficas.

Pesquisas de mestrado realizadas por: Loth (2015), Fernandes (2016), Romanino (2016) e Saggiomo (2018) demonstram que ainda há lacunas na aprendizagem das relações regulares contextuais, morfológicas e irregulares do sistema ortográfico, principalmente na escrita de textos espontâneos em que o estudante precisa lançar mão de outros conhecimentos, além da ortografia, para estruturar seu texto. Segundo as pesquisadoras, para que as lacunas sejam superadas ao longo dos anos de escolarização, é necessário que a ortografia faça parte do

planejamento com objetivos a serem alcançados em cada ano letivo e que seja trabalhada de forma reflexiva para que o estudante tenha consciência do funcionamento do sistema ortográfico.

De acordo com Morais (1998), o ensino da ortografia não evoluiu como em outros aspectos da língua materna. O autor destaca ainda que as escolas não têm metas estabelecidas para acompanhar os avanços dos estudantes a cada série do Ensino Fundamental, o que dificulta mensurar quais as dificuldades existentes e o que deve ser feito para que as lacunas sejam preenchidas. Em uma pesquisa realizada com professores de 3º, 4º e 5º anos da rede municipal de Recife, Morais (1998) constatou que o ditado seguido de correção no quadro e a cópia dos erros cometidos era a forma mais usada para trabalhar a ortografia. Nesse sentido, não há uma metodologia que estimule o estudante a refletir sobre qual letra usar dependendo da relação letra/som, do contexto, das relações morfossintáticas e quais casos vão precisar usar o dicionário ou memorizar a escrita das palavras.

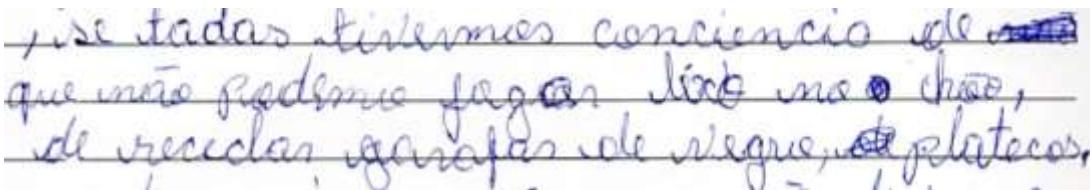
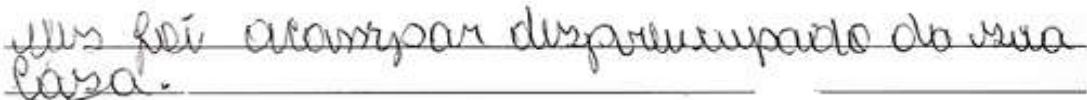
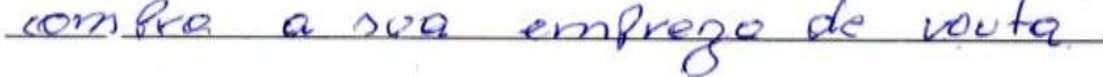

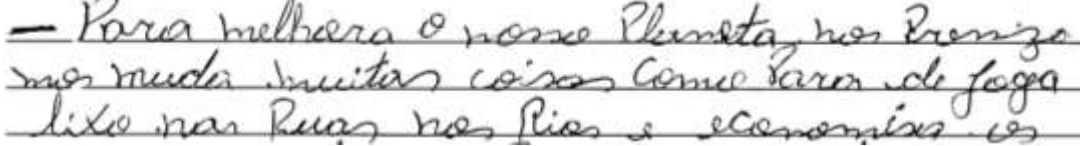
O ensino das correspondências biunívocas ou regulares diretas não causa dúvidas na escrita, visto que não há competição de letras para representar o mesmo fonema. O professor só precisa ficar atento às trocas que alguns estudantes fazem entre o *P* e o *B*, entre o *T* e o *D*, entre o *F* e o *V*. Para Soares (2020), algumas crianças sentem dificuldade em diferenciar essas consoantes porque elas se igualam pelo ponto de articulação¹⁵. A autora explica que as consoantes *P* e *B* são *bilabiais*, ou seja, quando pronunciadas, os lábios se juntam, o que pode se observar nas palavras (*cabivara/capivara*). O mesmo ocorre com o *T* e *D* que são *linguodentais*, ou seja, ao pronunciar, coloca a língua atrás dos dentes, como em (*vestito/vestido*) e a troca entre *F* e *V* como em (*cafalo/cavalo*) em que ambas são *labiodentais*, isto é, ao serem pronunciadas coloca os dentes no lábio inferior.

Outrossim, destacamos que o estudo da fonética e da fonologia são imprescindíveis no ensino da ortografia, visto que para apreender o sistema de escrita ortográfica, é necessário que o aprendiz compreenda não só os aspectos morfológicos e sintáticos da língua, mas também os aspectos fonológicos e fonéticos. Cagliari (1996) alerta que os currículos escolares ainda não são ideais, visto que faltam estudos mais profundos sobre fonética, fonologia, semântica, sociolinguística, de gramática e de análise do discurso. Pontuamos que os referidos estudos estão ausentes ou são tratados de forma superficial nas licenciaturas, assim como na formação

¹⁵ O ponto de articulação de uma consoante é o ponto de contato onde ocorre uma obstrução no trato vocal entre um gesto articulatório, um articulador ativo (tipicamente parte da língua) e uma localização passiva (tipicamente alguma parte do céu da boca). De acordo com o ponto onde é articulada, as consoantes são classificadas em: bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal.

continuada dos professores. O autor ressalta que, na sala de aula, prevalecem os conteúdos relacionados à morfologia e sintaxe, isso referente ao ponto de vista da escrita e do dialeto-padrão. Mesmo com a ênfase que o currículo dá aos conteúdos ligados à morfologia e à sintaxe, os estudantes ainda não conseguem apreender e colocar em prática essas normas nas produções escritas, como verificamos nos textos abaixo:

Quadro 7: Emprego das relações contextuais nas produções textuais

 <p>1 - Se todos tivermos consciência de que não podemos jogar lixo no chão, de reciclar {garrafas} [garrafas] de vidro, plásticos.</p>
 <p>2 - Eles foram acampar {despreocupado} [despreocupado] da sua casa.</p>
 <p>3 - Compra a sua empresa de {vouta} [volta]</p>
 <p>4 - Todos querem um mundo {limpo} [limpo]</p>
 <p>5 - Para {melhora} [melhorar] o nosso planeta nós precisamos {muda} [mudar] muitas coisas como {para} [parar] de {joga} [jogar] lixo nas ruas, nos rios e {economiza} [economizar] os....</p>

Fonte: BADESC (2022)

Observamos nos trechos acima, extraídos de textos espontâneos escritos por estudantes de 9º ano, casos de desvios ortográficos na aplicação das relações contextuais. Verificamos que

o estudante do primeiro exemplo, ao escrever, não observou o contexto e empregou o *r brando* (*garafa*), quando deveria usar o *r-forte* (*garrafa*). Nos exemplos 2 e 3 observamos o emprego de letras com o apoio na oralidade, ou seja, escreveram como pronunciam: (*despreucupado/despreocupado*; *vouta/volta*). No texto 4, temos um desvio relacionado ao uso do *m* antes do *p* (*linpo/limpo*) caso este que, na maioria das vezes, é explicado que antes de *p* e *b* só se escreve *m*, mas não é explicado que o uso tem uma razão fonética, ou seja, as consoantes *p* e *b* são bilabiais quanto ao ponto de articulação. Ressaltamos que “o *m* não constitui um fonema, apenas marca a nasalidade sobre a vogal anterior.” (SOARES, 2020, p. 145).

No exemplo 5, temos casos de desvios ortográficos relacionados ao apagamento do rótico em coda silábica final, que é objeto de nossa pesquisa. Verificamos que o estudante omitiu o uso do *r* em todos os verbos do infinitivo empregados nessa parte do texto, como observamos em (*melhora/melhorar*); (*muda/mudar*); (*para/parar*); (*joga/jogar*); (*economiza/economizar*). Esse cancelamento do rótico, nos textos escritos, é um indício de que o estudante não realiza o fonema na fala e o omite na escrita. Destacamos que esses textos foram escritos por estudantes do 9º ano, sendo que, para esse nível de escolaridade, espera-se que já saibam inferir as relações contextuais nas palavras e empreguem as normas ortográficas corretamente. Portanto, como vimos nos desvios dos textos, o emprego de algumas letras gera dúvidas não só nos estudantes em fase de alfabetização, mas também nas etapas finais do Ensino Fundamental.

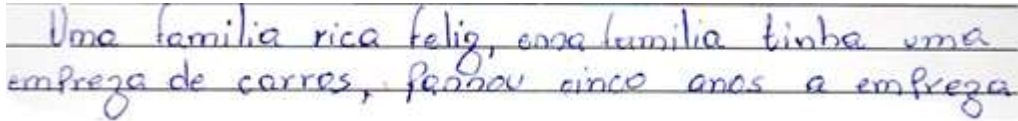
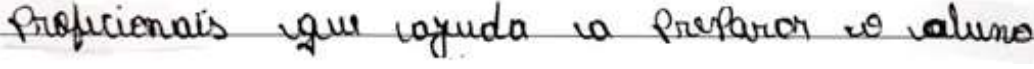
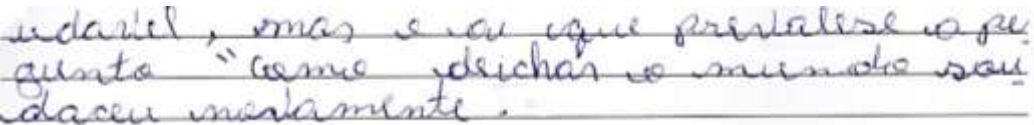
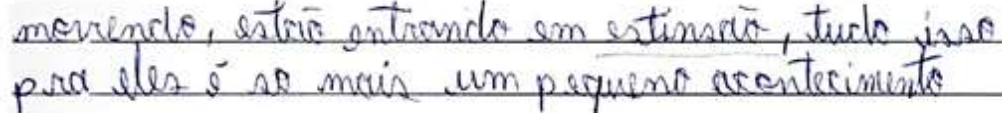
As irregularidades das normas ortográficas não podem ser explicadas por regras, visto que não há correspondência som/letra e devemos recorrer à memorização. Na hora de escrever, é natural haver dúvida, principalmente de palavras que não fazem parte do vocabulário usual. Soares (2020) explica que a memorização vai depender dos estímulos visuais das palavras irregulares de uso frequente, como, por exemplo, a exposição de um quadro na sala de aula, confeccionado a partir de palavras irregulares que surgem nos textos lidos e nos textos produzidos e a consulta ao dicionário sempre que houver dúvida de como se escreve uma palavra. Para a autora, o objetivo é que as crianças memorizem as palavras comuns e frequentes de ortografia irregular e construam, de certa forma, um dicionário mental onde arquivarão a *imagem visual* das palavras irregulares. A autora complementa que:

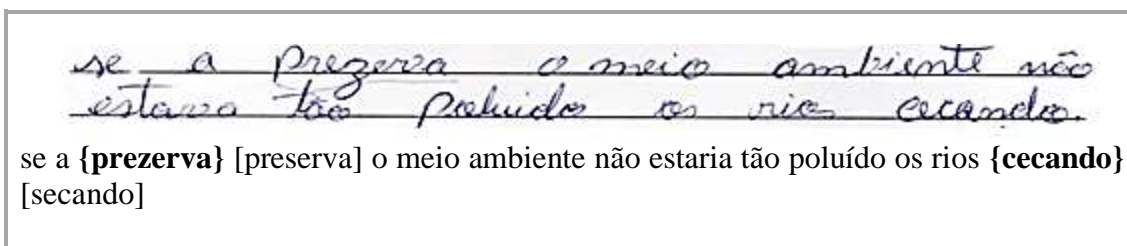
É ao longo de todo o Ensino Fundamental que o arquivo de imagens visuais de palavras em que a relação fonema-grafema é irregular será progressivamente ampliado, à medida que textos mais complexos são lidos ou escritos. No entanto, no ciclo de alfabetização, as palavras de ortografia irregular a serem arquivadas na mente como imagens visuais são aquelas de uso frequente no vocabulário das crianças e nos textos e livros a elas destinados. (SOARES, 2020, p. 165)

Quando esse trabalho de ajudar o estudante a memorizar as palavras com irregularidades que fazem parte de seu vocabulário não é realizado, as dificuldades o acompanham para as séries seguintes, visto que são muitos os casos em que um som é representado por várias letras ou dígrafos, como exemplo a notação do som /s/ que é representado por S, C, Z, SS, X, Ç, XC, SC, SÇ (*sentimento, cidade, paz, assistir, explicar, riqueza, exceção, adolescente, creança*). Nesse sentido, verificamos que a notação do som /s/, por ser representado por vários grafemas, apresenta um grau maior de dificuldades para o estudante na hora de escrever.

No quadro 8, verificamos alguns desvios no emprego das relações irregulares em textos espontâneos de estudantes de 9º ano. Analisando os grafemas empregados em: (*empreza*); *profissionais*, *prevalese*, *deichar*, *estinsão*, *prezerva* e *cecando*, constatamos que houve uso indevido de letras nas palavras, já que nas irregularidades não há regras para explicar o uso de uma ou de outra letra. Nos exemplos abaixo, os estudantes apoiaram nos sons para grafar as palavras em que o S representa o som de /z/ e /c/ (*empresa, preserva, secando*), o C e Ç o som de /s/ (*prevalece, extinção, profissionais*), o CH com som de /x/ (*deixar*).

Quadro 8: Emprego das relações irregulares nas produções textuais

 <p>Uma família rica, feliz, essa família tinha uma {empreza} [empresa] de carros, passaram cinco anos a {empreza} [empresa]</p>
 <p>{Profissionais} [profissionais] que ajudam a preparar o aluno</p>
 <p>...mas é o que {prevalese} [prevalece] a pergunta “como {deichar} [deixar] o mundo saudável novamente</p>
 <p>...estão entrando em {estinsão} [extinção], tudo isso para eles é só mais um pequeno acontecimento</p>



Fonte: BADESC (2022)

Diante das dificuldades de alguns estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental com as correspondências irregulares das normas ortográficas, ressaltamos a importância do ensino sistemático não só nas séries iniciais, mas também durante toda a educação básica e “cabe à escola ensiná-lo sistematicamente, em lugar de deixar que o aluno, entregue a sua própria sorte, com o tempo, venha a descobri-lo ou a aprendê-lo sozinho” (MORAIS, 2007, p. 17).

Desse modo, o ensino reflexivo das regularidades e irregularidades vai ajudar o estudante a compreender as relações regulares e memorizar as relações irregulares. Para isso, o professor, antes de tudo, deve conhecer todo o funcionamento do sistema ortográfico para que possa auxiliar os estudantes e escolher a melhor metodologia que irá atender as necessidades de cada turma ou grupo de alunos. Neste contexto, Morais (2007) ressalta que:

Para desenvolver um ensino de tipo reflexivo, julgamos necessário que o professor saiba identificar as regularidades e os casos irregulares de nossa norma, de modo a poder planejar atividades e sequências didáticas diferentes: mais adequadas à compreensão e descoberta de regras ou mais adequadas à memorização. Em ambos os casos, porém, parece-nos essencial que o aprendiz seja ajudado a tomar consciência das peculiaridades do objeto que está aprendendo. Isto é, que ele seja levado a dar-se conta tanto da existência das regularidades como da ausência delas. (MORAIS, 2007, p. 26)

Segundo Lemle (2009), esse ensino deve acontecer em três etapas: a primeira etapa para que o alfabetizando compreenda a relação de um para um entre sons e letras e num segundo momento introduzir letras como o *l* (início de sílaba), o *s* (início e fim de palavra ou sílaba), o *m* e *n* (só em ocorrências iniciais de sílaba). A autora destaca que cabe ao professor observar por quanto tempo a turma precisa ficar nessa etapa, visto que é importante acompanhar o avanço na compreensão das relações biunívocas. A segunda etapa consiste no ensino das relações contextuais a que a autora denomina de *hipótese da poligamia condicionada pela posição*, em que o aprendiz vai observar que, de acordo com a posição a letra ocupa, ela pode representar

um som. A terceira etapa da aprendizagem da ortografia é a parte arbitrária do sistema, isto é, não há uma regra a ser seguida.

De acordo com a autora, o professor deve fornecer a resposta correta quando surgirem dúvidas a respeito das irregularidades que ocorrem no sistema ortográfico como, por exemplo, o emprego do *s/c* nas palavras *cinco e sino*. Lemle (2009) sugere que o professor dê informações sobre o caso de duas letras apresentarem o mesmo som e poderá abordar o contexto histórico da língua para explicar a origem da palavra.

Para os autores Cagliari (1996), Morais (1998) e Lemle (2009), no ensino da ortografia, o professor não deve artificializar a pronúncia das palavras, quando fizer um ditado, com o intuito de que o estudante não erre a escrita. Morais (1998) destaca que, ao soletrar a palavra de forma como escreve “*ó carró do me-ninó*”, o professor está, na verdade, tirando a oportunidade do aluno refletir e aprender que neste caso o som é do /u/, mas escreve com *o*. Lemle (2009) ressalta que essa pronúncia fictícia só existe dentro da sala de aula e que faz da sala de aula “um universo linguístico foneticamente distinto do mundo lá fora” (p. 20). A autora acredita que essa pronúncia é uma forma do professor preservar a relação biunívoca do sistema de escrita, mas que o melhor mesmo é ajudar o aluno a entender as outras relações letra/som. Cagliari (1996) considera essa pronúncia artificial um faz-de-conta, visto que, por desconhecimento dessa fala, não servirá de referência para a criança na hora de escrever.

3.4 A abordagem da ortografia nos livros didáticos

O livro didático é uma importante ferramenta que auxilia o professor na sua prática pedagógica e que, ao longo dos anos, tem sofrido modificações na sua abordagem em relação ao ensino das normas ortográficas para que se adeque à proposta da BNCC, embora ainda não atendam plenamente todos os conteúdos necessários, como no caso da ortografia. Este instrumento tem chegado às salas de aula através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), desenvolvido pelo governo federal, e que atende escolas públicas de educação básica. Os livros didáticos são avaliados e aprovados por especialistas de diversas áreas do conhecimento. Batista (2003) vê o livro didático como

um instrumento que favorece a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento e no sentido da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade e instigá-lo a pensar em perspectivas, formulando hipóteses de soluções para os problemas atuais. Isso significa colocar o

LD como subsídio da escola para a consecução do objetivo de promover o exercício da cidadania, vale dizer, a serviço da sua proposta pedagógica que é, em última instância, o projeto coletivo necessário à constituição da identidade da unidade escolar. (BATISTA, 2003, p. 44).

Nesse sentido, a qualidade dos livros didáticos vem melhorando e se adequando às propostas pedagógicas dos documentos curriculares, no entanto ainda há um caminho a percorrer para que, de fato, este instrumento contribua plenamente para diminuir os problemas relacionados ao ensino da língua materna. Propomos nesta seção abordar o tratamento que o livro didático dá ao ensino da ortografia no Ensino Fundamental, apresentando duas pesquisas sobre o assunto. Assim, buscamos, através dos estudos apresentados, verificar de que forma esse ensino vem sendo orientado e se as atividades propostas dão margem para uma aprendizagem de forma reflexiva e sistemática ou apenas levam o estudante a preencher lacunas e copiar palavras sem entender as particularidades da correspondência letra/som. A verificação dessas questões é pertinente na medida em que o livro didático constitui uma das principais ferramentas, não a única, utilizadas em sala de aula desde a alfabetização até o Ensino Médio.

Haupt (2012) discute o ensino da ortografia, com a análise de uma coleção de livro didático destinada ao Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. A pesquisadora verificou nos livros: as atividades propostas para o ensino da ortografia, o tratamento dado aos casos irregulares e aos casos regulares da norma ortográfica, a proposta do livro didático para o ensino das correspondências entre letra e som e as orientações do manual do professor para o trabalho com a ortografia.

A pesquisadora concluiu que as atividades sobre a ortografia, dispostas na coleção, são em pequeno número nas quatro séries e que o foco são as regras dependentes do contexto morfológico e que a abordagem do contexto fonético não tem destaque nos exercícios propostos. Outra constatação foi a de que não há um trabalho distinto entre os casos regulares e irregulares da ortografia, que são abordados simultaneamente nas atividades. Como também não se observa um tratamento voltado para a discussão das regularidades e irregularidades em nível fonético, que poderia ser feito ao tratar-se, por exemplo, do uso de *s* e *ss* para transcrever o som /s/. Em raros momentos, menciona-se uma regra de cunho fonético (uso de *x* depois de ditongo; uso do *e* em final átono; uso do *s* depois de ditongo).

Quanto às orientações do manual do professor sobre a ortografia, Haupt (2012) observa que são poucas, não havendo menção sobre as regularidades e irregularidades da norma ortográfica ou sobre a correspondência de letra e som/fonema. Nesse sentido, destacamos a importância de um manual bem estruturado, com explicações sobre os conteúdos, para que sirva

de instrumento de consulta para a melhoria das aulas, na medida em que será um suporte para a capacitação do professor. No que se refere ao manual do professor, Morais (2007) ressalta que, além das respostas dos exercícios, deva constar orientações e informações que possam subsidiar a prática pedagógica no ensino da ortografia.

As pesquisadoras Alvim e Magalhães (2013) fizeram um estudo sobre *a ortografia nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental I*. As autoras analisaram uma coleção do 1º ao 5º ano, com o objetivo de verificar se os exercícios de ortografia propostos estão de acordo com as concepções subjacentes ao aprendizado das regras ortográficas. As autoras identificaram, ao longo da coleção, quatro categorias de atividades: atividades que focam a memorização/cópia/identificação; atividades destinadas à reflexão do aluno; atividades de sistematização de regras e atividades lúdicas. Dentre essas categorias citadas, destacaremos dois exemplos de atividades que as autoras citam no estudo. A primeira atividade solicita que o estudante copie a palavra escrita com ç e identifique a sílaba em que a consoante se encontra. A segunda atividade é relacionada ao emprego do rótico, em que é apresentado ao estudante, várias imagens de objetos em que a escrita do grafema *r* aparece em diversas posições. Em seguida, o aluno é levado a realizar uma análise fonética das palavras visando compreender o som /r/ em diversas posições da sílaba das palavras presentes no exercício.

De acordo com os dois exercícios propostos na coleção analisada, o primeiro não exige que o estudante infira uma regra para aplicar, apenas que identifique uma letra e copie a palavra. No segundo caso, temos um exercício que leva o estudante a refletir e identificar os sons da consoante estudada. As pesquisadoras concluem que a maioria dos exercícios apresentados na coleção são de memorização/cópia/identificação, mas ressaltam que as atividades lúdicas e reflexivas juntas são em número maior. Portanto, as pesquisadoras veem uma mudança gradual em relação ao ensino das normas ortográficas de uma concepção tradicional para uma abordagem reflexiva e significativa.

A partir dos resultados das duas pesquisas apresentadas sobre o tratamento dado pelos livros didáticos ao ensino da ortografia no Ensino Fundamental, concluímos que o assunto deve ser abordado de forma reflexiva, com atividades que permitam aos estudantes identificar os casos regulares e irregulares das normas ortográficas, bem como entender a correspondência letra/som. Destacamos também a necessidade de os livros didáticos abordarem a questão das normas ortográficas de forma sistemática e contextualizada ao longo dos capítulos. Nesse sentido, Vieira (2016) complementa que

É preciso evidenciar a necessidade de que a ortografia precisa ser mais abordada, no mesmo grau que a leitura e produção de textos, uma vez que a ortografia também é um conteúdo fundamental para o estudo de língua portuguesa. Considerá-la e buscar meios para efetivá-la como elemento da língua que deve ser frequente e não esporádico nos livros didáticos de português é uma meta urgente que cabe às diretrizes pedagógicas e aos autores de materiais didáticos. (VIEIRA, 2016, p. 165-166)

Portanto, entendemos que o ensino da ortografia deva ser um momento de reflexão dos conhecimentos sobre a norma ortográfica em que “os alunos pensem, discutam e explicitem o seu conhecimento sobre a norma”. (SILVA e MORAIS, 2007, p. 75). Os autores defendem que no momento de discussão, os alunos sejam desafiados a refletir e explicar o porquê da escrita das palavras que apresentam dificuldades ortográficas. Nesse sentido, a preocupação do professor em verificar os erros cometidos pelos estudantes é substituída por situações de ensino sistemático com práticas de reflexão sobre as regularidades e irregularidades da norma ortográfica da nossa língua.

4 OS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentamos a descrição fonético-fonológica dos róticos do português brasileiro, as variações dessa classe, bem como estudos realizados sobre o apagamento do rótico em diferentes regiões do país, tanto na fala quanto na escrita.

4.1 Descrevendo os róticos

Os róticos são “uma classe de segmentos consonantais com características articulatórias heterogêneas” (CRISTÓFARO-SILVA, 2017, p. 197), isto é, possuem diversos modos e pontos de articulação. Os róticos representam os sons de *r* tanto no português como em outras línguas, podendo ser fricativos, vibrantes, tepe ou aproximantes. De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), cerca de 75% de todas as línguas contêm alguma forma de um som de /R/. Os autores reiteram que “os termos róticos e sons de *r* são amplamente baseados no fato de que tendem a ser escritos com um caracter particular nos sistemas ortográficos derivados da tradição greco-romana, nomeadamente o grafema *r* ou sua contraparte grega *rho*” (LADEFOGED; MEDDIESON, 1996, p. 215).

No português brasileiro, há duas categorias de rótico: o r-forte e o r-fraco. Conforme afirma Cristófar-Silva (2019), existe um contraste fonêmico entre as duas categorias quando em posição intervocálica, como observamos nos exemplos: *caro/carro*, *careta/carreta*. Nas palavras *carro* e *carreta* há a ocorrência do r-forte que aparece em todos os dialetos do português, em posição intervocálica, no início de sílaba no começo da palavra (*rua*) e em início de sílaba precedido por consoante (*Israel*).

Nas palavras *caro* e *careta* há a ocorrência do r-fraco ou vibrante simples que se relaciona ao tepe [r] e aparece em todos os dialetos do português, em posição intervocálica (*faro*) e seguindo consoante na mesma sílaba (*cravo*). Logo, temos um contraste fonêmico que pode ser representado por /r/ e /r/.

Quando em posição final de sílaba, há uma perda de contraste fonêmico entre o r-forte e r-fraco, ocorrendo, assim, uma neutralização. Cristófar-Silva (2019) destaca que, neste contexto, pode ocorrer foneticamente segmento correspondente ao r-forte ou o r-fraco. Nesse

caso é utilizado o arquifonema /R/¹⁶ para representar fonemicamente o *r* pós-vocálico que ocorre somente em posição final de sílaba – seja em meio a palavra ou em final de palavra, como nos exemplos: *carta* e *mar*. O quadro abaixo sintetiza a distribuição do r-fraco, r-forte e do arquifonema /R/, baseado em dados de CRISTÓFARO-SILVA, 2019.

Quadro 9: Distribuição do r-fraco, r-forte e arquifonema /R/

r-fraco		
Entre vogais <i>caro</i>	Em encontros consonantais tautossilábicos ¹⁷ (onset complexo) <i>prato</i>	
r-forte		
Entre vogais <i>carro</i>	Onset silábico ¹⁸ <i>rato</i>	Em encontros consonantais heterossilábicos <i>Israel</i>
Arquifonema /R/		
Coda silábica interna à palavra <i>carta</i>	Coda silábica em final de palavra <i>mar</i>	

Fonte: SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO (2011, p. 99/100)

De acordo com o modo de articulação, os róticos podem ser classificados como tepe, aproximante, retroflexo, fricativo e vibrante. Segundo Haupt (2018), os róticos podem ser realizados em diferentes pontos: o tepe, as aproximantes e as retroflexas são alveolares (ou pós-alveolares); as vibrantes podem ser alveolares ou uvulares; e as fricativas, podem ser velares, uvulares ou glotais. Exemplificamos abaixo, a classificação do rótico quanto à maneira e lugar

¹⁶ Utilizaremos a representação do arquifonema /R/ para nos referirmos a todas as possibilidades de pronúncia do rótico em final de sílaba, embora não adotemos o estruturalismo como aporte teórico da nossa pesquisa.

¹⁷ O que diferencia os encontros consonantais tautossilábicos dos encontros consonantais heterossilábicos, é que estes ocorrem em sílabas diferentes e aqueles ocorrem na mesma sílaba.

¹⁸ **Onset silábico** ou **ataque** é a posição periférica pré-vocálica correspondente à parte anterior ao núcleo (no português brasileiro, o núcleo será sempre uma vogal). A posição pré-vocálica pode ser ocupada por uma ou duas consoantes. Quando o onset silábico corresponde a apenas uma consoante (C1V), chama-se onset simples. Quando o onset silábico é preenchido por duas consoantes (C1C2V), chama-se onset complexo, e a segunda consoante deve ser uma líquida lateral /l/ ou não-lateral /r/. SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO (2011, p. 96)

de articulação, com o símbolo correspondente, um exemplo ortográfico, a transcrição fonética, a região dialetal predominante de ocorrência de cada segmento em questão e a posição em que ocorre na palavra, conforme Cristófar-Silva (2019):

- 1- *Fricativa velar desvozeada* (x): Pronúncia típica do dialeto carioca. Ocorre fricção audível na região velar. Ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio, portanto encontra-se em início de palavra: *rata* ['xata]. Em início de sílaba que seja precedida de vogal: *marra* ['maxa]. Em início de sílaba que seja precedida por consoante: *Israel*. Em final de sílaba (em alguns dialetos) quando seguido por consoante desvozeada: *carta* ['kaxta]. Em final de sílaba que coincide com o final da palavra: *mar* ['max].
- 2- *Fricativa velar vozeada* (ɣ): pronúncia típica do dialeto carioca. Ocorre fricção audível na região velar. Ocorre em final de sílaba seguida de consoante vozeada: *carga* ['kayga].
- 3- *Fricativa glotal desvozeada* (h): pronúncia típica do dialeto de Belo Horizonte. Não ocorre fricção audível no trato vocal. Ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio, portanto encontra-se em início de palavra: *rata* ['hata]. Em início de sílaba que seja precedida de vogal: *marra* ['maha]. Em início de sílaba que seja precedida por consoante: *Israel*. Em final de sílaba (em alguns dialetos) quando seguido por consoante desvozeada: *carta* ['kahta]. Em final de sílaba que coincide com o final da palavra: *mar* ['mah].
- 4- *Fricativa glotal vozeada* (ɦ): pronúncia típica do dialeto de Belo Horizonte. Não ocorre fricção audível na região velar. Ocorre em final de sílaba seguida de consoante vozeada: *carga* ['kaɦga].
- 5- *Tepe alveolar vozeado* (r): uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. Em alguns dialetos ocorre em final de sílaba, em meio de palavra: *carta* ['kara) ou em final de sílaba que coincide com final de palavra: *mar* ['mar].
- 6- *Vibrante alveolar vozeada* (r̃): ocorre em alguns dialetos do português brasileiro. Pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variantes do português brasileiro. Ocorre em início de palavra que seja precedida por silêncio: *rata* ['řata]. Em início de sílaba que seja precedida por vogal: *marra* e em início de sílaba que seja precedida por consoante: *Israel*.
- 7- *Retroflexa alveolar vozeada* (ɻ): pronúncia típica do dialeto caipira do r em final de sílaba: *mar* ['maɻ], *carta* ['kaɻta].

Roberto (2016) acrescenta à classificação acima, a fricativa uvular e a aproximante:

Fricativa uvular (ʁ): quando há a vibração da úvula contra a parede posterior da língua. Algumas realizações dos róticos podem ocorrer nessa região. Corresponderiam a algo entre a realização carioca (velar) e a de Belo Horizonte (glotal).

Aproximante: os aproximantes encontram obstrução na passagem de ar pelo trato vocal, mas tal obstrução não chega a causar fricção. No PB, a aproximante alveolar [ɹ] corresponde a uma possível realização do “r” em posição de coda silábica, muito próximo ao “r” caipira. Já a aproximante retroflexa [ɻ] corresponde ao “r” caipira.

No quadro 10, apresentamos as características articulatórias dos róticos e seus correlatos acústicos:

Quadro 10: Características articulatórias dos róticos e seus correlatos acústicos

Segmento	Características articulatórias	Correlatos acústicos
Tepe	Articula-se com uma rápida obstrução causada pela ponta da língua ao tocar os alvéolos (por isso classificada como alveolar). É um segmento vozeado.	Devido à obstrução, é possível perceber uma descontinuidade espectral, ou seja, um espaço praticamente vazio no espectrograma de banda larga, seguido da retomada do vozeamento, com a soltura (explosão) à semelhança das plosivas.
Vibrante	Pode ser alveolar ou uvular. Na vibrante alveolar, a ponta da língua toca os alvéolos, vibrando várias vezes, gerando sucessivas obstruções. Na uvular, ocorre o mesmo mecanismo através do contato do dorso da língua e a úvula. São ambos vozeados.	Apresenta múltiplos contatos seguidos por um ou mais pulsos glotais nos quais o fechamento do articulador não se completa, porém produz uma diminuição de amplitude no espectrograma.
Aproximante	Assemelha-se a vogais, pois há apenas uma aproximação da ponta da língua nos alvéolos, sem obstrução. Segundo Grégio, 2012, quando há contato da língua na região alveolar, esse é muito reduzido. É caracteristicamente vozeado.	Uma vez que não há obstrução, não há descontinuidade espectral. A produção é contínua, com maior amplitude de onda e com presença formântica similar a das vogais.
Retroflexo	Ele se caracteriza pela elevação da sub lâmina da língua, enquanto que a ponta dela se curva para trás, em direção ao palato duro. Ocorre apenas	Apresenta uma configuração formântica definida e um rebaixamento da frequência do terceiro formante, este sendo maior quanto maior for o grau de

	uma aproximação dos articuladores. É vozeado.	retroflexão. Há, portanto, energia espectral, à semelhança das vogais.
Fricativo	O som fricativo caracteriza-se pela estreita aproximação entre os articuladores, que podem ser diversos: dorso da língua e palato mole (nas velares), dorso da língua e úvula (nas uvulares) e fricção na laringe, no caso das glotais. Pode ser vozeado ou desvozeado. formação formântica das vogais adjacentes.	Devido à fricção, temos nesses segmentos a presença de um ruído constante. De acordo com o ponto de articulação, temos picos espectrais diferentes, sendo a altura deles inversamente proporcional à extensão da parte frontal à constrição, ou seja, quanto mais posterior a fricção, mais baixos os picos espectrais (JESUS, SHADLE, 2005). Além disso, as glotais costumam apresentar.

Fonte: Haupt (2018, p. 195)

Em se tratando das realizações dos róticos no PB, estas podem ocorrer em posição inicial, medial ou final de sílabas ou palavras, que vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda, até o apagamento. Nesse sentido, os sons do r podem modificar de acordo com a sua posição na sílaba, seja em onset silábico ou em coda silábica. Conforme o recorte da nossa pesquisa, interessa-nos a realização e variação dos róticos na posição de coda silábica. Estudos realizados confirmam que é nesse contexto (coda silábica) que a realização do rótico apresenta maior variabilidade.

Dentre os fonemas do PB, apenas o /S/, /R/ e /L/ ocupam posição de coda silábica. Essa condição, segundo Callou, Moraes e Leite (2013) se dá pelo polimorfismo, que essas consoantes prestam-se exemplarmente, à caracterização de fenômenos variáveis no português do Brasil. Monaretto, Quednau e Hora (2014) complementam que a variabilidade do fonema pode ser ocasionada tanto pelo ambiente fonético no qual se encontram, quanto por fatores extralinguísticos, geográficos e/ou sociais, ou seja, a variação é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme a comunidade de fala. A autora Roberto (2016) traz como exemplo a palavra *porta*, e dentre as variações possíveis, exemplificamos duas formas de realização do rótico, de acordo com o local onde é falado: ['pɔxtɐ] a pronúncia carioca, uma *fricativa* e ['pɔ:ɪtɐ] a pronúncia de alguns municípios do interior de São Paulo e de Minas Gerais, uma *retroflexa*.

Estudos têm mostrado a multiplicidade de variantes e as manifestações fonéticas do rótico em diversos contextos linguísticos e dialetos brasileiros. Em virtude de estarmos trabalhando com dados de estudantes da cidade de Porto Nacional - Tocantins, em nossa

pesquisa, apresentamos dois estudos realizados com informantes também da cidade de Porto Nacional e região.

Menezes e Silva (2016) identificaram e analisaram os róticos, em posição de coda silábica, em três cidades do Tocantins: Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade. O *corpus* da pesquisa foi um extrato de questionário contendo 25 questões coletadas pelo projeto Atlas Linguístico Topodinâmico Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO). As pesquisas de campo foram realizadas junto a 24 informantes topodinâmicos e topoestáticos, distribuídos pelas variáveis sexo e idade. De acordo com as pesquisadoras, o rótico que mais aparece na fala dos informantes pesquisados são os *fricativos*, com destaque para os *glotais*, apontando semelhanças linguísticas com os estados nortistas e nordestinos. As demais variantes estão associadas a cada localidade de pesquisa que demonstrou índices variados de acordo com a posição do fonema (coda interna ou coda externa). Assim, o resultado da pesquisa aponta que, em coda interna, houve maior ocorrência das *glotais* e em coda externa, o *apagamento* do fonema, sobretudo nos verbos. As pesquisadoras enfatizam que a presença de outras variantes como *retroflexo* e *tepe* estão associadas à imigração nessas localidades.

A pesquisadora Fernandes (2020), em sua dissertação, analisou o rótico em posição de coda silábica final e medial, em substantivos, na cidade de Porto Nacional – Tocantins. O objetivo da pesquisa foi descrever e analisar o comportamento fonético-fonológico dos róticos na fala de 12 informantes, estratificados, com faixa etária de 20 a 55 anos de idade, com níveis de escolaridade correspondentes ao Ensino Médio e ao Ensino Superior, de ambos os sexos. Para a análise linguística, foram considerados os seguintes contextos fonológicos: tonicidade, número de sílabas e o contexto seguinte. O contexto seguinte foi analisado em coda silábica final e coda silábica medial. Os resultados da pesquisa indicaram que os falantes portuenses pronunciam com mais frequência as *fricativas surdas*, com destaque para a variante *fricativa glotal*, ao contrário do *retroflexo* que apresentou uma única ocorrência. A autora analisou os dados de apagamento em substantivos, obtendo um maior número de ocorrências em coda final, mas também houve casos em posição medial.

4.2 O fenômeno do apagamento do rótico em coda silábica

O apagamento é um fenômeno fonológico em que uma vogal, consoante ou glide é cancelada. Utiliza-se o símbolo \emptyset para indicar que houve o cancelamento ou o apagamento da vogal ou consoante. O apagamento de vogais ocorre sempre em sílaba átona como em (**a-**

garrado, Øgarrado), enquanto o de consoantes ocorre em coda medial ou final, isto é, no meio ou no final da palavra, como em (*cur-so*, *cuØ-so*) e (*enten-der*, *enten-deØ*). Assim, “o apagamento equivale ao fenômeno de lenição, ou seja, de enfraquecimento consonantal, em grau máximo”. (CRISTÓFARO, 2017, p. 60)

A lenição é o enfraquecimento de um segmento consonantal que pode evoluir para o apagamento da consoante. De acordo com Callou, Moraes e Leite (2013), a sequência das variantes enfraquecidas seria $r \rightarrow R \rightarrow X \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. A lenição foi estudada por pesquisadores como Rennie (2015) que a vê como um fenômeno essencialmente fonético. A pesquisadora destaca que a posição final de sílaba é um dos fatores que favorece a lenição, ressaltando que é nesse contexto que se apresentam mais variantes enfraquecidas e cancelamentos de róticos do que em qualquer outro, mas salienta que poderá avançar para outros contextos, no caso, em outra posição silábica, como observamos nos estudos abaixo:

Junior e Cristófaros-Silva (2018) analisaram a lenição do tepe intervocálico em 12 estados do Brasil, buscando avaliar, acusticamente, a natureza gradiente ou abrupta do fenômeno. De acordo com os resultados, a lenição do tepe intervocálico ocorreu em todos os estados avaliados, mostrando que o fenômeno nesse segmento é emergente e recorrente no português brasileiro. Os estudos atestaram também que a lenição ocorreu de forma gradiente, ou seja, a mudança aconteceu aos poucos e não abruptamente.

Haupt (2018) realizou um estudo acústico das realizações do r-forte em posição intervocálica e em início de palavra e do r-fraco intervocálico, no falar tocantinense. Os resultados das análises mostraram variação na produção tanto do r-fraco quanto do r-forte: para o r-fraco foram encontradas pronúncias de *tepe* e *tepe aproximante alveolar*, com maior incidência de *aproximantes* nos dados de fala espontânea. A pesquisadora identificou gradiente na variação, atestando o que postula a Teoria de Exemplares de que os fenômenos de variação não são foneticamente abruptos, isto é, que a variante aproximante está aos poucos constituindo nuvens de exemplares e esse enfraquecimento constitui-se, nesse estudo transversal, em um caso de variação. Para o r-forte, foram encontradas formas *velares* e *glotais*, com predomínio das últimas, tanto nos dados de leitura quanto da entrevista. A autora identificou também, nesses dados, os efeitos da automatização, que segundo a Teoria de Exemplares, é a responsável pelas mudanças foneticamente motivadas.

Rennie (2016) analisou a variação dos róticos em um *corpus* coletado em Lavras – MG. A pesquisadora encontrou 21 variantes do rótico, envolvendo vibrantes, tepes, fricativas, aproximantes e aproximantes aspiradas, podendo ser alveolares, palatais, retroflexas/

arqueadas, uvulares e glotais. De acordo com os resultados, em todos os contextos fonológicos analisados, a gradiência fonética teve como motivação a lenição (redução).

Os estudos da variação dos róticos, na fala, iniciaram há décadas por pesquisadores como Oliveira (1983), Callou, Moraes e Leite (1996), Monaretto (1997), dentre muitos outros, seguindo a perspectiva varicionista. De acordo com Hora (2009), os problemas da variação dos róticos, destacados nestes trabalhos, são maiores que os relacionados ao apagamento. Os estudos dos róticos têm despertado interesse de pesquisadores em diversas línguas do mundo. Hora e Monaretto (2003) acreditam que esse interesse em pesquisar os róticos se deve à multiplicidade de formas que eles podem assumir sob o mesmo rótulo para o símbolo da grafia *r* e pelo fato de diferentes falantes realizarem-nos de formas diferentes, dificultando, assim, sua descrição.

Os róticos têm sido objeto de estudo não só da Sociolinguística, mas também da Dialetoлогия e Geolinguística. Na área das pesquisas dialetológicas podemos citar os trabalhos de Amaral (1920), Marroquim (1934), Câmara Jr.(1953), dentre outros. Os estudos citados acima, tanto na perspectiva sociolinguística quanto da dialetológica iniciaram o mapeamento da realidade linguística do português brasileiro e a partir deles muitos outros surgiram e isto possibilitou traçar as variações na realização fonética dos róticos em diferentes regiões brasileiras. Abordaremos no nosso trabalho, além dos autores citados, outras pesquisas que contribuíram para os estudos dos róticos e do apagamento em coda final.

4.2.1 Estudos sobre o apagamento do rótico na fala

De acordo com o recorte feito no nosso estudo, trataremos aqui do apagamento do rótico em coda silábica que não é um fenômeno recente no português brasileiro, já era observado nas peças de Gil Vicente, no século XVI, para caracterizar o linguajar dos escravos. O que, na época era considerado uma marca dos falares incultos, “ expandiu-se paulatinamente, sendo hoje comum na fala dos vários estratos sociais” (CALLOU, MORAES e LEITE, 1998, p. 61), conforme comprovam estudos realizados em diferentes regiões do país.

Apresentamos no quadro 11, alguns estudos sobre a variação do rótico na fala que demonstram o processo de evolução do apagamento do rótico em diversas partes do Brasil e em seguida, descrevemos como foi desenvolvida cada pesquisa e os resultados alcançados.

Quadro 11: Estudos da variação do rótico na fala

Autor	O que estudou	Localidade
Callou, Moraes e Leite (1996)	Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ ¹⁹ no português do Brasil.	Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.
Callou, Moraes e Leite (1998)	Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real.	Rio de Janeiro
Monaretto (2000)	O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil.	Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre.
Reis e Dias (2006)	A vibrante final de infinitivo na fala de crianças em fase final de aquisição da linguagem: o efeito cumulativo de natureza fonomorfossintática sobre o fonema /r/	Criciúma - SC
Carvalho (2009)	Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense.	Teresina - PI
Leite (2010)	O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro	Campinas - SP
Calou, Serra e Cunha (2015)	Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino.	Capitais nordestinas
Silva (2018)	Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)	Araguatins, Tocantinópolis, Araguaína, Araguacema, Pedro Afonso, Palmas, Porto Nacional, Mateiros, Gurupi, Formoso do Araguaia, Natividade, Paranã.

Fonte: Elaboração própria (2022)

Callou, Moraes e Leite (1996) realizaram uma pesquisa para estabelecer uma delimitação de áreas dialetais com base nas ocorrências do /r/ em posição pós-vocálica medial e final em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os autores analisaram 4.334 ocorrências de /r/ por área geográfica, faixa etária e gênero, utilizando a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana. Quanto ao uso do rótico, ao autores identificaram que em Porto Alegre e São Paulo, a *vibrante alveolar* é mais forte e em Salvador e Rio de Janeiro predomina a *fricativa velar* e em Recife, a *aspirada*. Os resultados

¹⁹ Cada autor, das pesquisas apresentadas, optou por uma forma de representar o rótico.

da pesquisa concluíram que o índice de *apagamento* ocorreu em maior proporção na posição final da palavra com 37% e em menor proporção na posição interna da palavra com 3%. Dentre as capitais, Salvador apresentou o maior índice de *apagamento* com 61% e Porto Alegre o menor percentual. As outras capitais apresentaram semelhanças quanto ao *apagamento*: São Paulo e Recife com 49% e Rio de Janeiro com 47%. Em relação ao contexto morfológico, o *apagamento* se mostrou produtivo em verbos na sílaba final em todas as cidades, sem demonstrar relevância quanto ao número de sílabas do vocábulo.

Nesse estudo, verificamos que na classe morfológica e extensão do vocábulo, os nomes e verbos apresentam variações diferenciadas, visto que enquanto nos nomes a manutenção foi de 83%, nos verbos o percentual foi de 35%. Quanto à extensão do vocábulo, nos nomes, o cancelamento é favorecido nos vocábulos polissílabos, sendo bem menor nos monossílabos. Os autores destacam que para entendermos a atuação das regras do apagamento do rótico, é necessário que observemos, além da posição interna ou externa, a classe morfológica do vocábulo e que “há indícios de que os condicionamentos para as diferentes realizações do *r* são tanto fonológicos, como morfológicos e sociais.” (CALLOU, MORAES E LEITE, 1996, p. 482)

Callou, Moraes e Leite (1998) no estudo sobre o apagamento do R final no dialeto carioca, analisaram o apagamento do R em estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica (*r* à *h* à \emptyset CVC à CV), do português brasileiro, em posição final no vocábulo, na fala culta do Rio de Janeiro. Os autores realizaram uma análise em tempo aparente e em tempo real de curta duração, com o intuito de verificar se o processo de *apagamento* representava uma variação estável ou se havia uma mudança em curso. Foram analisados três conjuntos de dados do Projeto NURC²⁰, coletados nas décadas de 70 e 90, utilizando a metodologia sociolinguística quantitativa laboviana, verificaram os fatores: tamanho do vocábulo, vogal precedente, ponto e modo de articulação do segmento subsequente, pausa subsequente, classe morfológica, item lexical, acento frasal e acento lexical, faixa etária e gênero.

Os autores apontam que o fator tamanho do vocábulo não influencia no apagamento, isto é, tem um comportamento neutro. Os resultados encontrados nesta pesquisa ratificam os resultados da pesquisa de 1996, realizada pelos autores que concluem ponderando que o

²⁰ O acervo do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), ora disponível *on-line*, constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. Disponível em: <https://nurcrj.letras.ufrj.br/>. Acesso em 11 de junho de 2021.

apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima, ou seja, que acontece abaixo do nível de consciência do falante, tendo como origem a fala popular. Os pesquisadores complementam que, o apagamento, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social.

Na amostra da classe morfológica, os autores concluíram que o apagamento do rótico é mais frequente nos verbos do infinitivo, bem como na primeira e terceira pessoas do futuro do infinitivo. De acordo com os autores, o fator é favorecido pela marcação do *r* no final da sílaba, mas também pela tonicidade da sílaba onde ocorre o segmento (*comer* versus *come*). A tabela abaixo mostra o resultado da pesquisa no que se refere ao apagamento na classe morfológica.

Tabela 1: Apagamento do rótico segundo a classe morfológica

	70		90			
			Recontato		Nova Amostra	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Verbo	73%	.70	7%	.77	82%	.82
Não-verbos	32%	.32	39%	.39	32%	.33
Total	61%	.51	62%	.63	64%	.64

Fonte: CALLOU, MORAES, LEITE (1998) - Adaptado

Em consonância com a pesquisa mencionada acima, Bortoni-Ricardo (2004) reitera que a supressão do rótico em coda silábica final é uma ocorrência em maior proporção em verbos, principalmente no infinitivo, como em (*cantar/cantá, escrever/escrevê, partir/parti*), sendo também, em posição pós-vocálica, em verbos do futuro do subjuntivo, como em (*se eu quiser/quisé, se eu partilhar/partilhá*). A autora destaca que “quando o falante de uma língua suprime um *r* em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse segmento consonantal.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85). Sobre a maior frequência de apagamento do rótico em verbos, Callou, Serra e Cunha acreditam que

A hipótese é a de que a presença do *r*, em coda silábica final, constituiria, no caso, uma marca morfológica de caráter redundante, já que o infinitivo e o subjuntivo futuro são marcados também pelo acento lexical na última sílaba. O mesmo não acontece com os não-verbos, já que neles a coda não representa marca morfológica independente, embora o fenômeno do apagamento venha atingindo, paulatinamente, também os não-verbos, os dialetos em que o processo de apagamento de coda final em verbos já se encontra muito avançado. (CALLOU, SERRA e CUNHA, 2015, p. 200)

Monaretto (2000) pesquisou sobre o apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil, utilizando como *corpus* o banco de dados do projeto VARSUL²¹, com o objetivo de verificar os fatores linguísticos: a posição da vibrante na palavra, o contexto precedente, o contexto seguinte, a classe morfológica, a função do /r/, a dimensão da palavra, o acento lexical e o ritmo e os fatores sociais: localidade, sexo, escolaridade e faixa etária, envolvidos no apagamento do /r/ em final de sílaba. De acordo com os resultados, os verbos foram a classe morfológica com maior número de apagamento, com 81% das ocorrências, seguido por preposições, pronomes, conjunções e advérbios, com 20% de ocorrências e os não-verbos totalizando 5 % de ocorrências.

A autora concluiu que:

- Há maior queda do /r/ em infinitivos do que em não infinitivos;
- O apagamento ocorre quase que categoricamente em final de palavra ;
- A queda do /r/ é mais frequente nos jovens, decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos.
- Há mais apagamento do /r/ em Florianópolis do que nas outras cidades.

Esses resultados confirmam os estudos realizados por Callou, Moraes e Leite (1996, 1998) em relação a maior incidência de apagamento do /r/ em verbos no infinitivo e no final da palavra.

Reis e Dias (2006) analisaram o uso variável do apagamento do fonema /r/ em final de palavras verbais em textos orais produzidos por informantes em fase final da aquisição da linguagem. Participaram da pesquisa dois informantes um do sexo masculino com idade de 4 anos e 4 meses (início da coleta de dados) a 5 anos e 9 meses (final da coleta); e o outro, do sexo feminino, com idade de 2 anos e 4 meses (início da coleta de dados) e 3 anos e 9 meses (final da coleta). O *corpus* da pesquisa foi obtido por meio de entrevistas e interações com os dois informantes naturais de Criciúma (SC) e que frequentavam a pré-escola. As pesquisadoras analisaram as variáveis linguísticas: categoria gramatical, contexto linguístico precedente, contexto linguístico seguinte, terminação da palavra, dimensão do vocábulo, acento lexical, subclasse do substantivo, classificação do modo verbal e da formação verbal. As variáveis extralinguísticas foram sexo, idade e escolaridade. De acordo com as autoras, os resultados

²¹ O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. Disponível em <http://www.varsul.org.br/>. Acessado em 13 de junho de 2021.

encontrados confirmam o que outros pesquisadores já concluíram a respeito do *apagamento* do rótico em infinitivos. Reis e Dias (2006) acreditam que o fato dos textos analisados serem proferidos por informantes infantis, evidencia que a mudança linguística em favor do apagamento do fonema /r/ no infinitivo impessoal está se firmando na oralidade do português do Brasil.

Carvalho (2009), em sua tese de doutorado, investigou o comportamento fonético e fonológico do rótico e suas variantes, em posição de coda interna e externa da sílaba. A pesquisadora utilizou como *corpus* a fala de informantes nascidos em Teresina – capital – ou provenientes do norte do Estado e analisou fatores linguísticos e sociais como: contexto fonológico precedente, tonicidade, extensão da palavra, categoria gramatical, sexo, escolaridade e faixa etária. De acordo com os resultados, há uma tendência ao *apagamento* do rótico, visto que é a segunda maior ocorrência nos dados analisados. A autora conclui que mesmo quando ocorre a manutenção do rótico, a sua realização é caracterizada por uma variante que indica o enfraquecimento do /r/, a *fricativa glotal* [h], que corresponde a 50% dos resultados gerais. O segmento [h] é uma variante *fricativa posterior* que apareceu em posição de coda medial e final, com predominância da medial.

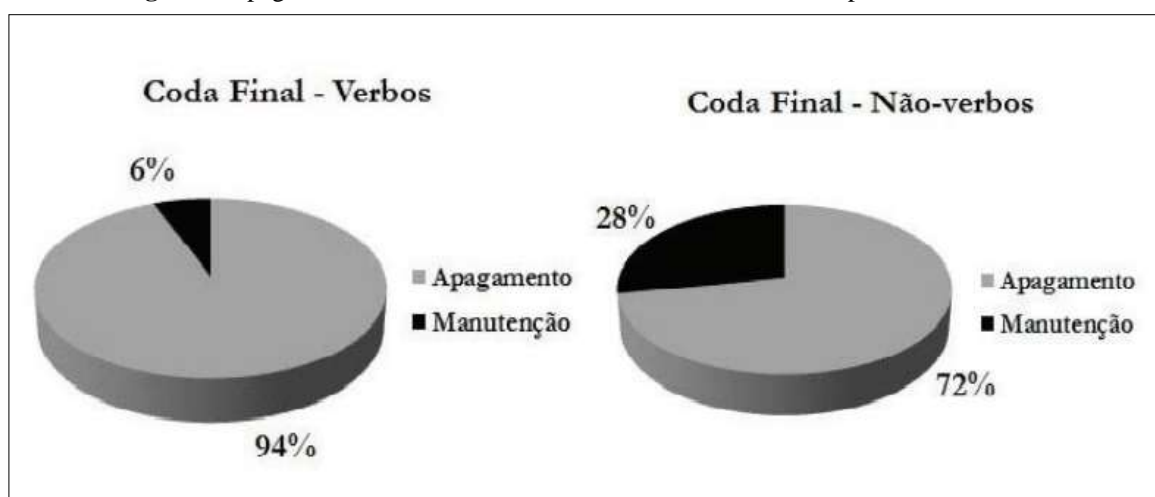
Leite (2010), em sua tese de doutorado examinou o processo de variação linguística do /R/ em posição de coda silábica em Campinas e investigou as atitudes linguísticas, ou seja, o saber e o discurso público sobre a língua, nos termos de Schlieben-Lange (1993). Nesse estudo, a autora utilizou o *corpus* composto por dados coletados em entrevista semi-diretiva como também leitura de palavras e sentenças de doze informantes naturais de Campinas. De acordo com as análises auditivas e acústicas, os resultados da pesquisa apontaram para uma variação do rótico no falar campineiro, sendo que 90,6% corresponderam ao /R/ caipira, 9,0% à vogal rotacizada e 0,4% de /R/ vocalizado. Assim, a autora conclui que o /R/ caipira é a variante mais frequente no falar campineiro, tanto em coda medial quanto final e independente do grau de instrução e do sexo dos falantes. A pesquisa revelou ainda que não houve apagamento do rótico nos dados analisados.

Confrontando os dados de apagamento em verbos e não-verbos nas capitais nordestinas, Callou, Serra e Cunha (2015) analisaram o fenômeno em posição de coda medial e final a partir de amostras de fala culta extraídas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)²². O

²² O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social. Informações disponíveis em: <https://alib.ufba.br/>.

percentual de apagamento encontrado nas amostras indica que o cancelamento do rótico na Região Nordeste está no estágio bem adiantado, visto que o índice em sete cidades é superior a 90% e apenas em Aracaju e Sergipe é superior a 80%. Observando os dados, verificamos que a maior ocorrência é em coda final e em verbos, como demonstrado na figura abaixo, embora as autoras ressaltem que o apagamento já atingiu a coda medial naqueles dialetos em que a norma de pronúncia do segmento é sempre [- vibrante] e [- anterior]. As autoras acreditam que o apagamento está relacionado às mudanças de articulação da consoante, de vibrante para fricativa e de anterior para posterior. Ressaltam ainda que os sucessivos estágios de mudança na realização do rótico, tanto do modo quanto do ponto de articulação -- vibrante anterior → fricativa posterior → aspiração → Ø -- estariam relacionados ao processo de enfraquecimento e conseqüente apagamento da consoante.

Figura 6: Apagamento em coda final em verbos e não-verbos nas capitais do Nordeste brasileiro



Fonte: CALLOU, SERRA e CUNHA (2015, p. 202)

Assim, o apagamento do rótico pós-vocálico é uma particularidade desse fonema que, através de pesquisas, vem sendo identificado, não só no Rio de Janeiro e nas capitais nordestinas, como também em todas as regiões do Brasil. Oliveira (1983) enfatiza que os estudos sobre o apagamento do rótico comprovam que o fenômeno é mais produtivo em posição de coda no final da palavra. A afirmação do autor é comprovada por inúmeros estudos da variação do rótico em dados de fala e dados escritos.

De acordo com estudos, a supressão do rótico não representa mais demarcador de classe nem de regionalidade, visto que o fenômeno é observado em todos os estratos sociais e regiões do Brasil. “Essa tendência, além de estar associada ao processo de enfraquecimento e

posteriorização do segmento, revela uma preferência pela sílaba CV, ou seja, a sílaba aberta.” (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

Silva (2018), em sua tese de doutorado, pesquisou sobre o falar do tocaninense, utilizando a metodologia da Dialetologia Pluridimensional. O estudo deu origem ao *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. Participaram da pesquisa, 96 informantes, de ambos os sexos, de duas faixas etárias, distribuídos entre 12 localidades tocaninenses, das mais antigas às mais populosas e recentes. Dentre as vertentes do estudo, a pesquisadora investigou a realização das variantes róticas em final de palavra. Para isso, foram selecionados nove itens lexicais, sendo três substantivos e seis verbos no infinitivo. Os resultados apontaram para uma hegemonia do apagamento em 11 cidades pesquisadas, sendo que os verbos apresentaram um número maior de ocorrências, seguindo a tendência de estudos já realizados em outras partes do país. Os verbos da primeira conjugação, cuja vogal antecedente é aberta, caso de *montar, trabalhar e perguntar*, tiveram os maiores índices de apagamento, acima de 77%; em *varrer*, da segunda conjugação, que apresenta vogal média, denota percentual de *apagamento* menor, se comparado às demais formas verbais no infinitivo.

4.2.2 Estudos sobre o apagamento do rótico na escrita

Apresentamos no quadro 12, alguns estudos sobre a variação do rótico na escrita, demonstrando que o fenômeno do apagamento na escrita é observado em diversas partes do Brasil. Em seguida, descrevemos como foi desenvolvida cada pesquisa e os resultados alcançados.

Quadro 12: Estudos da variação do rótico na escrita

Autor	O que estudou	Localidade
Costa (2015)	Da Oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do “R” na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II.	Mossoró - RN
Sene e Oranges (2017)	Fala [ø] e escreve [ø]: variação do rótico em posição de coda na escrita escolar de Uberaba/MG.	Uberaba - MG
Martins (2019)	Variação na escrita do /r/ final: uma análise em textos escritos e dados orais de alunos do Ensino Fundamental I.	Mariana - MG
Branco (2020)	O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II.	Santo Antônio do Descoberto - GO

Oliveira e Prado (2020)	O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II	Porto Velho - RO
----------------------------	---	------------------

Fonte: Elaboração própria (2022)

Costa (2015) pesquisou sobre o fenômeno do apagamento do “r” em posição de coda final, na escrita de alunos do 6º e 8º ano de uma escola pública da rede estadual de ensino de Mossoró/RN. A autora analisou 27 produções textuais, sendo 14 textos do 6º ano (2014) e 14 textos do 8º ano (2015), com o intuito de verificar se os desvios encontrados nas produções do 6º ano reincidiram nos dados escritos do 8º ano. A análise levou em consideração os desvios resultantes da interferência da oralidade, desvios decorrentes do sistema de convenções de escrita e desvios de outra natureza.

A conclusão do estudo é de que muitos dos desvios de escrita trazidos pelos alunos são motivados por processos fonológicos. Dos 295 desvios encontrados nos 27 textos produzidos pelos alunos das duas séries escolares, 144 foram motivados por interferência da oralidade, ou seja, tinham motivações fonético/fonológicas. Dos desvios motivados por processos fonológicos, isto é, baseados na fala, o estudo apontou o apagamento do “r” em posição de coda final, nas formas verbais no infinitivo, o mais produtivo. Em relação à variante escolaridade, o maior índice de apagamento ocorreu nas produções do 8º ano.

Sene e Oranges (2017) analisaram o fenômeno fonético-fonológico variável do apagamento ou manutenção do /R/, com vistas a investigar a influência da fala na escrita dos alunos do Ensino Fundamental II. O *corpus* da pesquisa foi composto por 70 redações produzidas por alunos do 6º ano de duas diferentes escolas públicas de Uberaba-MG. Os pesquisadores analisaram a manutenção ou apagamento do /R/ em verbos e a dimensão das palavras: monossilábicos, dissilábicos, trissilábicos e polissilábicos. De acordo com os resultados, foram encontrados 420 vocábulos verbais, dos quais a manutenção do /R/ apresentou 122 ocorrências (29,05%), enquanto o apagamento do segmento consonântico em posição de coda silábica apresentou 298 ocorrências (70,95%). De acordo com a extensão do vocábulo, houve maior ocorrência de apagamentos nos monossílabos, ratificando resultados provenientes de dados na fala. Para os pesquisadores, o resultado do estudo ratifica trabalhos com a língua falada, na medida em que apontam a superioridade do número de apagamento do /R/ em verbos em detrimento da manutenção em se tratando da posição de coda silábica final.

Martins (2019), em sua dissertação investigou a realização e não realização do /R/ em coda silábica final, em verbos no infinitivo, na escrita de alunos do Ensino Fundamental I, na

perspectiva psicogenética de compreensão da evolução da linguagem escrita, nas teorias que abordam a relação entre oralidade, fonologia e escrita e na Sociolinguística Educacional. O *corpus* da pesquisa foi composto por textos escritos e áudios gravados de dez alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede pública estadual de um distrito da cidade de Mariana- MG.

O resultado da pesquisa constatou que dos 195 verbos no infinitivo escritos pelos alunos, em apenas 23 o /R/ final foi apagado. Em oposição, dos 251 produzidos no *corpus* oral, 202 verbos sofreram o apagamento do fonema na fala. A pesquisadora atribui o baixo índice de apagamentos ao fato de que há “um avanço dos estudantes na compreensão da escrita como representação e não como codificação”. A pesquisadora ressalta que, analisando os dados qualitativamente, verificou outros tipos de erros como transposição da oralidade para escrita, revelando que ainda há grande influência da oralidade na escrita das crianças sujeitos da pesquisa. Outra constatação foi que todos os verbos cujo /R/ final foi apagado na escrita também tiveram o fonema apagado na fala.

Branco (2020) analisou o apagamento do “r” em posição de coda nas produções escritas dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Santo Antônio do Descoberto/Goiás. O objetivo da pesquisa foi analisar o apagamento nas produções escritas e realizar uma intervenção didática, a fim de promover uma escrita com menos desvios ortográficos no que tange a este apagamento. De acordo com os resultados, houve um quantitativo menor de apagamentos na produção final, em relação à produção inicial. Ressaltando que em ambas as produções, o apagamento do “r” em posição de coda só ocorreu com a classe gramatical dos verbos. Outro desvio identificado nas produções textuais foi o acréscimo do “r” ao final de formas verbais que não admitiam esse uso: na produção inicial, houve 30 ocorrências desse desvio, ao passo que na produção final houve uma redução de mais de 50% dos desvios, o que corresponde a 14 ocorrências.

Oliveira e Prado (2020) investigaram o fenômeno de apagamento do /R/ em final de verbos presentes em textos de alunos do Ensino Fundamental II, a partir de modelos teóricos de base gerativa, considerando a variação linguística presente nas línguas naturais. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 82 redações de alunos do 6º ano de duas escolas públicas de Porto Velho (RO). O estudo detectou 112 ocorrências de apagamento do /R/ em final de verbos dispostos em 82 redações analisadas, sendo a maior ocorrência de apagamento em verbos da primeira conjugação (-ar), seguidos, respectivamente, por verbos da segunda (-er) e terceira conjugação (-ir). As autoras afirmam que os fenômenos apresentados pelos resultados da

pesquisa denotam a relevância de se investigar os fatores condicionantes, tanto linguísticos como extralinguísticos.

De acordo com os estudos apresentados, o apagamento do rótico na fala é um fenômeno recorrente em coda silábica final e em verbos no infinitivo, identificado praticamente em todas as regiões brasileiras. Oliveira e Callou (2014) acreditam que a tendência de queda do R nos verbos seja motivada pelo fato do infinitivo ser marcado pelo acento o que determinaria que o rótico seria uma marca morfológica redundante. As autoras observaram também que, diante da pausa, o R é frequentemente mais preservado.

Em outro estudo, Callou, Serra e Cunha (2015) comparam os dados de apagamento da região Nordeste com os dados encontrados na região Sudeste e Sul e consideram que as mudanças na articulação da consoante *r*, de vibrante para fricativa e de anterior para posterior sejam os condicionadores do apagamento. As autoras acreditam que as mudanças na realização do rótico, tanto do modo quanto do ponto de articulação estariam relacionadas ao processo de enfraquecimento e conseqüente apagamento da consoante *r*.

Quanto aos estudos do apagamento do rótico em dados escritos, os resultados apontam para o apoio da oralidade na escrita, em que a supressão da consoante rótica demonstra que o estudante transpõe para a escrita o que é usual na sua oralidade. A partir das pesquisas apresentadas, verificamos que o fenômeno do apagamento do rótico nos textos escritos não se restringe às séries iniciais, mas que se estende até o segundo segmento do Ensino fundamental. Esses estudos revelam que muitos aspectos fonéticos-fonológicos da língua, observados na fala coloquial, são transpostos para a escrita, o que incide em desvios ortográficos da norma padrão. Ressaltamos a importância da escola valorizar as variedades linguísticas assim como o domínio das normas ortográficas, de acordo com o contexto e uso de cada uma das modalidades discursivas.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa para alcançarmos o objetivo geral que é analisar o apagamento do rótico em coda silábica de verbos no infinitivo na escrita do 8º e 9º anos com o embasamento teórico da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplares.

Na primeira seção, descrevemos o percurso metodológico destacando a escolha do tema, da teoria e do público-alvo. Na segunda seção, explicitamos os bancos de dados utilizados como *corpus* da pesquisa e a metodologia utilizada para o levantamento dos dados.

5.1 Apresentação do objeto de pesquisa

Os estudos da variação dos róticos, na fala, iniciaram há décadas por pesquisadores como Oliveira (1983), Callou, Moraes e Leite (1998) e Monaretto (1997), dentre muitos outros, seguindo a perspectiva varicionista. A pesquisa realizada por Callou, Moraes e Leite (1998) apontou que o apagamento do rótico é mais frequente nos verbos do infinitivo, bem como na primeira e terceira pessoas do futuro do infinitivo. Oliveira (1983) enfatiza que os estudos sobre o apagamento do rótico comprovam que o fenômeno é mais produtivo em posição de coda no final da palavra.

Algumas pesquisas sobre a redução do rótico em coda final, em produções escritas, também já foram realizadas. Dentre elas, destacamos a de Torres e Oliveira (2015) que pesquisaram sobre o apagamento do rótico no final de vocábulo em produções escolares na cidade de Feira de Santana – BA, numa perspectiva sociolinguística variacionista, com o intuito de analisar a interferência da oralidade na escrita e os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem esse apagamento. As pesquisadoras verificaram que houve 22% de apagamento e 78% de manutenção do rótico no *corpus* analisado, concluindo que os resultados obtidos indicam que há influência da fala na escrita. Dentre outros fatores analisados, o apagamento foi favorecido em vocábulos polissilábicos, na classe dos verbos no infinitivo, em vogal alta anterior e a vogal média posterior alta e diante de sons desvozeados. Quanto ao fator escolaridade, as autoras concluíram que quanto maior o nível escolar, menor o índice de apagamento do rótico.

Diante dos resultados de estudos realizados na fala e escrita por vários pesquisadores, está comprovado que o apagamento do rótico é mais propício em verbos do infinitivo e em posição de coda silábica final. Isto posto, sabendo que o apagamento existe tanto na oralidade quanto na escrita e que ele é mais propício em verbos do infinitivo, em coda silábica final, decidimos realizar a nossa pesquisa, em dados escritos, sob outro ponto de vista, usando uma teoria baseada no uso. Pretendemos observar se o fenômeno do apagamento, comprovado na fala e na escrita, ocorre também no *corpus* que analisamos com a mesma proporção. Como objetivos específicos da dissertação temos: (i) avaliar se o fato do verbo ser mais ou menos frequente interfere no apagamento do rótico na escrita; (ii) identificar em qual terminação (-ar, -er, -ir, -or) é mais recorrente o número de apagamento na escrita. (iii) discutir o fenômeno do apagamento do r, em dados escritos, a partir da proposta teórica da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplos; (iv) analisar os fatores extensão do vocábulo e escolaridade no apagamento do rótico na escrita dos estudantes.

Para isso, escolhemos como público-alvo estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental II. Essa escolha se justifica pelo fato de que o 8º e 9º anos serem a etapa final do Ensino Fundamental em que os estudantes estão em processo de aquisição e consolidação da linguagem escrita e encontram dificuldades em aplicar as normas ortográficas. Em virtude dessas dificuldades, ao longo dos anos escolares, muitos estudantes ingressam no Ensino Médio com uma lacuna na aprendizagem da ortografia.

Adotamos em nossa pesquisa a Teoria da Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplos, as referidas teorias preconizam que o conhecimento linguístico é baseado no uso, isto é, na experiência do falante e é gerenciado probabilisticamente em vários alinhavos em redes. Assim, o uso e a frequência afetam a produção linguística e a representação mental dos itens lexicais.

Desta forma, A teoria baseada no uso será fundamental, na pesquisa, para que possamos analisar a frequência dos verbos nos corpora. De acordo com Huback (2013), a frequência exerce papel importante nos fenômenos linguísticos. A partir da frequência tipo e de ocorrência, verificaremos o número de verbos de cada conjugação e quantas vezes cada verbo apareceu nos corpora.

Portanto, buscamos verificar a correlação entre frequência tipo, de ocorrência e o cancelamento do rótico nos dados escritos que compõem os corpora desta pesquisa. Segundo Phillips (1984), as mudanças com motivação fonética, na fala, isto é, baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios, tendem a atingir primeiro as palavras que têm a frequência de ocorrência mais alta, dentre esses fenômenos de variação, está o caso do apagamento. Desse modo,

lançamos a hipótese de que o apagamento do rótico, na escrita, afeta em maior proporção os verbos mais frequentes no léxico.

5.2 Banco de dados utilizados

O *corpus* de análise desta pesquisa é composto por produções textuais do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. A título de comparação com as produções escritas em relação às frequências tipo e de ocorrência, utilizamos como aporte metodológico o *corpus* de Extratos de Textos Eletrônicos NILC/Folha de São Paulo, denominado CETENFolha. As duas fontes de pesquisa foram essenciais para que pudéssemos fazer uma análise comparativa do fator frequência entre um *corpus* menor e outro mais representativo no que diz respeito ao número de palavras. Nas duas seções seguintes descrevemos cada um dos corpora pesquisados.

5.2.1 O *corpus* BADESC

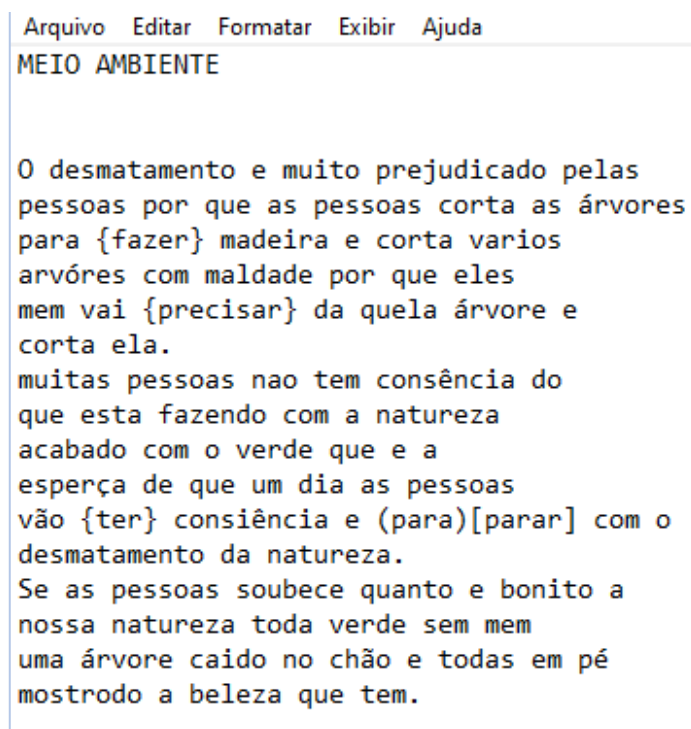
O Banco de Dados Escritos - BADESC é um *corpus* constituído por dados escritos de produções textuais do Ensino Fundamental II, que compreende do 6º ao 9º anos, de três escolas públicas do município de Porto Nacional TO. Para a composição da nossa pesquisa, fizemos o recorte e utilizamos apenas as produções das séries finais, ou seja, do 8º e 9º anos, num total de 258 produções, sendo 129 textos de cada série. Destacamos que o referido *corpus* foi coletado em 2012 e faz parte do projeto²³ intitulado “Abordagens Multirrepresentacionais em Fonologia e o Ensino de Ortografia”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Carine Haupt e desenvolvido em três etapas, a saber: conversa com professores de Língua Portuguesa das escolas envolvidas; coleta de dados e análise dos dados.

²³ O referido projeto está vinculado ao NEL (Núcleo de Estudos Linguísticos) do Campus de Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Os objetivos do projeto são: a) aproximar estudos de fonologia com estudos de escrita e defender o ensino dinâmico da linguagem; b) elaborar um banco de dados de textos escritos de alunos do Ensino Fundamental do 3º e 4º ciclos; c) discutir a implicação de modelos conexionistas e multirrepresentacionais, como a Fonologia de Uso e a Teoria dos Exemplares, no ensino do código escrito; d) apontar caminhos que possam ajudar o educador a se colocar como interlocutor na interação que o aluno estabelece com a escrita, na medida em que ele possa compreender, mais claramente, a produção gráfica de seus alunos.

Os textos foram produzidos em sala de aula, nas aulas de língua portuguesa, em formulário próprio do projeto, contendo informações como nome da escola, série, nome do estudante e tema da redação. Vale ressaltar que as produções abordam temas variados como: exploração do trabalho infantil, drogas, televisão, gravidez na adolescência, meio ambiente, desemprego, racismo, violência, estudo. As produções foram orientadas pela professora regente, não havendo a participação da pesquisadora nessa etapa do projeto.

As produções textuais que compõem o *corpus* da pesquisa foram digitadas em documento de texto *.txt, para que o programa WordSmith pudesse reconhecer as palavras na busca por terminação. Na digitação, a forma como os estudantes escreveram foi preservada e não houve identificação do estudante. Os textos foram renomeados contendo as iniciais da escola, o número referente à série, ao número de ordem e o sexo, como no modelo: (CS91F; CM82M; PT83M). A digitação seguiu alguns critérios para que mantivesse o padrão do texto original, como: cada linha do texto original corresponde a uma linha digitada, bem como a translineação utilizada pelo estudante; a marcação do parágrafo foi feita pressionando a tecla *enter*, ficando uma linha em branco entre os parágrafos; as palavras ilegíveis foram identificadas por *. Como analisamos os verbos no infinitivo nas produções escritas, identificamos os mesmos no *corpus* utilizando chaves e os verbos que sofreram apagamento foram digitados entre parênteses e ao lado, a forma ortográfica correspondente entre colchetes, como demonstrado na figura abaixo:

Figura 7: Exemplo de digitação dos textos que compõem o *corpus*



Fonte: BADESC (2022)

O levantamento de dados no BADESC foi realizado com o *software WordSmith Tools*, versão 8.0, que foi criado em 1996 por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, Reino Unido. O *WordSmith* é um software usado para o levantamento de dados num estudo de linguística de *corpus* e dispõe de três ferramentas: *Wordlist*, *Keywords* e *Concord*. O *Wordlist* traz a ocorrência de todas as palavras de um *corpus*, o *Keywords* compara duas listas de palavras criadas no *Wordlist*, enquanto o *Concord* traz a ocorrência de um determinado item. As ferramentas do *WordSmith Tools* auxiliaram na verificação da frequência tipo e de ocorrência. Na figura 8, temos o exemplo de uma lista gerada pelo *Concord* com verbos da primeira conjugação.

Figura 8: Lista gerada pelo Concord com verbos da 1ª conjugação

N	Concordance	Set	Tag	Word	#Sent	#Para	#Pos	H	#	Sect	#	Pos	File	Date	%
1	criança no Brasil hoje. O que devemos (fazer) para	(acabar)	com	ser?	34	0	32	0	32				CM612M.txt	2021/01/20 00:	23,4%
2	heje no Brasil e muito, os pais põem os filhos para	(trabalhar)	depois	da	60	0	58	0	58				CM612M.txt	2021/01/20 00:	40,7%
3	vezes que as crianças nem nam ao colégio só para	(trabalhar)	na	rua	75	0	73	0	73				CM612M.txt	2021/01/20 00:	51,6%
4	letrinha pegando lenta, feno e estras. Para	(acabar)	com	isso	86	0	84	0	84				CM612M.txt	2021/01/20 00:	59,9%
5	, feno e estras. Para (acabar) com isso devemos	(criar)	uma	estrução	90	0	88	0	88				CM612M.txt	2021/01/20 00:	63,3%
6	moren li até os pais decidem (para) de fazer-lis	(trabalhar)	Essa	e	116	0	114	0	114				CM612M.txt	2021/01/20 00:	82,9%
7	{poder} (sofria) tentava se até a morte se ele não	(trabalhar)	Os	adolescentes	42	0	40	0	40				CM613M.txt	2021/01/28 00:	31,5%
8	se ele não (trabalhar). Os adolescentes tem que (estudar)	(estudar)	(ter)	um	47	0	45	0	45				CM613M.txt	2021/01/28 00:	36,9%
9	tem que (estudar), (ter) um serviço melhor	(pensar)	no	futuro	52	0	50	0	50				CM613M.txt	2021/01/28 00:	41,7%
10	o estudo ajente não e nad a hoje ajente tem que	(pensar)	na	vida.	79	0	77	0	77				CM613M.txt	2021/01/28 00:	61,5%
11	é usen para (saber) coisas que a gente nunca viu	(falar)	na	vid.	36	0	34	0	34				CM614F.txt	2021/01/20 00:	18,9%
12	wendo o acontecimento na televisão mas o que	(reportar)	é	que	87	0	85	0	85				CM614F.txt	2021/01/20 00:	50,4%
13	que passam no dia a dia são notícias que nós	(reportar)	muito	por	107	0	105	0	105				CM614F.txt	2021/01/20 00:	61,4%
14	das notícias a gente nunca ve (sabendo) o que	(passar)	no	dia	124	0	122	0	122				CM614F.txt	2021/01/20 00:	71,5%
15	produzimos nem que os recursos naturais podam	(acabar)	Hoje,	essa	65	0	63	0	63				CM615F.txt	2021/01/20 00:	38,1%
16	os recursos naturais podem (acabar) Hoje, essa	(faltar)	de	conciê-	66	0	66	0	66				CM615F.txt	2021/01/20 00:	40,6%
17	ria é mais possível. As novas gerações precisam	(recuperar)	o	mundo	80	0	78	0	78				CM615F.txt	2021/01/20 00:	47,3%
18	(recuperar) o mundo dos estragos do passado e	(mudar)	hábitos	para	88	0	86	0	86				CM615F.txt	2021/01/20 00:	51,7%
19	estragos do passado e (mudar) hábitos para não	(causar)	mas	danos.	92	0	90	0	90				CM615F.txt	2021/01/20 00:	54,2%
20	taros unses polares fora do zoológico e se podeta	(navegar)	pelos	nas	122	0	120	0	120				CM615F.txt	2021/01/20 00:	70,8%
21	gravidos na adolescência e difícil por que os pais não	(aceitar)	ou	o	15	0	13	0	13				CM616F.txt	2021/01/20 00:	12,6%
22	(assumir) mas algumas vezes os pais pegam para	(criar)	mas	(ficar)	29	0	27	0	27				CM616F.txt	2021/01/20 00:	22,6%
23	mas algumas vezes os pais pegam para (criar) mas	(ficar)	difícil	para	31	0	29	0	29				CM616F.txt	2021/01/20 00:	24,2%
24	para (criar) mas (ficar) difícil para um adolescente	(criar)	um	filho	36	0	34	0	34				CM616F.txt	2021/01/20 00:	29,1%
25	(criar) um filho só por que vai (ter) que (para) de	(estudar)	e	(começar)	47	0	45	0	45				CM616F.txt	2021/01/20 00:	36,1%
26	filho só por que vai (ter) que (para) de (estudar) e	(começar)	a	(trabalhar).	49	0	47	0	47				CM616F.txt	2021/01/20 00:	37,6%
27	vai (ter) que (para) de (estudar) e (começar) a	(trabalhar)	Muitas	vezes	51	0	49	0	49				CM616F.txt	2021/01/20 00:	39,4%
28	e de menor os pais dele tem que (assumir) para	(pegar)	perção	ou	95	0	93	0	93				CM616F.txt	2021/01/20 00:	74,2%
29	das pessoas seja a mulher ou o homem deve se	(proteger)	(usar)	caminha.	39	0	37	0	37				CM617M.txt	2021/01/20 00:	25,8%
30	das pessoas seja a mulher ou o homem deve se	(proteger)	(usar)	caminha.	39	0	37	0	37				CM617M.txt	2021/01/20 00:	27,6%
31	que não acontece esses tipos de problemas, deve	(avisar)	o	seu	50	0	48	0	48				CM617M.txt	2021/01/20 00:	35,6%
32	para que não transmita doença, e também para	(evitar)	a	gravidez.	84	0	82	0	82				CM617M.txt	2021/01/20 00:	58,5%
33	para (evitar) a gravidez. Ninguém consegue (ficar)	(ficar)	sem	(sentir)	89	0	87	0	87				CM617M.txt	2021/01/20 00:	63,6%
34	(fazer) sexo é normal, só é preciso se (proteger),	(usar)	caminha	ha	104	0	102	0	102				CM617M.txt	2021/01/20 00:	73,5%
35	a sensação e melhor mas esta correndo o risco de	(pegar)	doenças,	como	129	0	127	0	127				CM617M.txt	2021/01/20 00:	91,5%
36	zer) qualquer relação sexual. Os adolescentes não	(pensar)	em	qualquer	43	0	41	0	41				CM618F.txt	2021/01/20 00:	40,4%
37	de (engravidar), por isso eles engravidam sem	(pensar)	nas	consequências	56	0	54	0	54				CM618F.txt	2021/01/20 00:	52,0%
38	ni á a trada desde. Isso é uma coisa que a devemos	(fornecer)	mas	o	71	0	71	0	71				CM618F.txt	2021/01/20 00:	66,6%

Fonte: WordSmith Tools, versão 8.0 (2022)

Na primeira etapa do levantamento, buscamos a frequência tipo que corresponde à frequência de um padrão específico no léxico – ou dicionário (BYBEE, 2001), no caso, os verbos no infinitivo. Utilizamos a ferramenta *Wordlist* para gerar a lista de palavras e em seguida, a ferramenta *Concord*²⁴ para selecionar os verbos no infinitivo por terminação. Como a ferramenta *Concord* lista todas as ocorrências dos verbos, fizemos uma tabela manual relacionando apenas um verbo de cada tipo, por exemplo, o verbo *abrir* apareceu seis vezes no *corpus*, mas foi elencado uma vez e assim por diante. Para maior fidelidade aos dados obtidos, utilizamos o programa *Excel* para auxiliar na elaboração da lista em ordem alfabética, excluindo qualquer possibilidade de repetição.

Na segunda etapa do levantamento, buscamos a frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo por conjugação. Essa frequência corresponde ao número de vezes que um

²⁴ Na ferramenta Concord utilizamos os caracteres {*ar}, {*er}, {*ir}, {*or} para listar os verbos de cada terminação.

determinado exemplar ocorre em um *corpus*. O levantamento foi realizado também com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, versão 8.0. Utilizamos inicialmente a ferramenta *Wordlist* para obter a lista de ocorrência de todas as palavras. Com o auxílio da ferramenta *Concord*, listamos todos os verbos no infinitivo para verificarmos a frequência de ocorrência no *corpus* e em seguida por conjugação. Desse levantamento, elaboramos uma lista de frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo e como já tínhamos a lista dos tipos de verbos, fizemos a tabulação da ocorrência de cada um deles, utilizando a ferramenta *Wordlist*.

5.2.2 O *corpus* NILC

O *corpus* de Extratos de Textos Eletrônicos NILC/Folha de São Paulo, denominado CETENFolha, utilizado nesta pesquisa como aporte metodológico, possui cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro com base nos textos do jornal Folha de São Paulo que foram compilados pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC). O CETENFolha foi criado pelo projeto Processamento computacional do português que deu origem à Linguateca que se dedica ao estudo do processamento computacional da língua portuguesa na Universidade de São Paulo em São Carlos. O *corpus* do NILC contém textos brasileiros de diversos gêneros: jornalístico, didático, epistolar e redações de alunos. Essa diversidade de textos faz com que tenhamos à disposição uma grande representatividade de palavras para nos auxiliar nas pesquisas de dados escritos para buscarmos a frequência de ocorrência de forma online, ou seja, utilizamos os recursos do próprio site para as buscas dos verbos no infinitivo.

Iniciamos o levantamento de ocorrência dos verbos no *corpus* do NILC acessando a página do Linguateca²⁵, no lado esquerdo clicamos no link acesso a recursos e serviços, em seguida no CETENFolha e por último no link Projeto AC/DC²⁶ que dá acesso à busca no *corpus* NILC/São Carlos. Para pesquisarmos a frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo, selecionamos a opção “distribuição dos lemas (lema)²⁷” e na caixa de busca digitamos: “.*ar”.

²⁵ Disponível em: <https://www.linguateca.pt>

²⁶ O projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos), foi iniciado em 1999, e de acordo com os organizadores, surgiu da necessidade de juntar os poucos recursos disponíveis num único ponto na rede e dessa forma facilitar a comparação e a reutilização do material, permitindo ao mesmo tempo acesso a uma ferramenta poderosa de interrogação de corpos. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/CETENFolha/>

²⁷ O lema é um atributo que corresponde ao que Eckhard Bick chama a forma base, e contém os verbos no infinitivo impessoal. Informações disponíveis em: <https://www.linguateca.pt/CETENFolha/>

".*er", ".*ir", ".*or". O resultado da busca traz o número de casos da nomenclatura pesquisada e na nossa primeira pesquisa relacionada à nomenclatura ".*ar", apareceram 513.100 casos de palavras terminadas em "ar", com 10.718 valores diferentes, dentre esses, o site listou 999 valores com suas respectivas frequências de ocorrências por ordem decrescente, como observamos na figura 9.

Figura 9: Resultado da busca da frequência de ocorrência no *corpus* NILC

Resultados da procura	
28 de julho de 2021	
Procura: ".*ar" Distribuição de lema Corpo: NILC/São Carlos v. 13.1	
513100 casos.	
Distribuição	
Houve 10718 valores diferentes de lema. Apresentam-se apenas 999, por ordem decrescente de frequência.	
lugar	10542
dar	9729
apesar	8700
estar	7119
ficar	7013
Itamar	6280
chegar	5618
dólar	5545

Fonte: <https://www.linguateca.pt/CETENFolha/> (2022)

Como o resultado da busca traz todas as palavras do *corpus* com a terminação pesquisada e nosso foco são os verbos na forma infinitiva, excluimos as outras palavras que não fazem parte da nossa análise e montamos uma tabela por ordem decrescente de frequência de ocorrência para cada terminação. Optamos também por fazer o levantamento da frequência tipo no *corpus* do NILC, para isso, montamos uma tabela por conjugação a partir dos verbos listados no resultado da busca, essas tabelas com todos os verbos estão no apêndice da pesquisa. Ressaltamos que os dados de um *corpus* maior são importantes na nossa pesquisa para que possamos verificar se os verbos mais frequentes nas produções escritas dos estudantes são os mesmos encontrados no NILC.

6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo desse capítulo é apresentar os dados obtidos a partir do levantamento das frequências tipo e de ocorrência que realizamos nos corpora do BADESC e do NILC/Folha de São Paulo, o apagamento do rótico nos dados BADESC, bem como analisar os resultados alcançados com a coleta de dados. Ao longo do capítulo analisamos e discutimos os dados referentes às frequências dos verbos e ao apagamento do r em coda silábica. Ilustramos os resultados obtidos nas análises com tabelas, gráficos e figuras. A primeira seção apresenta os resultados obtidos em relação à frequência tipo e de ocorrência nos corpora: BADESC e NILC. A segunda seção apresenta os verbos mais frequentes nos dados NILC e BADESC. Na terceira seção, apresentamos a análise e discussão dos dados de apagamento nos verbos do infinitivo no *corpus* BADESC.

6.1 Apresentação dos Dados

Nesta seção, apresentamos os dados obtidos a partir do levantamento da frequência de ocorrência, da frequência tipo e do apagamento realizado com o auxílio do *software WordSmith Tools*, versão 8.0, no *corpus* do Banco de Dados Escritos do Ensino Fundamental – BADESC, como também a frequência tipo e de ocorrência no *corpus* do NILC, usando a ferramenta *online* no site da Linguateca.

6.1.1 Frequência tipo e de ocorrência no corpus - BADESC

A tabela 2 apresenta o resultado do levantamento da frequência tipo. Como demonstrado, foram encontrados 316 tipos de verbos no infinitivo. Destes, 205 verbos são da primeira conjugação (-ar), representando (64,87%) do *corpus*; 64 verbos são da segunda conjugação (-er), representando (20,25%); 46 verbos são da terceira conjugação (-ir), representando (14,56%) e 1 verbo terminado em (-or) também da segunda conjugação, representando (0,32%) do *corpus*.

Tabela 2: Frequência tipo dos verbos no infinitivo no *corpus* do BADESC

Terminações	Número/Tipo	%
ar	205	64,87%
er	64	20,25%
ir	46	14,56%
or	1	0,32%
Total	316	100%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

A tabela 3 apresenta o resultado do levantamento da frequência de ocorrência no *corpus* do BADESC . Como demonstrado, foram encontrados 1.445 verbos no infinitivo. Destes, 829 verbos (57,37%) são da primeira conjugação (-ar), 471 verbos (32,60%) são da segunda conjugação (-er), 144 verbos (9,97%) são da terceira conjugação (-ir) e 1 verbo (0,07%) terminados em (-or) também da segunda conjugação.

Tabela 3: Frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo no *corpus* do BADESC

Terminações	Número de ocorrências	%
ar	829	57,37%
er	471	32,60%
ir	144	9,97%
or	1	0,07%
Total	1.445	100%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

Dispusemos nas tabelas 4, 5 e 6 as frequências de ocorrência das três conjugações -ar, -er, -ir de acordo com os parâmetros de classificação para as frequências alta, média e baixa. Estabelecemos o parâmetro de frequência alta para os verbos de 20 a 90 ocorrências, percentual de (1,38% a 6,23%), frequência média para os verbos de 10 a 19 ocorrências, percentual de (0,69% a 1,31%) e frequência baixa para os verbos de 1 a 9 ocorrências, percentual de (0,62% a 0,07). Em seguida, listamos todos os verbos com seus respectivos números de ocorrências no *corpus* e a partir dessa lista, criamos uma tabela para cada frequência. Ressaltamos que não dispusemos numa tabela a frequência de ocorrência da terminação -or, por ocorrer apenas o verbo *decompor* nessa categoria. Destacamos que nas frequências alta e média, listamos todos os verbos que aparecem no *corpus*, enquanto na frequência baixa, listamos apenas um verbo

para cada ocorrência por incidir vários verbos com o mesmo número de ocorrências. Desse modo, apresentamos no apêndice a lista completa com todos os verbos do infinitivo presentes no *corpus* da pesquisa e suas respectivas ocorrências.

Tabela 4: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -ar no *corpus* do BADESC

Verbos	Frequência	Ocorrências	%
acabar	alta	39	2,70%
ficar	alta	32	2,21%
cuidar	alta	32	2,21%
falar	alta	29	2,01%
parar	alta	29	2,01%
fumar	alta	22	1,52%
estar	alta	20	1,38%
jogar	alta	20	1,38%
dar	média	19	1,31%
ajudar	média	19	1,31%
matar	média	18	1,25%
usar	média	18	1,25%
pensar	média	15	1,04%
trabalhar	média	15	1,04%
passar	média	14	0,97%
brincar	média	13	0,90%
preservar	média	12	0,83%
estudar	média	11	0,76%
mudar	média	11	0,76%
roubar	média	10	0,69%
chamar	baixa	9	0,62%
desmatar	baixa	9	0,62%
olhar	baixa	9	0,62%
pegar	baixa	9	0,62%
tirar	baixa	9	0,62%
comprar	baixa	8	0,55%
deixar	baixa	8	0,55%
causar	baixa	7	0,48%
chorar	baixa	6	0,42%
andar	baixa	5	0,35%
amar	baixa	4	0,28%
achar	baixa	3	0,21%
avisar	baixa	2	0,14%
acompanhar	baixa	1	0,07%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

A tabela 4 apresenta os resultados das ocorrências alta, média e baixa dos verbos terminados em -ar. Como observado, o resultado das frequências é apresentado em ordem

decrecente. O verbo *acabar* é o mais frequente nessa categoria com 2,70% das ocorrências e o verbo *acompanhar* é o menos frequente com 0,07%. Destacamos que em todos o *corpus*, a terminação -ar é a que apresenta a maior frequência tanto de ocorrência quanto de tipo. Em termos de comparação, equivale a 57,37% das ocorrências, ou seja, os verbos são muito frequentes neste *corpus*. Na frequência alta, a lista de palavras é composta por oito itens lexicais, com um total de 223 ocorrências. Na frequência média, a lista contém 12 itens com um total de 175 ocorrências. Como mencionado anteriormente, não listamos todos os verbos de baixa frequência, por incidir muitos itens com o mesmo número de ocorrência. Assim, apresentamos quatorze itens com 89 ocorrências.

Tabela 5: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -er no corpus do BADESC

Verbos	Frequência	Ocorrências	%
ser	alta	90	6,23%
fazer	alta	73	5,05%
ter	alta	51	3,53%
ver	alta	34	2,35%
dizer	média	15	1,04%
beber	média	12	0,83%
viver	média	12	0,83%
ler	média	10	0,69%
poder	média	10	0,69%
aprender	baixa	9	0,62%
acontecer	baixa	7	0,48%
crescer	baixa	6	0,42%
comer	baixa	5	0,35%
colher	baixa	4	0,28%
agradecer	baixa	3	0,21%
descer	baixa	2	0,14%
cometer	baixa	1	0,07%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

A tabela 5 traz os dados de frequência de ocorrência dos verbos terminados em -er. Como observado, o resultado das frequências é apresentado em ordem decrescente. O verbo *ser* é o mais frequente nessa terminação com 6,23% das ocorrências e o verbo *cometer* é o menos frequente com 0,07%. Destacamos que em todo o *corpus*, os três verbos mais frequentes são: *ser* (90 ocorrências – 6,23%), *fazer* (73 ocorrências – 5,05%) e *ter* (51 ocorrências – 3,53%). Os verbos terminados em -er representam 32,15% das ocorrências de todo o *corpus*. Na frequência alta, a lista de palavras é composta por quatro itens lexicais, com um total de 248

ocorrências. Na frequência média, a lista contém 6 itens com um total de 77 ocorrências. Como mencionado anteriormente, não listamos todos os verbos de baixa frequência, por incidir muitos itens com o mesmo número de ocorrência. Assim, apresentamos oito itens com 37 ocorrências.

Tabela 6: Frequência de ocorrência dos verbos da terminação -ir no *corpus* do BADESC

Verbos	Frequência	Ocorrências	%
sair	média	17	1,18%
ir	média	15	1,04%
cair	baixa	7	0,48%
agir	baixa	6	0,42%
assistir	baixa	5	0,35%
descobrir	baixa	4	0,28%
assumir	baixa	3	0,21%
curtir	baixa	2	0,21%
atrair	baixa	1	0,07%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

A tabela 6 traz os dados de frequência de ocorrência dos verbos terminados em -ir. Como observado, como os demais, o resultado das frequências é apresentado em ordem decrescente. O verbo *sair* é o mais frequente nessa terminação com 1,18% das ocorrências e o verbo *atrair* é o menos frequente com 0,07%. Os verbos terminados em -ir representam 9,97% das ocorrências de todo o *corpus*. Destacamos que, nesta terminação, não houve verbos de frequência alta. Na frequência média, a lista contém dois itens com um total de 32 ocorrências. Como mencionado anteriormente, não listamos todos os verbos de baixa frequência, por incidir muitos itens com o mesmo número de ocorrência. Assim, apresentamos sete itens com 28 ocorrências.

Diante dos resultados encontrados quanto às frequências alta, média e baixa, de acordo com a terminação verbal, ressaltamos que a frequência dos verbos pode não coincidir com os mais recorrentes em outro *corpus* linguístico, isso se dá pelo fato de que coletamos nossos dados em produções textuais com temas específicos e isso corroborou para que um verbo pouco usual como o verbo *fumar* pudesse ter uma frequência alta em detrimento de outro mais usado na língua como o verbo *tirar* com uma frequência baixa.

6.1.2 Frequência tipo e de ocorrência no corpus – NILC

Tabela 7: Frequência tipo dos verbos no infinitivo no corpus do NILC

Terminações	Número/Tipo	%
ar	877	60,36%
er	230	15,83%
ir	328	22,57%
or	18	1,24%
Total	1.453	100%

Fonte: NILC - Elaboração própria (2022)

De acordo com o levantamento, encontramos 1.453 tipos de verbos, sendo que 877 verbos (60,36%) são da primeira conjugação (-ar), 230 verbos (15,83%) são da segunda conjugação (-er), 328 verbos (22,57%) são da terceira conjugação (-ir) e 18 verbo (1,24%) terminado em (-or) também da segunda conjugação. Destacamos a diferença dos resultados das terminações -er (15,83%) e -ir (22,57%), em relação ao BADESC, no que diz respeito ao número de tipos de verbos presentes nesses corpora, visto que os verbos terminados em -ir tem uma representatividade maior do que os verbos terminados em -er, diferentemente do que ocorre no primeiro *corpus*. Por outro lado, os verbos terminados em -ar são os que apresentam mais tipos e os verbos terminados em -or, os com menos tipos, como observamos na tabela 7.

Tabela 8: Frequência de ocorrência dos verbos no infinitivo no corpus do NILC

Terminações	Número de ocorrências	%
ar	387.547	49,76%
er	277.182	35,59%
ir	109.731	14,09%
or	4.336	0,56%
Total	778.796	100%

Fonte: NILC - Elaboração própria (2022)

De acordo com a tabela 8, foram encontrados 778.796 verbos no infinitivo. Destes, 387.547 verbos (49,76%) são da primeira conjugação (-ar), 277.182 verbos (35,59%) são da segunda conjugação (-er), 109.731 verbos (14,09%) são da terceira conjugação (-ir) e 4.336 verbos (0,56%) terminados em (-or) também da segunda conjugação. Os dados encontrados

nesse *corpus* reiteram os do BADESC no que diz respeito ao número de ocorrências por conjugação, sendo os verbos terminados em -ar os mais frequentes e os verbos terminados em -or, os menos frequentes.

6.2 Os verbos mais frequentes nos dados NILC e BADESC

Tabela 9: Comparativo dos 20 verbos mais frequentes nos corpora NILC/BADESC

Verbos mais frequentes no corpus do NILC		Verbos mais frequentes no corpus BADESC	
Verbos	Ocorrências	Verbos	Ocorrências
<i>ser</i>	73.947	<i>ser</i>	90
<i>ter</i>	32.233	<i>fazer</i>	73
<i>fazer</i>	21.913	<i>ter</i>	51
<i>partir</i>	14.819	<i>acabar</i>	39
<i>querer</i>	14.111	<i>ver</i>	34
<i>poder</i>	10.065	<i>ficar</i>	32
<i>dar</i>	9.729	<i>cuidar</i>	32
<i>ver</i>	9.006	<i>parar</i>	29
<i>dizer</i>	7.931	<i>falar</i>	29
<i>estar</i>	7.119	<i>fumar</i>	22
<i>ficar</i>	7.013	<i>jogar</i>	20
<i>saber</i>	6.544	<i>estar</i>	20
<i>chegar</i>	5.618	<i>dar</i>	19
<i>falar</i>	5.500	<i>ajudar</i>	19
<i>evitar</i>	5.382	<i>usar</i>	18
<i>deixar</i>	4.729	<i>saber</i>	18
<i>entrar</i>	4.709	<i>matar</i>	18
<i>manter</i>	4.692	<i>sair</i>	17
<i>tentar</i>	4.597	<i>ir</i>	15
<i>ir</i>	4.456	<i>dizer</i>	15

Fonte: BADESC/NILC - Elaboração própria (2022)

Na tabela 9 são apresentados os vinte²⁸ verbos mais frequentes nos dois corpora consultados na nossa pesquisa. Os resultados das duas amostras apontam que dentre os verbos²⁹ de alta frequência, 11 estão presentes em ambas as listas, ou seja, 55% dos verbos. Essa frequência demonstra que os verbos *ser*, *ter*, *fazer*, *dar*, *ver*, *dizer*, *estar*, *ficar*, *saber*, *falar*, *ir* são bem usuais na língua portuguesa. Corroborando com esse resultado, Cunha (1994), a partir

²⁸ A lista completa com todos os verbos e suas ocorrências estão no apêndice da pesquisa.

²⁹ Os verbos comuns nas duas listas e suas ocorrências estão em itálico.

do seu Dicionário de Frequência³⁰, elaborou uma lista com os 25 verbos mais frequentes do português contemporâneo e analisando essa lista, constatamos que todos os 11 verbos comuns em nossa base de dados estão entre os mais frequentes do seu dicionário.

O verbo *ser* ocupa o primeiro lugar de frequência nos dois corpora como também no Dicionário de Frequência, citado acima. O verbo supracitado representa 9,50% das ocorrências no NILC e 6,23% no BADESC, seguido pelos verbos *ter* e *fazer* que alternam a segunda e terceira posição. Destacamos que o total de frequência dos vinte verbos do NILC corresponde a 32,63% de todo o *corpus*, enquanto o total de frequência dos vinte verbos do BADESC corresponde a 44,17% de todo o *corpus*. Dos verbos que constam na lista do NILC, apenas nove não figuram na lista do BADESC: *partir, querer, poder, chegar, evitar, deixar, entrar, manter, tentar*. Outrossim, na lista do BADESC contam os seguintes verbos, ausentes na lista do NILC: *acabar, cuidar, parar, fumar, jogar, ajudar, usar, matar, sair*.

De acordo com Biderman (1998), os verbos são uma das classes gramaticais mais estáveis da língua e aparecem em qualquer texto independente de seu conteúdo temático. A autora cita em seu artigo o resultado de uma pesquisa realizada por Müller³¹ com os 20 verbos mais frequentes na língua francesa, concluindo que independentemente do tipo de variáveis linguísticas consideradas: língua falada ou escrita, linguagem literária, científica ou jornalística, os verbos apresentam uma escala decrescente de frequência em posições quase idênticas e operam de maneira muito similar na língua, ou seja, mesmo pesquisando em textos de gêneros diferentes, os verbos mais frequentes são os mesmos. O resultado dessa pesquisa ratifica a similaridade na frequência dos verbos com mais ocorrências nos dois corpora que consultamos, a saber: os dados do NILC e os dados do BADESC.

Dessa forma, com o resultado dos dados coletados, podemos fazer algumas considerações a respeito da frequência para cada terminação verbal:

- 1- Os verbos terminados em *-ar* apresentam um maior número de ocorrências tanto na frequência tipo quanto na frequência de ocorrência nos dois corpora analisados. No *corpus* BADESC, houve 829 verbos na frequência de ocorrência e 205 na frequência tipo. Enquanto no *corpus* NILC houve 387.547 verbos na frequência de ocorrência e 877 verbos na frequência tipo. Destacamos que a maior ocorrência de apagamento do *r* ocorre nessa terminação verbal, como veremos na seção seguinte.

³⁰ O Dicionário de Frequência foi elaborado com os verbos mais frequentes do português contemporâneo e é baseado num conjunto de 125 obras em prosa da Literatura Brasileira Contemporânea (1920 a 1984).

³¹ Müller C. Les verbs les plus fréquents du français. Les français dans le monde, n.103, p. 14-7, mars, 1974.

- 2- Os verbos terminados em -er, em relação à frequência de ocorrência, ocupam a segunda posição nos dois corpora: sendo, 471 ocorrências no BADESC e 277.182 ocorrências no NILC. No entanto, no que se refere à frequência tipo, no *corpus* NILC, os verbos terminados em -er ocupam a terceira posição com 230 tipos, ao contrário do que ocorre no *corpus* BADESC no qual os verbos ocupam a segunda posição com 64 tipos. Embora os verbos dessa conjugação não sejam os que apresentam o maior número de frequência de ocorrência, os verbos *ser*, *ter* e *fazer* são os mais frequentes nos dois corpora.
- 3- Os verbos terminados em -ir ocupam a terceira posição na frequência de ocorrência nos dois corpora com 144 ocorrências no BADESC e 109.731 ocorrências no NILC. Na frequência tipo, a terminação -ir tem maior representatividade no *corpus* do NILC com 328 tipos, ocupando a segunda posição, enquanto no *corpus* BADESC a terminação -ir é a terceira com 46 tipos de verbos.
- 4- Os verbos terminados em -or são em menor número de frequência dentre as terminações verbais. No *corpus* BADESC houve apenas uma ocorrência do verbo *decompor*, enquanto no NILC, ocorreram 18, é uma ocorrência baixa, considerando o tamanho do *corpus*.
- 5- Em relação aos verbos mais frequentes nos corpora pesquisados, destacamos que entre os 5 primeiros, 4 são da terminação -er. No *corpus* BADESC, 1 pertence à conjugação -ar, enquanto no NILC, 1 pertence à conjugação -ir. Esse resultado demonstra que mesmo sendo a conjugação que apresenta o maior número de frequência tipo e de ocorrência, esses verbos não são os mais frequentes na língua portuguesa.

Comparando os resultados encontrados, apresentamos na tabela abaixo, a frequência de ocorrência (FO) e a frequência tipo (FT) dos verbos no infinitivo encontrados nos dois corpora. Destacamos que os verbos que apresentaram apagamento foram contados normalmente na frequência de ocorrência e de tipo.

Tabela 10: Frequências dos verbos no infinitivo nos corpora NILC/BADESC

TERMINAÇÕES	NILC		BADESC	
	FO	FT	FO	FT
-ar	387.547 (49,76%)	877 (60,36%)	829 (57,37%)	205 (64,87%)
-er	277.182 (35,59%)	230 (15,83%)	471 (32,60%)	64 (20,25%)
-ir	109.731 (14,09%)	328 (22,57%)	144 (9,97%)	46 (14,56%)
-or	4.336 (0,56%)	18 (1,24%)	1 (0,07%)	1 (0,32%)
TOTAL	778.796	1.453	1.445	316

Fonte: NILC/BADESC – Elaboração própria (2022)

Pela tabela acima, observa-se que o *corpus* NILC é bem representativo no quantitativo de verbos em comparação com o *corpus* BADESC, a utilização desse banco de dados possibilitou confrontar os resultados das ocorrências que encontramos no *corpus* BADESC, que é expressivamente menor. Acreditamos que independentemente do tamanho do *corpus* e da sua formação textual, muitos aspectos da língua são semelhantes, como por exemplo, a frequência dos verbos, como destacamos na tabela 9 em que, dos 20 verbos mais frequentes, 55% são comuns nos dois corpora que são constituídos por gêneros textuais diferentes.

6.3 Análise e discussão dos dados

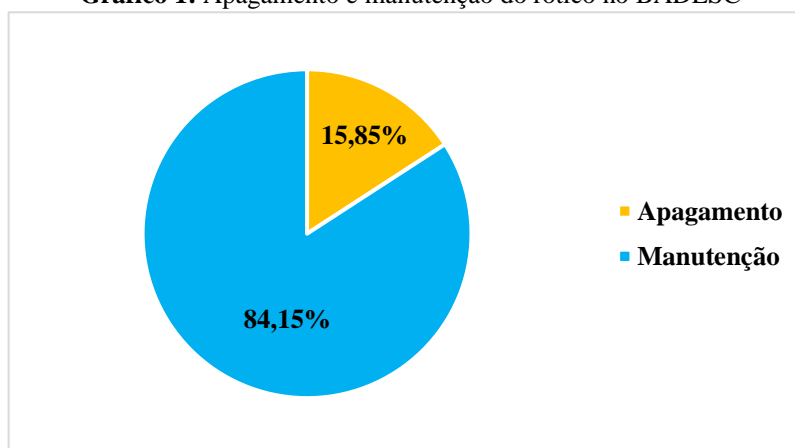
Na seção anterior, apresentamos os resultados referentes à frequência de ocorrência e frequência tipo nos corpora BADESC e NILC. Como expusemos na seção 4.2.1, aquele *corpus* é constituído de 258 produções textuais de estudantes do 8º e 9º anos e este é formado pelos dados escritos da Folha de São Paulo. Nesta seção, analisaremos os fatores frequência e as variáveis extensão do vocábulo e escolaridade. Ressaltamos que, para análise do fator frequência, observaremos a relação da frequência dos verbos com o apagamento do rótico. Quanto ao fator linguístico, observaremos a variável extensão do vocábulo, com o objetivo de verificar se esta é uma condicionante ao apagamento do rótico. Em relação ao fator extralinguístico faremos análise da escolaridade para verificarmos se há relação do aumento ou diminuição do apagamento com o maior ou menor grau de escolaridade.

6.4 Apagamento dos verbos no *corpus* – BADESC

Observando o gráfico 1, quanto ao apagamento e manutenção do rótico, depreende-se que de 1.445 ocorrências de verbos no infinitivo, 229 (15,85%) sofreram apagamento e 1.216 (84,15%) tiveram a manutenção do rótico. De acordo com o resultado, o índice de apagamento foi inferior à manutenção. A superioridade dos acertos na aplicação do rótico demonstra que os estudantes têm noção do objeto de escrita e estão desenvolvendo a competência linguística e apropriando das normas ortográficas em busca de reproduzir o acerto em suas produções. Embora o apagamento existente nas produções esteja relacionado com a oralidade, isso não

quer dizer que o estudante esteja copiando a sua fala, mas incorporando ocorrências da fala, caso contrário, haveria um percentual maior de apagamento. Conforme estudos, em dados de fala, o percentual de apagamento do rótico é maior que a manutenção. Segundo Faraco (1998), o contraste entre a língua escrita e a língua falada é uma possível fonte de eventuais mudanças em progresso. Para o autor, esse contraste ocorre porque a língua escrita é mais conservadora que a falada e que “contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita.” (FARACO, 1998, p.14).

Gráfico 1: Apagamento e manutenção do rótico no BADESC



Fonte: BADESC (2022)

Retomando o que foi exposto no Capítulo 3, o apagamento é um fenômeno fonológico em que a vogal ou consoante é cancelada. Por conseguinte, “o apagamento equivale ao fenômeno de lenição, ou seja, de enfraquecimento consonantal, em grau máximo”. (CRISTÓFARO, 2017, p. 60). Também no referido capítulo, apresentamos estudos que comprovam o apagamento do rótico, na fala, como também em dados escritos. Propomos discutir, nesta pesquisa, a ocorrência desse fenômeno em produções escritas dos anos finais do Ensino Fundamental II.

A nossa pesquisa não tem como objetivo somente verificar o apagamento do rótico, mas também avaliar a sua manutenção na escrita. Para exemplificar, apresentamos duas produções escritas do banco de dados BADESC, a primeira com exemplos de apagamento do rótico e a segunda com exemplos da manutenção do rótico na escrita. No processo de digitação dos textos, transcrevemos entre parênteses os verbos com apagamento e entre colchetes a sua forma no infinitivo e entre chaves todos os casos com manutenção do rótico.

Figura 10: Produção escrita com apagamento do rótico (Texto 1)

O HOMEM QUE PEDIO IMPREGO

O homem que trabalham são homens
 respeitado mais quando o homem passa
 a não trabalham ele fica um delinquente.
 passa a (bebe)[beber] pega fica um pé ichado,
 a mulher separa. muito passa a (mora)[morar] na
 rua não que mais (trabalha)[trabalhar] o dilhero que
 pega e so para a piga.

Se ele tem um carro ou motos vende e
 gato só na piga depois ve que não to
 adiantado passa a (fuma)[fumar] Drogas passa
 a (rouba)[roubar] ate meno mato a familia não
 vai isto mais nem ligado para o homem.

O homem que pede o Imprego não
 e nada e um delinquente a vida dele
 não e mais a mesma.

Fonte: BADESC (2022)

Figura 11: Produção escrita com manutenção do rótico (Texto 2)

A REALIDADE NO BRASIL

Ate hoje no Brasil existe exploração de
 trabalho, isso é uma causa que nem um
 politico conseguiu {acabar}. A exploração é
 uma causa que existe desde muitos tempos.
 Crianças que sofrem exploração é agredida
 para {trabalhar} e é forçada a {fazer} traba-
 lho pesado. O nosso país é um dos países
 que mais tem exploração de trabalho.

A exploração está acabando com a
 infantilidade do Brasil. O governo tem
 que {tomar} uma atitude que dê certo
 para {acabar} com isso. As crianças
 do nosso país tem que {ter} uma
 infância boa que tenha uma vida
 saudavel. Vamos {acabar} com isso
 e da uma vida boa para os brasileirinhos.

Essas pessoas que explora crianças
 deve {estar} louca e nunca pensou na
 vida, vamos {descobrir} quem são eles
 e {acabar} com isso. Vamos {fazer} do
 nosso Brasil o melhor de todos e
 garantindo vidas.

Fonte: BADESC (2022)

No texto 1, observamos o apagamento do rótico em todos os verbos do infinitivo, enquanto no texto 2 houve a realização do rótico em todos os verbos do infinitivo. Destacamos que, nos textos apresentados, há desvios por motivação fonético-fonológica, desvios relacionados ao sistema ortográfico, bem como problemas de concordância, regência, coesão e coerência textual. Não faremos análise dos desvios ortográficos dos textos apresentados, mas é fundamental mencionar a importância de um ensino reflexivo da ortografia para que as dificuldades na aprendizagem das normas ortográficas sejam sanadas.

Para que realizássemos o levantamento do apagamento do rótico nas produções escritas, contamos com o auxílio do programa WordSmith Tools 8.0. Utilizamos a ferramenta Wordlist para gerar a lista com todas as palavras do corpus e em seguida com a ferramenta Concord³² fizemos a busca pela terminação pretendida, no caso, a, e, i, o, salientando que, nesse caso, estávamos buscando os verbos com apagamento. Na tabela 11, apresentamos o apagamento e a manutenção do rótico, nos verbos, por conjugação.

Tabela 11: Número de apagamento e manutenção do r nos dados BADESC

			Apagamento	Manutenção	Total
Conjugação	-ar	Total	175	654	829
		%	21,11%	78,89%	100%
	-er	Total	35	436	471
		%	7,43%	92,57%	100%
-ir	Total	19	125	144	
	%	13,19%	86,81%	100%	
-or	Total	0	1	1	
	%	0%	100%	100%	
Total			229	1216	1445
			15,85%	84,15%	100%

Fonte: BADESC – Elaboração própria (2022)

Os percentuais do apagamento e manutenção encontrados nas produções escritas demonstram que houve apagamento em 229 (15,85%) verbos e manutenção em 1216 (84,15%) verbos no *corpus* BADESC. Os dados coletados apontam que 21,11% de ocorrências de redução do rótico ocorreu na terminação -ar, 7,43% de ocorrências na terminação -er, e 13,19% ocorrências na terminação -ir. Conforme os resultados, verificamos que o maior número de apagamento do rótico incidiu na terminação -ar e na terminação -er o menor número. O baixo

³² Os verbos com apagamento nas produções textuais foram digitados entre parênteses e na ferramenta Concord utilizamos os caracteres (*a), (*e), (*i), (*o), para que o programa os identificasse e listasse cada terminação.

apagamento nos verbos da terminação -er deve-se à alta frequência de alguns itens lexicais específicos que não sofreram apagamento, como o caso do verbo *ser*, ou houve apenas um apagamento, como o caso dos verbos *ter* e *fazer*.

A Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplares postulam que a frequência com que os itens lexicais são usados na língua afeta a representação mental e a forma fonética dos vocábulos. Os dados mostram que a terminação -ar possui a maior frequência tipo no *corpus*, e esse resultado concorre para que a terminação seja também a que apresenta o maior número de ocorrências. Assim, o apagamento dos verbos da terminação -ar tem uma estreita relação com a sua frequência nas produções escritas. Huback (2013) destaca que é a frequência tipo que garante a produtividade de uma classe. É nesse contexto, que os verbos terminados em -ar, por possuírem alta frequência tipo, destacam no *corpus* analisado como os mais utilizados nas produções escritas e os que apresentam mais apagamentos. Nesse sentido, Bybee (2001) complementa que os padrões com alta frequência de tipo são mais aceitáveis do que padrões com menor frequência de tipo.

Segundo Pierrehumbert (2000), a frequência desempenha um papel importante no armazenamento de exemplares. As palavras mais frequentes são representadas por mais exemplares no léxico e, quanto mais um exemplar ocorre, mais forte ele fica na memória. Assim, categorias mais frequentes têm uma representação mais robusta do que as categorias menos frequentes. Desse modo, pelos dados analisados, verificamos que os verbos da primeira conjugação são os que apresentam maior número de exemplares, tanto na frequência tipo quanto na frequência de ocorrência. Conforme Philips (1984), quanto mais frequente for uma palavra no léxico, mais suscetível ela fica ao fenômeno do apagamento, ou seja, as palavras mais frequentes são as que sofrem mais apagamentos, na fala. Na tabela 12, apresentamos o apagamento dos verbos, de acordo com a frequência de ocorrência.

Tabela 12: Apagamento de acordo com a frequência de ocorrência dos verbos

Frequência		Apagamento	Manutenção	Total
Alta	Total	44	427	471
	%	9,34%	90,66%	100%
Média	Total	35	216	251
	%	13,94%	86,06%	100%
Baixa	Total	150	573	723
	%	20,75%	79,25%	100%
Total		229 15,85%	1216 84,15%	1445 100%

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

Conforme os resultados, os verbos de alta frequência sofreram 9,34% de apagamento, os verbos de média frequência sofreram 13,94% de apagamento e os de baixa frequência sofreram 20,75% de apagamento. A partir da análise, depreendemos que, em relação à frequência de ocorrência e o apagamento do rótico, os verbos de alta frequência não foram os que sofreram o maior número de apagamento, mas os verbos de baixa frequência. Esse dado revela a influência dos três verbos mais frequentes: *ser*, *fazer*, *ter*, indicando que o fato do verbo ser mais frequente não interferiu no apagamento do rótico na escrita.

Por outro lado, a teoria baseada no uso postula também que um exemplar, muito frequente, pode ganhar força e não sofrer redução, como ocorreu com o verbo *ser*, o mais frequente do *corpus*. Esse dado sugere que, por ser muito frequente, essa frequência ajuda na fixação da escrita ortográfica correta, não havendo o cancelamento do rótico. Destacamos também, a competição do verbo *ser* com o *se*, caso elimine o r, formará outra palavra. Além disso, os verbos *ser*, *ter*, *ver* entram nas categorias de monossílabos que parecem não favorecer o apagamento.

Na tabela 13 apresentamos, em ordem decrescente, os 10 verbos mais frequentes no *corpus* BADESC, bem como a ocorrência de apagamentos dos referidos verbos. Observando a tabela, verificamos que os verbos mais frequentes no *corpus* analisado são: *ser*, *fazer*, *ter*, *acabar*, *ver*, *ficar*, *cuidar*, *falar*, *parar* e *fumar*. Embora os verbos terminados em -er não sejam o tipo em maior número no PB, o verbo *ser* é o mais frequente, seguido de *fazer*, e *ter*. Essa ocorrência supera, inclusive, os da primeira conjugação que possuem mais exemplares na língua, como pode ser observado nas tabelas 2 e 3, expostas acima.

Tabela 13: Verbos mais frequentes e o apagamento do rótico no corpus BADESC

Verbos	Frequência de ocorrência	Apagamentos
ser	90	0
fazer	73	1
ter	51	1
acabar	39	2
ver	34	1
ficar	32	1
cuidar	32	7
falar	29	7
parar	29	13
fumar	22	2

Fonte: BADESC - Elaboração própria (2022)

De acordo com a tabela acima, podemos observar que os três verbos mais frequentes são irregulares e apresentaram um apagamento baixo ou nenhum como no caso do verbo *ser*, o que nos leva a levantar a hipótese de que estes verbos são resistentes à mudança e no caso do verbo *ser*, vemos aí uma questão lexical em que o *ser* vira *se* quando apagado. Outro verbo a ser observado na tabela é o verbo *parar* que houve um número expressivo de apagamentos do rótico, o que sugere uma competição com a preposição *para* ao apagar o r final.

Na tabela 14, apresentamos os resultados em relação ao apagamento dos verbos quanto à extensão do vocábulo.

Tabela 14: Apagamento de verbos quanto à extensão do vocábulo

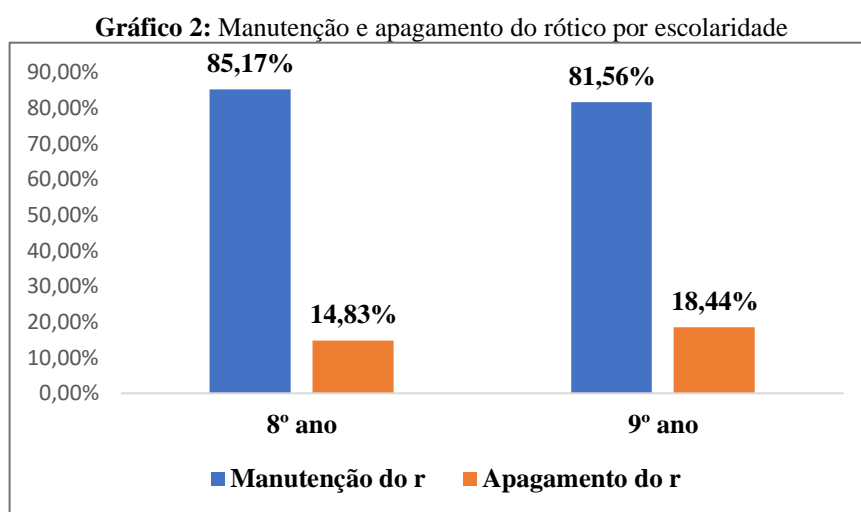
			Apagamento	Manutenção	Total
Extensão do Vocábulo	Monossílabo	Total %	4 1,79%	220 98,21%	224 100%
	Dissílabo	Total %	154 18,90%	661 81,10%	815 100%
	Trissílabo	Total %	54 16,36%	276 83,64%	330 100%
	Polissílabo	Total %	17 22,37%	59 77,63%	76 100%
		Total	229 15,85%	1216 84,15%	1445 100%

Fonte: BADESC – Elaboração própria (2022)

De acordo com os dados, houve apagamento do rótico em 1,79% e a manutenção em 98,21% dos monossílabos. Esse resultado confirma outros estudos ao indicar que os vocábulos monossílabos favorecem a manutenção do rótico. Por outro lado, os vocábulos polissílabos apresentam 22,37% de casos de apagamento e 77,63% de manutenção do rótico. Esse resultado está em consonância com a pesquisa realizada por Torres e Oliveira (2015), em que o apagamento foi favorecido nos vocábulos polissílabos e Costa (2015), em que os vocábulos trissílabos e polissílabos favoreceram a supressão do rótico tanto para os verbos quanto para os nomes. Dessa forma, a variável dimensão do vocábulo sugere ser um fator significante no apagamento do rótico.

Com o objetivo de verificarmos a variável escolaridade, em relação ao cancelamento do *r* em dados escritos, elaboramos o gráfico 2 que é um comparativo entre o 8º e 9º anos. Em conformidade com a apuração dos dados, o 8º ano realizou 85,17% dos róticos em suas

produções escritas e cancelou 14,83%. O 9º ano, por sua vez, realizou 81,56% do rótico e cancelou 18,44%.



Fonte: BADESC (2022)

Em contraste com o resultado apontado pelo gráfico 2, Lopes (2015), em sua pesquisa sobre o apagamento do rótico em coda silábica com dados escritos do Ensino Fundamental II, concluiu que o apagamento do rótico foi favorecido pelos estudantes com menor nível de escolarização, os do 7º ano, e desfavorecido entre os estudantes de maior nível de escolaridade, os do 8º ano.

Nos dados que encontramos, a maior escolaridade não foi um fator determinante para a diminuição do apagamento. Provavelmente, esse apagamento ainda ocorre em séries finais do Ensino Fundamental II porque esse problema de ortografia não é tratado sistematicamente nas aulas, assim como não é abordado nos documentos oficiais nem tampouco nos livros didáticos. Conforme demonstramos no quadro 6, a BNCC postula o ensino das relações contextuais e morfológicas até o 5º ano, daí em diante, não há um trabalho contínuo da aplicação das regras de correspondências fonema-grafema. O documento só estabelece que o estudante deva “escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita” (BRASIL, 2017). Ressaltamos que essa escrita com correção ortográfica só ocorrerá se houver, em todas as séries, um ensino sistemático da ortografia. Destacamos aqui também a importância da abordagem da variação linguística, para que o estudante possa discernir o que é próprio da oralidade e o que é da escrita, evitando, assim, o cancelamento do rótico nas produções escritas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação propôs analisar o apagamento do rótico, em dados escritos, de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental II. O corpus deste estudo foi formado pelo Banco de Dados Escritos – BADESC que é constituído por produções textuais do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, de três escolas públicas do município de Porto Nacional TO. Para a realização da pesquisa, utilizamos apenas as produções do 8º e 9º anos.

Abordamos, neste estudo, assuntos que subsidiaram a análise dos dados coletados nas produções escritas e no banco de dados da Folha de São Paulo. Iniciamos o estudo explanando sobre o referencial teórico que é baseado nos modelos multirrepresentacionais, a Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplos, a partir dos quais pudemos levantar a frequência tipo e de ocorrência dos verbos no infinitivo, presentes nos corpora, bem como verificar a relação da frequência dos verbos com o apagamento nas produções escritas. No segundo capítulo, tratamos do ensino e aprendizagem da ortografia que foi de grande relevância para que pudéssemos identificar, nas produções textuais, a aplicabilidade ou não das regras de funcionamento do sistema ortográfico brasileiro, como demonstram os quadros 7 e 8. No terceiro capítulo, apresentamos a descrição fonético-fonológica dos róticos do PB, o que possibilitou explicar as variações desse segmento consonantal, bem como apresentar estudos relacionados ao apagamento do rótico na fala e na escrita, em diferentes regiões do país.

Os resultados concernentes ao apagamento do rótico, em coda silábica, mostraram que houve a manutenção em 84,15% dos verbos e supressão do rótico em 15,85% dos verbos. Destacamos que 21,11% dos apagamentos ocorreram em verbos da primeira conjugação, 7,43% em verbos da segunda conjugação e 13,19% em verbos da terceira conjugação. Ressaltamos que esses dados se referem à análise nas produções escritas dos estudantes, visto que não houve essa análise no *corpus* do NILC. Verificamos nas produções textuais casos em que o estudante suprimiu todos os róticos nos verbos do infinitivo, como demonstrado na figura 11, como também casos em que o estudante empregou o rótico em todos os verbos do infinitivo, como demonstrado na figura 12. Esses resultados apresentam uma disparidade entre os dois textos em relação à aplicação do rótico e que uma análise dos fatores que envolvem o contexto do estudante, não só de produção, mas também escolar e social, poderia explicar. O que ficou evidente é que esses dois exemplos revelam a importância do estudante entender as questões relacionadas à variação linguística e à norma padrão e saber aplicá-las, de acordo com o contexto, nas práticas discursivas.

Os estudos apresentados sobre o apagamento do rótico, no PB, confirmaram que o fenômeno, na fala, atinge todas as regiões brasileiras e em maior número nos verbos infinitivos que são favorecidos pela estrutura da sílaba que é composta pela CVC e ao ser pronunciado, o *r* que é acrescido aos grafemas (a, e, i, o), é suprimido em coda silábica final. Os dados revelam que o apagamento não foi observado em um público específico, já que foi identificado em diferentes faixa etária e estratos sociais. Nos dados escritos, os estudos mostraram que os desvios encontrados nas produções textuais são motivados pela interferência da variação linguística presente na oralidade. Ressaltamos que as pesquisas detectaram o apagamento do rótico em todas as séries do Ensino Fundamental, demonstrando que há necessidade da escola enfocar a variação linguística em todos os segmentos da educação básica.

Retomamos aqui os objetivos específicos propostos para este estudo e as conclusões a que chegamos:

- avaliar se o fato do verbo ser mais ou menos frequente interfere no apagamento do rótico na escrita;
- identificar em qual terminação (-ar, -er, -ir, -or) é mais recorrente o número de apagamento na escrita;
- discutir o fenômeno do apagamento do *r*, em dados escritos, a partir da proposta teórica da Fonologia de Uso e da Teoria de Exemplos;
- analisar os fatores extensão do vocábulo e escolaridade no apagamento do rótico na escrita dos estudantes.

A partir da análise dos verbos com maior número de apagamento do rótico, verificamos que o fenômeno ocorreu em 21,11% dos verbos terminados em -ar. Esse resultado incide sobre o fato de que os verbos terminados em -ar apresentaram maior frequência de ocorrência e de tipo nos dois corpora analisados. Embora os verbos da primeira conjugação não sejam os três mais frequentes do *corpus*, eles são maioria entre os mais frequentes. ficando essa condição de mais frequentes aos verbos *ser* (6,23% do total de verbos), *ter* (3,53% do total de verbos) e *fazer* (5,05% do total de verbos), que pertencem à segunda conjugação. Portanto, os verbos com maior frequência, na escrita, não foram os mais apagados. Esse resultado não confirma a hipótese de que as palavras mais frequentes são mais propícias ao apagamento, como postula Philips (1984) que baseou sua pesquisa em dados da fala.

A fim de observar em quais contextos o apagamento do rótico, na escrita dos estudantes, seria mais propício, analisamos as variáveis extensão do vocábulo e o grau de escolaridade. Os resultados apontaram que os verbos polissílabos foram favorecedores do apagamento com 22,37% e os monossílabos apresentaram o menor percentual de apagamento com 1,79%.

Estudos realizados confirmam que a variável dimensão do vocábulo sugere ser um fator significativo no apagamento do rótico. Quanto ao grau de escolaridade, as produções do 9º ano apresentaram um percentual de 18,44% de apagamento enquanto as produções do 8º ano apresentaram 14,83% de apagamento. Esse resultado contraria outras pesquisas em que o grau de escolaridade é um fator favorável à diminuição da supressão do rótico.

Destacamos a grande relevância desta pesquisa por abordar a influência da variação linguística na escrita de estudantes da educação básica, visto que o fenômeno do apagamento do rótico está presente nas produções escritas dos estudantes, mas ausente dos documentos oficiais e dos livros didáticos. O tema proposto neste estudo é importante para o meio acadêmico e para os professores de Língua Portuguesa que veem a questão ortográfica como um dos desafios no ensino da língua materna, por envolver não só a questão fonética, mas também a fonológica no uso da língua. Assim, com os resultados alcançados nesta pesquisa, os professores de língua portuguesa terão subsídios para tratar os desvios ortográficos de acordo com a sua especificidade, deixando de analisar o apagamento do rótico como uma questão meramente ortográfica.

Os resultados obtidos mostraram que o apagamento do rótico, em dados escritos, existe e deve ser levado em conta na escrita dos estudantes, visto que a questão é pouco discutida. Em nossas leituras, não encontramos nenhum estudo dessa natureza, no estado do Tocantins. Ressaltamos que o tema abordado nesta dissertação, não esgota aqui, é apenas o início de um estudo necessário para a compreensão do fenômeno da variação, em dados escritos, em todas as séries da educação básica. Futuros estudos poderão ser desenvolvidos com o aporte de outra teoria, sob nova perspectiva, que permita analisar e explicar as variações do rótico na escrita, visto que a teoria que utilizamos aplicou parcialmente na análise do apagamento dos verbos. Sugerimos, em futuras pesquisas, uma investigação sobre o conhecimento do professor acerca do sistema ortográfico brasileiro, a variação dos róticos e a aplicação na prática pedagógica, assim como uma investigação sobre a compreensão dos estudantes acerca da variação linguística e sua aplicação nos espaços discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Vanessa Titonelli. MAGALHÃES, Luciane Manera. A ortografia nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental (UFJF). **Eutomia**, Recife, 11 (1): 461-485, Jan./Jun. 2013.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2.ed. São Paulo: HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos de língua Portuguesa: para entender o Programa Nacional do Livro didático (PNLD). In: ROJO, Roxane. BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.). **O Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita**. Campinas: Mercado de letras. 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. **Alfa**. São Paulo. p. 161-181. 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?: sociolinguística & educação**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANCO, Andréia Aparecida Tomáz Castelo. **O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II**. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) Universidade Federal de Uberlândia. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 30/04/2021.

BYBEE, Joan Lea. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan Lea. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. IEL/UNICAMP. Campinas, (27):103-111, jul./dez. 1994.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. Sob o signo da ortografia. *In*: MASSINI-CAGLIARI, G. CAGLIARI, L.C.. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- CALLOU, Dinah. et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. *In*: KOCH, Ingedore G. Villaça. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, vol. VI. 2002.
- CALLOU, Dinah. SERRA, Carolina. CUNHA, Cláudia. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.1, p. 195-219, jan./jun. 2015.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **D.E.L.T.A.**, vol. 14, p. 61-72. 1998.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. *In*: **Gramática do português culto falado no Brasil**: vol. VII: a construção fonológica da palavra. CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (coordenador-geral). ABAURRE, Maria Bernadete Marques (Org.). São Paulo: Contexto, 2013.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CARVALHO, Lucirene da Silva. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.
- CARVALHO, Lucirene da Silva. NETTO, Marcelino Rodrigues Cutrim. Objeto de aprendizagem e ortografia: o caso do apagamento do r na escrita de alunos do Ensino Fundamental. *Letras em Revista*. Teresina, v. 10, n. 01, jan./jun. 2019.
- COSTA, Ivanete Dias Queiroz. **Da Oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do “R” na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, RN, 2015.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CRISTÓFARO, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 11. ed. - São Paulo: Contexto, 2019.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. GOMES, Cristina Abreu. “Representações múltiplas e organização do componente linguístico.” **Fórum linguístico**. Florianópolis: UFSC, v. 4. pp.147-77, 2007.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. GOMES, Cristina Abreu. Teoria de Exemplos. *In*: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Organização fonológica de marcas de plural no português brasileiro: uma abordagem multirrepresentacional. **Revista da ABRALIN**, v. 11, n. 1, 30 jun. 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. A Propósito de um Dicionário de Frequência. **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. N.º 8. Rio de Janeiro; pp 31-55. 1994.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. SP: Ática, 1998

FERNANDES, Auricélia Alencar da Silva. **A representação do R em coda medial e final na fala dos portuenses**. Dissertação (Mestrado acadêmico em Letras). Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, 2020.

FERNANDES, Carla Cristina Silva. **Consciência Fonológica e Ortografia: Ensino dos Grafemas e em Contexto Intervocálico**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Seropédica, RJ. 2016.

FIORIN, José Luiz. O acordo ortográfico: uma questão de política linguística. **Veredas Online – Atemática** – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora – MG, p. 07-19. 2009

GUIMARÃES, Daniela Mara Oliveira. **Sequências de (sibilante + africada alveopalatal) no português falado em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFMG. Belo Horizonte, 2004.

HAUPT, Carine. Estudo acústico dos róticos no português tocantinense: contribuições a partir da teoria dos exemplos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, p. 191-208, jul.-dez. 2018.

HAUPT, Carine. Formação Docente e a Fonética e Fonologia: o Ensino da Ortografia. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/2, p. 237-256, dez. 2012.

HAUPT, Carine. **O fenômeno da monotongação nos ditongos [ai, ei, oi, ui] na fala dos florianopolitanos**: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplos. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2011.

HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009. Disponível em http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonetica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em 18/02/2021.

HORA, Dermeval da. MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. *In*: HORA, Dermeval da. COLLISCHONN, Gisela. (Org.) **Teoria Linguística, Fonologia e outros temas**. Editora Universitária, 2003.

HOUAISS, Dicionário On-line. Disponível em:

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#0. Acesso em 15 de setembro de 2020.

HUBACK, Ana Paula da Silva. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos (Columbia University). **D.E.L.T.A.**, 29:1, (79-94). 2013.

HUBACK, Ana Paula da Silva. **Efeitos de frequência nas representações mentais**. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2007.

JUNIOR, Wellington Araujo Mendes. CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Lenição gradiente do tepe intervocálico. **Gradus** 3.2, p. 14–31. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KEMMLER, Rolf. Para a história da ortografia simplificada. *In: Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. SILVA, Maurício (org.), São Paulo: Contexto, 2009.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Cambridge: Blackwell, 1996.

LEITE, Cândida Mara Britto. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2010.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LOTH, Leda Marque. **Regularidades ortográficas contextuais: Atividades de intervenção educacional**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2015.

MARROQUIM, Mário. A língua do Nordeste. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996. [1934].

MARTINS, Karine Gonçalves. **Variação na escrita do /r/ final: uma análise em textos escritos e dados orais de alunos do Ensino Fundamental I**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Federal de Ouro Preto. 2019.

MARTINS, Raquel Márcia Fontes; GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira. Efeitos de frequência na produção escrita de encontros consonantais. Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 39 (2): p. 440-451, mai.-ago. 2010.

MENEZES, Bruna Lorryanne Dias. SILVA, Greize Alves. A variação do rótico em cidades tocaninenses: em busca de uma norma fonética. **Revista Desafios** – v. 03, n. Especial, 2016.

MIRANDA, Izabel Cristina Campolina. GUIMARÃES, Daniela Mara Oliveira. Contribuição dos modelos multirrepresentacionais à variação fonológica. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 214-227, jan./jun., 2013

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** Tese de Doutorado. PUC-RS, 1997.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O Apagamento da Vibrante Pós-vocálica nas Capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje.** Porto Alegre. v. 35, nº 1. p. 275-284. março de 2000.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. QUEDNAU, Laura Rosane. HORA, Dermeval da. As consoantes do Português. *In*: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 5 ed., rev. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MORAIS, Artur Gomes de. A norma ortográfica do português: o que é? para que serve? como está organizada? *In*: **Ortografia na sala de aula.** SILVA, A., MORAIS, A. G., MELO, K. L. R. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 1998.

NÓBREGA, Maria José. **Ortografia.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

OLIVEIRA, Aline de Jesus Farias. **O apagamento do rótico na (re)organização silábica.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

OLIVEIRA, Aline de Jesus Farias. CALLOU, Dinah Maria Isensee. A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE,** Natal, RN : EDUFRN, 2014.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids.** (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia. 1983.

OLIVEIRA, Sabrina Evelyn Cruz. PRADO, Natália Cristine. O apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais em redações de alunos do Ensino Fundamental II. **Revista Falange Miúda.** Roraima. Volume 5, número 2, p. 68-86. maio-julho. 2020.

PHILLIPS, Betty. Word Frequency and the Actuation of Sound Change. *Language.* Vol. 60, n. 2, p 320-342, junho, 1984.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar Dynamics: Word frequency, lenition and contrast. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency effects and the emergence of linguistic structure.** Amsterdam: John Benjamins, 2000.

PIERREHUMBERT, Janet. **The dynamic lexicon.** Department of Linguistics and Northwestern Institute on Complex Systems Northwestern University, Evanston, 2010.

REIS, Mariléia; DIAS, Almerinda Bianca Batti. A vibrante final de infinitivo na fala de crianças em fase final de aquisição da linguagem: o efeito cumulativo de natureza fonomorfo sintática sobre o fonema /r/. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.** V. 4, n. 7, agosto de 2006.

RENNICKE, Iris Emilia. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 1º sem. 2016.

RENNICKE, Iris Emilia. **Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2015.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROMANINO, Julhana Cella. **Ensino da Ortografia**: Uma proposta de trabalho reflexivo com o 7º ano do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel – PR . 2016.

SAGGIOMO, Fernanda Luiz. **Um estudo acerca dos erros ortográficos de alunos do terceiro e do sexto ano do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pelotas. Pelotas – RS. 2018

SEARA, Izabel Christine. NUNES, Vanessa Gonzaga. LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**: 2º período. São Paulo: Contexto, 2011.

SENE, Marcus Garcia de; ORANGES, Caio Santilli. Fala [ø] e escreve [ø]: variação do rótico em posição de coda na escrita escolar de Uberaba/MG. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 165-181, jan./jun. 2017.

SILVA, Alexsandro da. MORAIS, Artur Gomes de. Ensinando ortografia na escola. *In*: **Ortografia na sala de aula**. SILVA, A., MORAIS, A. G., MELO, K. L. R. (orgs.) Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. 2018. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SOARES, Magda. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

TORRES, Paula Freitas de Jesus. OLIVEIRA, Josane Moreira de. O apagamento do -r no final de vocábulo em produções escolares na cidade de Feira de Santana – BA. **Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 01** – Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

VIEIRA, Vinicius da Silva. A ortografia nos livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos das séries finais do Ensino Fundamental. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, p. 148-167, jan./jun. 2016.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever**: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Frequência de Ocorrência no *corpus* do BADESC

Verbos	Ocorrências	Verbos	Ocorrências
ser	90	evitar	7
fazer	73	levar	7
ter	51	melhorar	7
acabar	39	prejudicar	7
ver	34	sonhar	7
cuidar	32	abrir	6
ficar	32	agir	6
falar	29	chorar	6
parar	29	colocar	6
fumar	22	crescer	6
estar	20	destruir	6
jogar	20	dormir	6
ajudar	19	investir	6
dar	19	morrer	6
matar	18	pagar	6
saber	18	tomar	6
usar	18	namorar	6
sair	17	andar	5
dizer	15	assistir	5
ir	15	comer	5
pensar	15	conhecer	5
trabalhar	15	conversar	5
passar	14	criar	5
brincar	13	entender	5
beber	12	morar	5
preservar	12	pedir	5
viver	12	praticar	5
estudar	11	procurar	5
mudar	11	tentar	5
ler	10	vencer	5
poder	10	vender	5
roubar	10	aceitar	4
aprender	9	amar	4
chamar	9	colher	4
desmatar	9	contar	4
olhar	9	descobrir	4
pegar	9	dever	4
tirar	9	ganhar	4
comprar	8	haver	4
deixar	8	meter	4
acontecer	7	ouvir	4

cair	7	perceber	4
causar	7	poluir	4
chegar	7	proteger	4
queimar	4	colaborar	2
querer	4	compartilhar	2
resolver	4	conseguir	2
respeitar	4	curtir	2
seguir	4	dançar	2
sentir	4	derrubar	2
sobreviver	4	descer	2
sofrer	4	discutir	2
tocar	4	ensinar	2
trazer	4	esperar	2
voltar	4	esquecer	2
acampar	3	estuprar	2
achar	3	fechar	2
acreditar	3	fugir	2
agradecer	3	ligar	2
arrepender	3	machucar	2
assumir	3	manter	2
bater	3	molhar	2
brilhar	3	obter	2
cantar	3	perguntar	2
começar	3	pirraçar	2
construir	3	prender	2
continuar	3	preparar	2
correr	3	quebrar	2
drogar	3	rachar	2
entrar	3	reciclar	2
importar	3	refletir	2
largar	3	soltar	2
lutar	3	sustentar	2
mandar	3	transformar	2
mostrar	3	tratar	2
perder	3	utilizar	2
pescar	3	valorizar	2
plantar	3	viajar	2
precisar	3	virar	2
prestar	3	voar	2
prevenir	3	zelar	2
rir	3	acompanhar	1
salvar	3	decompor	1
tornar	3	defender	1
agredir	2	deitar	1
aguentar	2	acostumar	1

aproveitar	2	adiantar	1
avisar	2	admirar	1
banhar	2	afastar	1
beijar	2	afetar	1
casar	2	agradar	1
cassar	2	alcançar	1
citar	2	alegrar	1
almoçar	1	dissolver	1
apagar	1	divertir	1
aplicar	1	doar	1
arrecadar	1	duvidar	1
arrumar	1	economizar	1
assassinar	1	encantar	1
atingir	1	enfraquecer	1
atormentar	1	ensaboar	1
atrair	1	entupir	1
aumentar	1	enturmar	1
brigar	1	enxergar	1
buscar	1	erguer	1
caminhar	1	escrever	1
capinar	1	estabelecer	1
chover	1	exercitar	1
chupar	1	experimental	1
clarear	1	explicar	1
cobrir	1	expressar	1
combater	1	faltar	1
combinar	1	fascinar	1
cometer	1	fornecer	1
comportar	1	frequentar	1
compreender	1	furtar	1
confiar	1	gargalhar	1
confundir	1	gastar	1
conscientizar	1	gerar	1
consumir	1	guardar	1
controlar	1	guiar	1
conviver	1	homenagear	1
cortar	1	imaginar	1
crer	1	implantar	1
criticar	1	inalar	1
cultivar	1	incentivar	1
cumprir	1	inchar	1
danar	1	incomodar	1
denunciar	1	informar	1
depender	1	irritar	1
desabafar	1	jantar	1

desaparecer	1	justificar	1
desconfiar	1	lembrar	1
descrever	1	limpar	1
desenhar	1	livrar	1
desistir	1	maltratar	1
despedir	1	merecer	1
desperdiçar	1	mexer	1
dialogar	1	obedecer	1
diminuir	1	obrigar	1
dirigir	1	padecer	1
discriminar	1	partir	1
pintar	1	remoer	1
piorar	1	reparar	1
pregar	1	repousar	1
preocupar	1	reprovar	1
pressionar	1	respirar	1
produzir	1	sentar	1
punir	1	servir	1
receber	1	subir	1
recomeçar	1	suportar	1
recompensar	1	transmitir	1
reconhecer	1	unir	1
recuperar	1	varrer	1
reduzir	1	viciar	1
refrescar	1	vir	1
regrar	1	xingar	1

APÊNDICE B – Frequência de Apagamento no *corpus* do BADESC

Verbos	Apagamento	Verbos	Apagamento
parar	13	tomar	2
cuidar	7	trabalhar	2
falar	7	ver	2
comprar	6	virar	2
preservar	6	abrir	1
jogar	5	aceitar	1
prejudicar	5	achar	1
beber	4	acompanhar	1
melhorar	4	alcançar	1
roubar	4	aprender	1
tornar	4	arrecadar	1
usar	4	assistir	1
desmatar	3	avisar	1
ficar	3	brincar	1
levar	3	caçar	1
passar	3	causar	1
pescar	3	chegar	1
sonhar	3	chover	1
tirar	3	chupar	1
ajudar	3	citar	1
acabar	2	cobrir	1
andar	2	colaborar	1
bater	2	começar	1
cair	2	compartilhar	1
chamar	2	comportar	1
conversar	2	conseguir	1
correr	2	cortar	1
crescer	2	cumprir	1
deixar	2	dar	1
dormir	2	danar	1
entrar	2	derrubar	1
fechar	2	desabafar	1
fumar	2	desaparecer	1
gastar	2	descer	1
morar	2	desistir	1
mostrar	2	discutir	1
pegar	2	drogar	1
perder	2	duvidar	1
poder	2	economizar	1
procurar	2	ensaboar	1
quebrar	2	ensinar	1

sair	2		enturmar	1
salvar	2		enxergar	1
sofrer	2		erguer	1
escrever	1		perguntar	1
estar	1		praticar	1
estabelecer	1		preocupar	1
entender	1		prestar	1
estuprar	1		proteger	1
evitar	1		queimar	1
explicar	1		rachar	1
fazer	1		reconhecer	1
haver	1		respirar	1
investir	1		rir	1
ligar	1		sentir	1
limpar	1		servir	1
mandar	1		suportar	1
matar	1		ter	1
mexer	1		transformar	1
molhar	1		transmitir	1
morrer	1		vender	1
mudar	1		viajar	1
namorar	1		viver	1
ouvir	1		zelar	1

APÊNDICE C – Frequência de Ocorrência no *corpus* NILC

Verbos	Ocorrências	Verbos	Ocorrências
ser	73947	andar	2572
ter	32233	começar	2571
fazer	21913	vencer	2533
partir	14819	enfrentar	2527
querer	14111	obter	2467
poder	10065	abrir	2467
dar	9729	seguir	2452
ver	9006	discutir	2443
dizer	7931	reduzir	2437
estar	7119	pensar	2418
ficar	7013	garantir	2400
saber	6544	acabar	2285
chegar	5618	votar	2257
falar	5500	vender	2252
evitar	5382	contar	2188
deixar	4729	esperar	2166
entrar	4709	realizar	2164
manter	4692	entender	2039
tentar	4597	explicar	2026
ir	4456	ajudar	1996
pagar	4407	conhecer	1961
receber	4302	acontecer	1941
passar	4241	produzir	1892
haver	4236	cair	1888
jogar	4103	ouvir	1884
sair	3961	tornar	1866
levar	3941	tirar	1861
usar	3698	definir	1850
criar	3693	atender	1843
ganhar	3522	escrever	1819
trabalhar	3472	parecer	1808
aumentar	3449	olhar	1807
voltar	3438	disputar	1779
comprar	3393	impedir	1772
participar	3279	parar	1741
encontrar	2972	decidir	1691
perder	2964	resolver	1679
mostrar	2934	lançar	1674
continuar	2897	defender	1659
conseguir	2863	viver	1618
mudar	2841	matar	1611
pedir	2814	ocorrer	1607

tomar	2787		melhorar	1597
apresentar	2696		assumir	1589
colocar	2691		apoiar	1531
atingir	1531		utilizar	1118
aceitar	1525		comentar	1106
lembrar	1520		identificar	1098
investir	1519		servir	1095
subir	1509		descobrir	1094
jantar	1487		conquistar	1086
cumprir	1484		provar	1080
escolher	1482		pegar	1072
responder	1478		gerar	1068
ler	1476		investigar	1063
fechar	1474		analisar	1061
crescer	1469		determinar	1051
permitir	1468		avaliar	1047
acompanhar	1438		formar	1039
negociar	1423		aproveitar	1035
trazer	1413		ocupar	1029
vir	1396		iniciar	1026
buscar	1373		adotar	1023
transformar	1368		conversar	1010
marcar	1361		desenvolver	1005
construir	1361		provocar	994
chamar	1351		repetir	992
assistir	1334		aparecer	986
procurar	1332		julgar	985
oferecer	1326		aplicar	984
correr	1318		superar	979
promover	1311		sofrer	967
tratar	1294		atrair	966
combater	1276		afirmar	963
acreditar	1269		ampliar	943
estudar	1263		atacar	943
considerar	1250		incluir	942
diminuir	1236		achar	933
sentir	1224		prestar	928
tocar	1215		aprender	928
controlar	1214		propor	923
montar	1196		convencer	923
atuar	1194		apurar	920
recorrer	1191		exigir	920
funcionar	1176		substituir	920
aprovar	1159		visitar	917
estabelecer	1159		viajar	916

recuperar	1147		divulgar	915
fugir	1138		bater	915
reunir	1135		anunciar	914
trocar	1133		terminar	903
conter	1133		virar	900
retirar	1127		cobrar	897
morrer	1123		imaginar	884
entregar	883		salvar	685
enviar	879		comemorar	672
comer	875		regular	668
verificar	862		adquirir	668
representar	860		cobrir	666
agir	851		instalar	665
concluir	846		informar	663
alterar	837		organizar	662
facilitar	834		demonstrar	661
preparar	833		valer	659
gastar	826		circular	654
reconhecer	826		precisar	653
concorrer	800		ligar	647
perceber	789		depende	646
dirigir	789		contratar	644
indicar	785		elevar	642
dormir	782		lutar	633
causar	779		baixar	632
requerer	777		impor	631
esquecer	772		optar	626
proteger	772		compreender	618
existir	772		cortar	617
alcançar	764		corrigir	612
eliminar	759		assegurar	608
cuidar	755		reforçar	608
revelar	754		exercer	607
operar	753		quebrar	600
distribuir	752		dividir	598
dever	747		fixar	595
observar	744		levantar	592
custar	741		integrar	591
permanecer	741		publicar	591
eleger	739		rever	590
escapar	732		perguntar	586
justificar	723		reverter	582
financiar	722		suspender	577
fornecer	721		registrar	573
estimular	718		prejudicar	571

auxiliar	714		liberar	566
confirmar	714		criticar	564
acertar	706		morar	560
assinar	704		transmitir	560
cantar	701		durar	559
abandonar	700		esclarecer	557
completar	696		compor	556
gravar	693		depor	554
mandar	693		explorar	548
treinar	687		preservar	547
negar	686		governar	543
administrar	541		prender	437
casar	541		colher	436
esconder	540		competir	433
compensar	539		romper	432
complementar	536		denunciar	429
importar	533		sustentar	429
sobreviver	533		comparar	425
admitir	533		encerrar	424
derrubar	531		render	423
implantar	529		temer	423
citar	528		manifestar	422
segurar	527		consultar	421
praticar	523		exibir	420
afastar	522		adaptar	419
comparecer	518		roubar	419
conceder	513		convocar	417
alimentar	512		renunciar	416
declarar	511		destruir	416
examinar	508		concentrar	415
retornar	503		rir	415
contribuir	499		ensinar	412
elaborar	497		converter	410
forçar	495		calcular	407
prever	492		derrotar	407
retomar	491		conduzir	406
escalar	484		aguardar	404
surgir	483		interpretar	402
medir	481		executar	401
intervir	480		expor	400
viabilizar	479		anular	398
transferir	475		testar	396
reclamar	472		arrecadar	394
pressionar	466		percorrer	392
conferir	465		ultrapassar	391

orientar	464		notar	389
comprometer	461		reagir	389
adiar	460		ceder	387
recolher	460		captar	386
apontar	458		dedicar	385
antecipar	456		acelerar	383
lidar	456		beneficiar	383
processar	456		beber	383
fiscalizar	453		candidatar	380
emitir	449		alugar	378
punir	446		dançar	376
preocupar	443		unir	375
devolver	442		limitar	370
refletir	442		crer	370
incentivar	439		mexer	370
resgatar	369		nascer	317
comprovar	368		constituir	317
consolidar	367		supor	316
resistir	367		ignorar	316
imprimir	364		atrapalhar	314
descrever	363		significar	313
preencher	363		chorar	312
comandar	362		desejar	312
livrar	362		questionar	311
resultar	362		introduzir	311
brincar	358		renovar	309
respeitar	358		acrescentar	307
conviver	358		fabricar	307
faltar	356		suportar	306
sugerir	356		prosseguir	306
possuir	355		proceder	305
torcer	354		interferir	305
encaminhar	351		embarcar	302
cometer	350		afetar	301
modificar	349		interromper	300
aproximar	348		vestir	300
comunicar	348		estrear	298
localizar	348		experimental	298
distinguir	346		recusar	298
detectar	343		desviar	297
envolver	343		inaugurar	297
variar	342		caminhar	296
avançar	341		demorar	295
repassar	336		atravessar	294
solicitar	335		fumar	294

gostar	334	deter	293
apreciar	333	colaborar	290
guardar	333	arrumar	289
juntar	333	decorrer	289
proibir	332	descansar	287
constatar	331	abrigar	286
filmar	329	debater	286
invadir	327	fortalecer	286
submeter	326	prevenir	286
encarar	325	armar	285
desistir	324	checar	285
classificar	323	estender	285
apostar	322	dobrar	284
lavar	321	condenar	283
exportar	320	surpreender	281
faturar	320	coordenar	279
descer	319	contestar	278
separar	318	agradar	277
dominar	317	destacar	277
demitir	276	incorporar	237
vigorar	275	coibir	236
nomear	274	recuar	235
botar	273	desconhecer	235
pintar	273	restringir	235
protestar	273	influenciar	234
favorecer	272	privatizar	233
aderir	272	plantar	232
obrigar	270	ajustar	231
doar	268	suprir	231
dispor	267	acordar	230
editar	265	combinar	230
solucionar	265	traduzir	230
concordar	263	fotografar	229
confundir	263	limpar	229
autorizar	262	gritar	228
efetuar	262	contornar	226
transportar	262	priorizar	226
brigar	261	traçar	226
atribuir	259	divertir	226
insistir	258	acionar	225
preferir	258	dificultar	224
atirar	257	movimentar	224
expressar	257	avisar	223
carregar	256	inventar	223
apelar	253	mobilizar	222

equilibrar	253		consumir	222
disciplinar	252		pronunciar	220
ameaçar	250		queimar	220
cruzar	250		implementar	218
reproduzir	250		designar	217
empatar	249		economizar	217
satisfazer	249		absorver	217
articular	248		agilizar	216
ressaltar	246		elementar	216
estabilizar	245		chutar	214
desaparecer	245		ingressar	214
passar	242		enxergar	213
minimizar	241		formular	213
amar	240		referir	210
arriscar	240		mencionar	208
caracterizar	240		cancelar	207
despertar	240		conciliar	207
reformular	240		abastecer	206
apagar	239		deduzir	206
convidar	238		planejar	205
valorizar	238		rodar	205
expandir	238		barrar	204
desfilar	237		errar	204
pesquisar	204		projetar	182
simular	204		saltar	182
apressar	203		bloquear	181
libertar	203		associar	179
inscrever	203		explodir	179
dispensar	202		intensificar	178
proporcionar	202		reivindicar	178
somar	202		agradecer	178
encher	202		pertencer	177
argumentar	201		desfazer	176
chover	201		pretender	176
acusar	199		acumular	175
atrasar	199		enganar	175
desenhar	199		relacionar	174
piorar	199		mover	174
poupar	199		constar	172
rejeitar	199		misturar	172
repor	198		pular	171
frequentar	198		extrair	170
sentar	198		agravar	169
liderar	197		aprimorar	169
arrancar	196		puxar	169

comercializar	196	comportar	168
adiantar	195	animar	167
sediar	195	driblar	167
abordar	194	bancar	166
almoçar	194	aperfeiçoar	165
alegar	193	deslocar	163
emprestar	193	extinguir	163
firmar	193	complicar	162
penetrar	193	largar	162
regulamentar	193	rezar	162
homenagear	192	refazer	162
conservar	191	colar	161
desempenhar	191	excluir	161
selecionar	191	conceber	160
soltar	190	reter	160
sonhar	190	influir	160
voar	190	modernizar	159
arcar	189	rolar	159
aprofundar	188	vingar	159
confiar	187	aguentar	158
aliviar	186	elogiar	158
prevalecer	186	restaurar	158
desembarcar	185	induzir	158
opor	184	aposentar	157
obedecer	184	depositar	157
decretar	182	possibilitar	157
interessar	182	relaxar	157
presidir	157	obstruir	136
empregar	156	reabrir	136
ordenar	156	contemplar	135
acalmar	155	imitar	135
namorar	155	inviabilizar	135
telefonar	155	destinar	134
apertar	154	ferir	134
neutralizar	154	relatar	133
zerar	154	restabelecer	133
disparar	153	recomendar	132
caber	153	diferenciar	131
consertar	152	espalhar	130
corresponder	152	engolir	130
reconstruir	151	apanhar	129
arranjar	150	frear	129
merecer	150	respirar	129
amenizar	147	agredir	128
descontar	147	multiplicar	127

desvendar	147		patrocinar	127
duvidar	147		reprimir	127
ilustrar	147		disfarçar	126
suplementar	146		ênfatizar	126
apreender	146		perseguir	126
assustar	145		estimar	125
beijar	145		renegociar	125
adequar	143		assassinar	124
incrementar	143		lamentar	124
concretizar	142		privilegiar	124
cursar	142		acatar	123
finalizar	142		seduzir	123
gerenciar	142		sorrir	123
manipular	142		descartar	122
celebrar	141		girar	122
fundar	141		nadar	122
acomodar	140		sinalizar	122
cassar	140		transar	122
isolar	140		vetar	122
mergulhar	140		aliar	121
inibir	140		enterrar	121
sacar	139		estourar	121
confessar	138		remover	121
decolar	138		discordar	120
escutar	138		reservar	120
empurrar	137		enquadrar	119
esquentar	137		posar	119
reajustar	137		regularizar	119
meter	137		inverter	119
curar	136		atualizar	118
expulsar	136		desconfiar	118
reparar	118		congelar	102
unificar	118		conscientizar	102
estranhar	117		desafiar	102
abater	117		educar	102
assaltar	116		narrar	102
pescar	116		pisar	102
prorrogar	116		responsabilizar	102
cultivar	115		enxugar	101
evoluir	115		fracassar	101
proferir	115		limiar	101
abusar	114		navegar	101
recordar	114		pulmonar	101
recompor	113		abalar	100
armazenar	113		anotar	100

programar	113	cumprimentar	100
alertar	112	gozar	100
contentar	112	incomodar	100
estacionar	112	monitorar	100
posicionar	112	paralisar	100
suspeitar	112	reeditar	100
mentir	112	sobrar	100
desligar	111	desembolsar	99
prolongar	111	reestruturar	99
especificar	110	retardar	99
repensar	110	acender	99
retratar	110	remeter	99
especular	109	instituir	99
socorrer	109	costurar	98
exprimir	109	figurar	98
esvaziar	108	instaurar	98
inserir	108	simplificar	98
admirar	107	visualizar	98
cozinhar	107	erguer	98
paladar	107	curtir	98
reafirmar	107	persistir	98
revogar	107	capturar	97
zelar	107	copiar	97
brilhar	106	reencontrar	97
liquidar	106	discursar	96
resumir	106	recriar	96
contrariar	105	ofender	96
festejar	105	iludir	96
honrar	105	chefiar	95
situar	105	saldar	95
calar	103	vincular	95
compartilhar	103	decifrar	94
guiar	103	desencadear	94
providenciar	103	engordar	94
adivinhar	102	furar	94
motivar	94	assentar	85
pousar	94	coletar	85
vigiar	94	desestabilizar	85
exceder	94	pleitear	85
reconstituir	94	sacrificar	85
coleccionar	93	enriquecer	85
deitar	93	despedir	85
dialogar	93	desestimular	84
diversificar	93	deslanchar	84
formalizar	93	iluminar	84

ressuscitar	93		indagar	84
difundir	93		acolher	84
caçar	92		renascer	84
encarnar	92		averiguar	83
esgotar	92		bombardear	83
multar	92		custear	83
opinar	92		direcionar	83
alavancar	91		explicitar	83
capitalizar	91		frisar	83
trair	91		perdoar	83
basear	90		quitar	83
encomendar	90		veicular	83
esticar	89		acentuar	82
innovar	89		decorar	82
premiar	89		desenrolar	82
dissolver	89		desmoralizar	82
reeleger	89		perturbar	82
contrair	89		soar	82
desarmar	88		emagrecer	82
desmontar	88		restituir	82
igualar	88		acessar	81
improvisar	88		cessar	81
travar	88		contaminar	81
chocar	87		impugnar	81
emplacar	87		irritar	81
impressionar	87		detalhar	80
pilotar	87		hospedar	80
qualificar	87		invocar	80
requisitar	87		culpar	79
sancionar	87		ensaiai	79
fingir	87		exercitar	79
assinalar	86		intimidar	79
espantar	86		resguardar	79
pregar	86		tapar	79
amanhecer	86		gerir	79
reviver	86		incidir	79
suceder	86		suprimir	79
encobrir	86		assimilar	78
acarretar	85		interrogar	78
mapear	78		ditar	69
notificar	78		indenizar	69
prescindir	78		prestigiar	69
desprezar	77		propiciar	69
engrossar	77		sensibilizar	69
reformular	77		sortear	69

sanear	77	tranquilizar	69
atenuar	76	triplicar	69
desabar	76	prover	69
desvincular	76	ratificar	68
erradicar	76	reconquistar	68
fraudar	76	sequestrar	68
inspirar	76	testemunhar	68
legislar	76	enfraquecer	68
modelar	76	baratear	67
reavaliar	76	boicotar	67
abafar	75	conectar	67
amarrar	75	cooperar	67
flexibilizar	75	impulsionar	67
postular	75	absolver	67
recomeçar	75	aterrissar	66
entrevistar	74	esfriar	66
ocultar	74	implicar	66
ousar	74	portar	66
coincidir	74	subsidiar	66
abraçar	73	condicionar	65
falhar	73	desrespeitar	65
aquecer	73	encaixar	65
apitar	72	reativar	65
arquivar	72	sonegar	65
confrontar	72	ímpar	64
discriminar	72	agarrar	64
exagerar	72	cadastrar	64
fluir	72	descentralizar	64
desfrutar	71	engravidar	64
tolerar	71	injetar	64
transitar	71	molar	64
vazar	71	perpetuar	64
violar	71	reciclar	64
abolir	71	omitir	64
emergir	71	arbitrar	63
usufruir	71	interditar	63
clicar	70	supervisionar	63
democratizar	70	vacinar	63
encostar	70	fundir	63
suscitar	70	recair	63
tremer	70	rediscutir	63
redigir	70	compatibilizar	62
arrastar	69	enfiar	62
estuprar	62	emendar	56
sublinhar	62	enfocar	56

sumir	62		indexar	56
atentar	61		popularizar	56
configurar	61		proclamar	56
empenhar	61		reabilitar	56
esboçar	61		revisar	56
inocentar	61		sintetizar	56
burlar	60		Renascer	56
conformar	60		censurar	55
despencar	60		certificar	55
varrer	60		decepcionar	55
embutir	60		embargar	55
alongar	59		evocar	55
cogitar	59		legitimar	55
estragar	59		licenciar	55
forjar	59		normalizar	55
legalizar	59		diluir	55
oficializar	59		interagir	55
saborear	59		afundar	54
tumultuar	59		agitar	54
empreender	59		esquiar	54
desmentir	59		minar	54
discernir	59		profissionalizar	54
angular	58		remunerar	54
arrebentar	58		saudar	54
assessorar	58		sintonizar	54
despachar	58		reger	54
documentar	58		redefinir	54
homologar	58		delegar	53
isentar	58		disseminar	53
queixar	58		falimentar	53
recolocar	58		reorganizar	53
relembra	58		entrevir	53
tributar	58		distrair	53
sacudir	58		sucumbir	53
adorar	57		centralizar	52
amargar	57		cercar	52
dotar	57		contatar	52
duplicar	57		engajar	52
encurtar	57		equipar	52
intermediar	57		esforçar	52
lucrar	57		vibrar	52
presentear	57		instruir	52
revistar	57		agregar	51
salientar	57		cabecear	51
sanar	57		desqualificar	51

acirrar	56	diagnosticar	51
acostumar	56	digital	51
racionalizar	51	tecer	40
agendar	50	presumir	40
brecar	50	surtir	40
desperdiçar	50	doer	39
encenar	50	endurecer	39
ensejar	50	colorir	38
planar	50	encarecer	37
secar	50	reescrever	37
suar	50	Por	36
empolgar	49	banir	36
taxar	49	digerir	36
ferver	49	ascender	35
aspirar	48	corromper	35
batizar	48	incorrer	35
consagrar	48	denegrir	35
deliberar	48	expedir	35
desconsiderar	48	reaparecer	34
desgastar	48	reerguer	34
equacionar	48	transcrever	34
estruturar	48	repartir	34
frustrar	48	persuadir	33
gear	48	repercutir	33
maximizar	48	subscrever	32
sobrevoar	48	arguir	32
sufocar	48	cuspir	32
vistoriar	48	devir	32
advertir	48	implodir	32
aferir	48	reassumir	32
descumprir	48	rescindir	32
ressarcir	48	interpor	31
abortar	47	desobstruir	31
aplaudir	47	repelir	31
demolir	47	precaver	30
ingerir	47	dirimir	30
envelhecer	46	extorquir	30
progredir	46	residir	30
arrepender	45	ressurgir	30
transpor	44	subtrair	30
entreter	44	aborrecer	29
reaver	44	distorcer	29
retribuir	44	subverter	29
desobedecer	43	encolher	28
enlouquecer	43	retroceder	28

revender	43		consistir	28
transparecer	43		indeferir	28
inferir	43		nutrir	28
amadurecer	42		redescobrir	28
anoitecer	41		transigir	28
reler	41		antever	27
constranger	27		remir	19
corroer	27		abster	18
obscurecer	27		derreter	18
despir	27		escorrer	18
prostituir	27		esculpir	18
redimir	27		adormecer	17
sobrepor	26		anteceder	17
reabastecer	26		desmerecer	17
roer	26		pender	17
acudir	26		advir	17
deferir	26		brandir	17
destituir	26		descontrair	17
infringir	26		despoluir	17
ruir	26		dissuadir	17
estremecer	25		provir	17
locomover	25		redistribuir	17
tender	25		sobressair	17
convergir	25		auferir	16
parir	25		erigir	16
reconduzir	25		impingir	16
comover	24		transgredir	16
florescer	24		indispor	15
predizer	24		contradizer	15
entardecer	23		escurecer	15
equivaler	23		remexer	15
falecer	23		afligir	15
padecer	23		colidir	15
ranger	23		polir	15
assistir	23		adoecer	14
consentir	23		espairecer	14
subsistir	23		reaprender	14
discorrer	22		divergir	14
rejuvenescer	22		retransmitir	14
transcorrer	22		aceder	13
poluir	22		alvorecer	13
revestir	22		depreender	13
pressupor	21		deprimir	13
amortecer	21		decompor	12
intrometer	21		apodrecer	12

coexistir	21		desdizer	12
convir	21		interceder	12
retroagir	21		moer	12
enaltecer	20		perecer	12
preceder	20		devir	12
transcender	20		abstrair	12
volver	20		entupir	12
eximir	20		falir	12
comprimir	19		intuir	12
inquirir	19		pressentir	12
reconvir	12		impelir	6
submergir	12		infundir	6
aludir	11		perquirir	6
incutir	11		refluir	6
inexistir	11		reinstituir	6
insurgir	11		rugir	6
reintroduzir	11		subdividir	6
tossir	11		construir	5
decair	10		afluir	5
desconstituir	10		franzir	5
incumbir	10		fruir	5
preterir	10		grunhir	5
prevenir	10		surdur	5
apor	9		tinir	5
coagir	9		travestir	5
desferir	9		agir	4
escapular	9		cingir	4
expelir	9		dissentir	4
latir	9		evadir	4
readquirir	9		florir	4
aduzir	8		partir	4
cindir	8		recobrir	4
contundir	8		resistir	4
desconstruir	8		substituיר	4
desentupir	8		transferir	4
diferir	8		zunir	4
elidir	8		avir	3
exaurir	8		cerzir	3
imergir	8		desiludir	3
infligir	8		desimpedir	3
oprimir	8		desincumbir	3
readmitir	8		desunir	3
regredir	8		diminuir	3
ressentir	8		eclodir	3
tingir	8		entreouvir	3

construir	7		esgrimir	3
descair	7		esvair	3
imiscuir	7		fremir	3
luzir	7		frigir	3
reinquirir	7		insistir	3
adquirir	6		reincidir	3
arguir	6		reluzir	3
bulir	6		sobrevir	3
descolorir	6		zumbir	3